This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

https://books.google.com

A 955,614

Digitized by Google

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ANTÓNIO SARDINHA

DURANTE A FOGUEIRA

Páginas da Guerra

LIVRARIA UNIVERSAL
DE
ARMANDO J. TAVARES
28, CALÇADA DO COMBRO, 30
LISBOA

301

Digitized by Google

AC
75
.S 2473

Digitized by Google

517/12 - 013

A DEMOCRACIA E A GUERRA

Digitized by Google

Digitized by Google

A DEMOCRACIA E A GUERRA

Em mau terreno colocaram os Aliados a defesa da sua causa. A democracia, de que estrondosamente se dizem os paladinos, é a raiz intima da inutilidade, até hoje bem patente, de todos os seus extraordinários esforços militares. A disciplina, sem a qual não ha exercito nem a guerra se faz com proveito, exclue fundamentalmente o êrro liberalista que os Aliados porfiam em cultivar e servir. A questão está-se desviando do seu verdadeiro eixo de equilibrio para um terreno mais que resvaladiço,—para um terreno que, dum modo ou de outro, só nos póde ser motivo de desastres irreparaveis. Esquecem-se as velhas aspirações nacionais para a luta se instalar numa solidariedade cosmopolita de princípios. Já não é a França que combate pela França, a Inglaterra que combate pela Inglaterra. São antes o govêrno francês e o govêrno inglês batendo-se pela parcialidade que representam e que a todo o custo procuram impôr. Não ha que duvidar:—ao imperialismo germânico um outro imperialismo se opõe,—o imperialismo

Digitized by Google

democrático, se não lhe quisermos chamar com precisão imperialismo maçonico.

No entanto, os factos, de dia para dia, demonstram-nos os resultados fatais dessa cegueira, que só traduz o menosprêso de tanto e tanto sacrificio por parte dos tradicionalistas na tremendissima catástrofe que esmaga, ha três anos, a Europa crucificada. As consequencias verificam-se,—e verificam-se num simples relance de olhos. Qual a base de resistencia dos Centrais a um circulo de ferro que os teria já esmagado, se uma causa profunda não anulasse a superioridade de numero e de posição com que a cada hora se defrontam e de que conseguem sempre desembaraçar-se com exito? Só os obcecados é que o não vêem. E' uma suficiencia de natureza orgânica,—uma suficiencia de instituições, de estabilidade governativa, que, infelizmente para nós, os Aliados não conhecem, tontos como vivem no seu sonho estulto de democratisarem o mundo.

A revolução na Russia, se uma demencia, que começa a ser aterradora, não dominasse a todos,—a revolução da Russia bastava já de si para prevenir os estadistas, que nos hão-de conduzir á vitória, de quanto é incerto e traiçoeiro o caminho por onde encarreiram. Não bastou, desgraçadamente. No seu apêlo ás forças negativas da sociedade, os Aliados, constantemente a contar com a revolução na Alemanha, parece que desistiram de vencer militarmente para triunfarem apenas pela subversão da ordem estatuida. Se assim é, terriveis surpre-

Digitized by Google

sas os esperam! A atitude do exercito espanhol é já nesse sentido um aviso significativo. Não sei o que será amanhã a atitude da Grecia, dada a sua inteira identificação com o rei deposto, que, depois de um brilhante passado guerreiro, é atirado abaixo do trono unicamente por ser o interprete das tendencias do seu povo.

Existe aqui um manifesto desacordo entre o enunciado frequente de protecção ás pequenas nacionalidades, de que os Aliados fizeram a mais bela divisa dos seus estandartes, e o seu inexplicavel procedimento para com a côrte de Atenas, que as exigencias da guerra justificarão, mas que talvês a história haja de emparceirar com palavras rigorosas ao lado da violação da neutralidade da Belgica.

Não insisto na análise dum ponto tão melindroso como êste se me revela. O que eu entro a receiar é que se realise a previsão de Renan. Lembrei-a já a propósito dos acontecimentos da Russia. Não é demais lembra-la outra vez, embora peça a Deus para que ela não seja o remate fatidico desta especie de festim de Baltasar, em que o desvario democrático dos Aliados nem de longe se preocupa com o destino implacavel que nos parece andar preparando. «Se a realeza,— escrevia Renan numa hora bem amarga para a França—, se a realeza e o militarismo estão perdidos nos povos latinos, os povos latinos provocam uma nova invasão germanica e êles a sofrerão.» Não pensam, po-

Digitized by Google

rém, assim os Lloyd George e os Ribot. Os fructos da sua obsessão recolhem-se na ansia aflicta com que se agarram ás promessas da intervenção americana, subalternisando o nosso continente á formula arrogante de Monroe e promovendo — quem sabe? — a decaída próxima da hegemonia da Europa no concerto da civilisação.

Depois, tão errada é a estrada por onde os Aliados se lançaram com um afinco que é dificil de compreender, se o não explicarmos como uma razão universal de seita, que a força superior das circunstancias os obriga a contradizerem-se perante as necessidades mais altas da sua legitima defeza. Já aludi á pressão exercida sobre a Grecia, no mais absoluto desprezo pelos sentimentos dessa nação. Refiro-me agora ás resoluções tomadas em face da conferencia de Stockolmo, que são a negação de quanto se proclama e afirma a todo o instante na oratoria parlamentar em que os Aliados não deixaram nunca de se mostrar fecundos. Fomentaram êles com a sua exportação revolucionaria a anarquia irreparavel da Russia. No fim de contas, quem iluminou foi Berlim. Declaram-se os portadores das mais sagradas reivindicações da democracia. Querem os socialistas usar duma dessas reivindicações, — e os Aliados só encontram solução para a dificuldade que com tanta logica os salteia, lançando mão de medidas que em nada correspondem ao papel emancipador de que se imaginam titulares. Entretanto, a cavalgada do Apocalise continúa avançando

Digitized by Google

no seu tropel de morte e a vitoria mantem-se sempre dificil em nos conceder o mais ligeiro dos seus sorrisos.

E unicamente, porquê? Unicamente, porque houve um homem chamado Jean-Jacques Rousseau, de quem Napoleão, passeando-lhe junto do tumulo, disse uma vez que para repouso da humanidade fôra melhor que não tivesse nascido.

Tal é a lição da guerra. Tal é a lição proveitosa que as gerações futuras certamente aprenderão no vendaval de loucura e sangue em que a Europa se enclavinha e despedaça, para que a sociedade a vir venha mais forte, mais robusta e menos iludida. A hora é uma hora de sinceridade,—uma hora de perigos suprêmos. Se a linguagem da verdade é esta, por que é então que nós outros, os tradicionalistas, tanto receio mostramos em a falar claramente?

Junho, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITAL E TRABALHO

Digitized by Google

Digitized by Google

CAPITAL E TRABALHO

Sendo contra os principios funestos da Revolução-Francêsa, nós sômos necessariamente contra a organisação economica da sociedade moderna. O Trabalho e a Propriedade sofreram com a obra da Revolução a influencia duma nova ordem de coisas, donde deriva imediatamente a crise que a todos nos toca e que escurece o horisonte com tão cerradas interrogações. O proletario, que nós vemos enfeudado ao cortejo dos agitadores politicos, deve á democracia a sua situação miseranda. A desorganisação individualista da Revolução, abolindo os quadros corporativos em que o Trabalho se protegia e defendia dos acasos da concorrencia, deixou o produtor entregue ao arbitrio da plutocracia, que é sem duvida a unica e a verdadeira criação do espirito revolucionario. Enganam-se os humildes se nas promessas falaciosas do erro democratico supõem encontrar a realisação das suas reivindicações justissimas! Um seculo inteiro de experiencias dolorosas mostra-nos que nunca a sorte das classes pobres póde ser tratada e minorada pelos governos

Digitized by Google

saídos do voto, que são estructuralmente governos sujeitos por defeito de origem á venalidade e á corrupção.

A incompatibilidade do sindicalismo com a democracia está hoje declarada e assente. Olhando ao largo, o que é que nós vêmos formando o séquito dos chamados «principios-liberais», com que se explora e ludibria ainda agora a mentalidade simplista do proletariado? Vêmos crescer e medrar uma turba-multa de devoradores, em cujo proveito a Revolução se consumou, dando lugar sobre uma sociedade baseada na idéa cristã da *honra,* a outra sociedade,—a sociedade burguêsa, baseada na idéa materialista do *interesse.* Assim é hoje sabido que a revolta dos camponêses na Vendèa e na Bretanha foi mais pelo amor dos nobres, que residiam nos seus domínios e praticavam para com as populações os seus deveres de autoridades-sociais, do que propriamente por uma explosão de lealismo ao Rei distante e desconhecido. A propriedade revestia-se então de um caracter comunitario que a tornava uma especie de servidão perpetua daqueles que viviam á sombra dela, sem nada de seu. Pois á ação salutar dos séculos, que da propriedade, tanto senhoril como colectiva, fizera o mais forte elemento da existencia do homem, a Revolução, atabalhoadamente, invocando sempre uma melhoria quimérica, substituiu os seus filantropismos legislativos, que logo se reflectiram na individualisação da terra por dinastias cubiçosas de novos se-

Digitized by Google

nhores, em nada obrigados ás tradições morais do passado. O enfraquecimento da actividade agricola começa daí. Começa daí o absenteismo. Os grandes centros preponderam. Com os excessos da tendencia urbanista o pauperismo aparece numa fase aguda e irreparavel pela dureza ainda mais irreparavel dos costumes. E na destruição das disciplinas historicas, que condicionavam e limitavam as fortunas de outrora, não demorou muito que o advento da maquina-a-vapôr entregasse de pés e mãos o Trabalho ao despotismo das oligarquias financeiras, nascidas da anarquia da Revolução.

E' á volta de 1830, duas ou tres gerações depois, que se entram a verificar os efeitos do individualismo economico com que nos presentearam os falsos dogmas de 89. Não se ignora o desprezo dos endinheirados do Liberalismo pelo esforço anónimo do trabalhador salariado. O regime do contracto, inaugurado pelo Codigo Civil, debaixo duma independencia ilusoria, só constituia a mais apertada das sujeições. Desenfreada, a lei durissima da Concorrencia torna-se de todo inexoravel na industrialisação progressiva da Produção. Chegára a hora maxima do Capitalismo. Ia reinar a bancocracia! «*Enrichissez-vous! Enrichissez-vous!*»—gritavam Thiers e Guizot aos seus contemporaneos. Só o oiro triunfava na desaparição da Nobreza, suplantada pela sêde desensofrida dos plutocratas, que são a lepra das sociedades em decadencia. «Quanto custa? Por quanto se vende?» E o espi-

Digitized by Google

rito de sacrificio,—o desejo elevado de *servir*, ninguem mais o conhecia. A Profissão deixára de ser uma dignidade, honrada por privilegios tão respeitados como os da Nobreza. E das angustias da situação miseranda, o proletario moderno, filho espurio da Revolução, atirou-se para a *guerra-social* com as pupilas ateadas em fogachos de desforra violenta.

Ora não é demais repetir que nós, tradicionalistas, não somos *conservadores,* mas sim *renovadores*. Como renovadores, o Capitalismo só merece a nossa condenação. Sômos francamente pelo movimento sindicalista, sem que com isso sejamos pelas arestas turbulentas de que ele se reveste por enquanto. Não confundamos as avançadas do grande exercito operario com a essencia das suas aspirações! O sindicalismo é por natureza uma tendencia organica. Já os seus economistas mais aclamados, como Sorel, Berth e Valois, o declaram nitidamente anti-democratico, prégando a necessidade do trabalhador se furtar ás agitações politicas para unicamente se integrar no espirito e no interesse da sua classe. Quando o movimento integralista proclama como uma das suas intenções fundamentais a organisação profissional, conta com o sindicalismo para repôr a sociedade na justa harmonia das suas forças economicas, — Propriedade Trabalho e Capital.

A Propriedade e o Trabalho, constituindo a pedra angular da Familia, constituem os alicerces ina-

Digitized by Google

lienaveis da Nacionalidade. Cosmopolita, mais facil de se furtar ás suas responsabilidades sociais, o Capital precisa de se restringir aos seus efeitos de relação entre a terra e o homem. Os desafôros do cambismo, envolvendo e universalisando a sociedade por meio da judiaria argentaria, empurram-nos fatalmente para a dissolução do conceito supremo da Patria. Impossibilitam por outro lado o operario de se hierarquisar como uma energia positiva e autónoma.

As democracias resultam daqui, agora e sempre, como as formas de governo mais aptas á supremacia da alta finança. São «*le pays de cocâgne rêvé par des financiers sans scrupules*», como Georges Sorel as define. A instabilidade do poder nos governos electivos e a sua conquista pela corrupção eleitoral torna-os por natureza regimes abertos, como nenhuns outros, ás imposições do plutotocratismo. A historia ensina-nos que assim é desde Roma. Cesar foi trazido aos ombros da plebe, faminta de reparações economicas. Ao longo da Idade-média a Realesa se consolida com apoio nas Comunas e nas insurreições municipais. Não escapou a Mommsen, o inspirador de Bismarck, a virtude das monarquias debaixo desse ponto de vista.

A legislação social do Imperio-alemão mereceu em Amsterdam, contra o lirismo democratico de Jaurés, a apologia insuspeita do insuspeitissimo Bebel. Hoje, e depois que Georges Sorel pôs nitidamente as democracias como governo de classes

Digitized by Google

contra classes, a hipotese da *Monarchie ouvrière* levanta-se em França com a deserção em massa dos trabalhadores á mentira ignobil da Liberdade e a sua entrada lenta, mas segura, nas fileiras entusiasmadas da *Action-Française*. A herança de Proudhon, inimigo da Revolução, renova-se e clarifica-se. E é bom lembrar que, através da influencia de Proudhon, Antero de Quental guiou entre nós os passos politicos de Oliveira Martins que, ao apelar para o *poder-pessoal* do Rei, não tinha em mente mais do que realisar em Portugal o ideal economico do cesarismo prussiano. São factos para que chamo a atenção dos nossos operarios. Dos tradicionalistas partiram sempre as vozes erguidas em seu favor. Ninguem os defendeu como o conde de Chambord, ninguem os defende como o marquês de la Tour du Pin. Dum glorioso Pontifice é êsse documento notavel, a enciclica *Rerum novarum,* que rasgadamente opôs ao doutrinarismo da Revolução, todo embebido numa idéa nefasta de guerra e antagonismo social, a idéa da harmonia e da justa correspondencia entre as diversas classes de que a sociedade é constituida. Não é outra a conclusão a que no seu livro *La biologie humaine* chega recentemente o ilustre dr. Grasset:—«*A sociedade é baseada não sobre a lei da lucta pela vida, mas sobre o dever da colaboração e do auxilio reciproco*».

Eis o fundamento do sindicalismo cristão e tradicionalista, confirmado pelas razões objectivas da

Digitized by Google

sciencia. Como tal, só um governo que não divida, mas que unifique, e em cujas condições de existencia a Propriedade e o Trabalho figurem como alicerces indisputaveis, poderá ir ao encontro do proletariado e dar-lhe satisfação duradoira.

A Monarquia é êsse governo, independente por indole propria, sobranceiro por posição ás oligarquias que o regime democratico gera inevitavelmente consigo. O operariado português pressente-o, mas não o entendeu ainda. Na hora em que o Rei, chefe natural da Nação, fôr tambem o juiz imparcial do Trabalho, então verá que o não iludem aqueles que mais nada lhe pedem senão que se *organise*, — que se *organise* contra tudo e apesar de tudo, se quiser ser forte, respeitado e temido. Assim o reconhece o *Integralismo Lusitano*, que no renascimento do espirito das classes depõe a solução dum dos mais graves problemas da vida nacional.

Julho, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

O CASO DA SUIÇA

Digitized by Google

Digitized by Google

O CASO DA SUIÇA

Quando se fala de democracia, é inevitavel logo o exemplo da Suiça como sendo a aplicação integral dos bons principios republicanos. Um estado de espirito ilusorio se constituiu, assim, em muita inteligencia simplista que admite ainda a possibilidade de haver no mundo uma republica onde a corrupção administrativa se não consorcie com a tirania dos partidos. A Suiça se apresenta como tal, considerada de longe, através das idéas feitas e das opiniões preconcebidas. Anda na boca de todos como um país modelo em que a liberdade dos cidadãos só é excedida nas suas consequencias admiraveis pela virtude admiravel dos governantes. A Suiça se cita por isso a cada instante, sempre que se invocam as realisações desgraçadas que á róda de nós a democracia nos apresenta. Podia a Suiça ser efectivamente uma excepção, que a excepção não invalidaria a regra. Mas sucede que o estudo da organisação politica suiça, precisamente na hora de crise gravissima que a Confederação atravessa, fornece-nos até um dos

Digitized by Google

apoios mais decisivos para quem se queira libertar de vez do preconceito democratico.

Acontece, antes de mais nada, que a Suiça não é uma Nação; e se forma na Europa um Estado, como Estado democratico, não tem politica exterior e vive absolutamente da condescendencia dos seus visinhos, bem mais poderosos do que ela. A existencia da Suiça deve-se, em primeiro logar, á sua situação geografica, e muito principalmente aos interesses das quatro nações que a limitam. «A Confederação não é apenas um paradoxo na Europa de hoje, em que ela reune sobre o mesmo solo, no respeito das mesmas instituições, homens feitos, na aparencia, para não se compreenderem nem amarem, diferentes em raça, em lingua e em religião», — escreve William Martin, publicista notavel de Genebra, no estudo *La Suisse devant la guerre,* publicado em agosto do ano passado na revista francesa *Le Correspondant.* «Êsse paradoxo é de hoje e é de ontem. Êle se perpetúa desde o dia em que a Confederação começou, sobre a campina lendaria de Gruttli, a sua evolução prodigiosa. Desde então a historia suiça não deixou mais de ser uma luta entre as tendencias centrifugas, sempre renascentes, e uma necessidade de união e coesão sempre triunfante.»

Assim se exprime William Martin, acentuando por um lado a naturesa excepcional da Confederação e por outro a sua constante tendencia para o esfacelamento. Constata-se, pois, que onde os ou-

Digitized by Google

tros vêem ordinariamente um elemento de prosperidade social — refiro-me ao excessivo espirito particularista da Suiça —, nós somos obrigados a considerar um puro caso de cantonalismo primitivo, subsistindo na Europa, não só pela circunstancia especial da situação geografica, como ainda pela conveniencia dos Estados confinantes em manter em neutral essa prega dos Alpes. William Martin o confirma: — «O espirito de divisão e a influencia estrangeira têem sido os factores decisivos da nossa existencia politica» — observa ele.

«E' necessario juntar-lhe um terceiro elemento, as questões economicas, que sempre desempenharam um papel preponderante nas preocupações dos Confederados. A razão é facil de se compreender. A Suiça, por causa da sua posição geografica e da estructura do seu solo, nunca se bastou a si mesma. Para viver e trabalhar precisa constantemente de recorrer aos visinhos. Por sua vez, a sua situação sobre o caminho das grandes estradas internacionais, fez da Suiça o país de transito por excelencia, chamando-se-lhe até por isso, duma maneira deprimente, mas exacta, *la plaque tournante de l'Europe*».

E' um problema de exame largo o problema da Suiça. Mas, debaixo do nosso ponto de vista, ele põe-se em termos rapidos de solução. Uma das caracteristicas das democracias é não disporem de politica exterior por impossibilidade congenita. A segunda, é a continua fragmentação partidaria em

Digitized by Google

que a unidade nacional se dificulta e acaba por se desfazer. Ora outra coisa não sucede na Suiça. A unidade nacional não se verifica ali porque, conforme as proprias palavras de William Martin, a Suiça como nacionalidade nunca passou de um paradoxo. Verificam-se, porém, as divisões, não de partido, mas bem peiores de cantão para cantão, de comuna para comuna. «Se a Suiça houvesse consagrado ao seu engrandecimento todo o sangue abundantemente vertido nas suas lutas intestinas, a Suiça seria um grande país»,—declara ainda William Martin. E apesar do seculo passado ter decorrido sem uma guerra civil, a consistencia interna da Suiça não aumentou, nem ao menos se consolidou com algum equilibrio.

«Primeiro que tudo na Suiça as opiniões repartem-se conforme as divisões territoriais, opondo umas ás outras camadas compactas de população...» —continua William Martin. «Nas dissenções de partidos, os adversarios, inconciliaveis no campo das idéas, permanecem, porém, em contacto permanente, vivem em comum, ligados por uma multidão de interesses materiais. Entre as diversas partes do país, a permuta de idéas é custosa em consequencia do afastamento e da diferença das linguas. Eis aqui um dos motivos porque as nossas disputas se têm tornado guerras civis e porque têm mais do que em nenhuma parte paralisado a nossa politica externa. Entre os nossos visinhos houve sempre maiorias e minorias; entre nós o que ha são

Digitized by Google

grupos e são noções cujos conflitos põem em risco a vida do país.»

A deficiencia orgânica da Suiça encontra-se bem patente. E' um rudimento de nacionalidade que não conseguiu definir-se e que, se por ventura conserva uma semelhança de independencia, é uma independencia precaria, nascida unicamente do interesse das potencias limitrofes. A democracia, a existir na Suiça, seria logica desta forma. Porque a democracia, ou corresponde a uma fase social de transição, ou não é mais que um regresso patologico a um estadío anterior de desenvolvimento. O regresso patologico dá-se em França, em Portugal e na Russia. Fase natural de transição é o exemplo que a Austria nos oferece. E quando eu falo em «democracia» tomo «democracia» como «republica», tomo «democracia» como «sistema electivo». Porque nem a Austria, nem as tres nações européas citadas, são democracias. Na America nós deparamos com uma poderosa oligarquia financeira. Na Europa aparecem-nos as mesmas oligarquias, embora de caracter politico e não de indole plutocratica. Resalva-se o caso da Suiça. Mas resalva-se, — para o estudarmos como uma manifestação raquitisada de nacionalidade, que não alcançou ultrapassar um periodo intermediario da sua elaboração.

O aspecto arcaico da Suiça, debaixo do seu aspecto cantonalista, é mais que suficientemente caracterisado na ausencia duma finalidade nacional que se imponha a todos e vivifique as varias energias

Digitized by Google

sociais nessa aspiração de conjunto. «A Confederação nasceu duma questão de transito: foi-se aglomerando e cristalisando em torno do caminho de Saint-Gothard, e os problemas economicos, ligados á sua origem, determinaram a sua existencia e a sua politica»,—insiste William Martin no estudo já mencionado. E o aludido publicista aponta como razão da subalternidade suiça a escassês de recursos alimentares e a falta de materias primas.

Eis porque antigamente o suiço saía da sua terra e era um mercenario ao serviço do estrangeiro nos exercitos europeus. Hoje não emigra, mas a mesma sujeição ao estrangeiro subsiste no apelo ao turismo, como unica fonte de riqueza para o país. De semelhante insuficiencia que coloca a Suiça na maior e na mais continua das sujeições deriva a sua neutralidade como um corolario imediato. E William Martin conclue tristemente que não são «*nos pics, nos vallées et nos cascates qu'ont fait de la Suisse un carrefour et une hotellerie, c'est avant tout sa position centrale, au point où se croisent, depuis des siécles, les grandes routes commerciales de l'Europe.*»

Em seguida ao que fica exposto, nunca a Suiça se pode declarar em verdade como um modelo a imitar. A opinião publica pensa «cantonalmente», ocorrendo muitas vezes que o interesse da coletividade é despresado pelos interesses parciais dos cantões. A convenção do Gothard é a prova disso, imposta como foi ao país por uma coligação de

Digitized by Google

conveniencias cantonais contra os protestos patrioticos duma maioria sensivel. Louis Dumur não exagera em nada a sua afirmação ao declarar no livro recente,—*Les deux Suisses,* que os fundamentos da nacionalidade se subverteram ali inteiramente. A guerra, colocando em conflito a Suiça alemã com a Suiça *romande,* justifica o titulo do livro de Dumur. E nós compreendemos agora com que verdadeira melancolia William Martin reconhece que as questões exteriores na Suiça não se examinam nunca debaixo dum ponto de vista nacional. Uma fatalidade historica domina a Suiça,— a fatalidade da sua génese, e talvês que um desenlace desastrado, já visivel no horisonte, não tarde em realisar os agoiros que pesam sobre o futuro da Confederação.

Enunciado o problema suiço desta maneira, nós reconhecemos que a sua apregoada neutralidade não é mais que a expressão da sua incapacidade natural. Essa incapacidade traduz-se na ausencia total de vida propria e sobretudo na fraquesa dum poder central que corrija tais defeitos de origem. Para inutilisar completamente o engano que saúda a Suiça como um Estado exemplar, basta passarmos os olhos pela constituição do governo federal. «Os ministerios encontram-se debaixo do mesmo tecto, quasi porta com porta, é certo, mas são tão alheios uns aos outros como o ministerio do Chili ao da Austria-Hungria. Sabem-no perfeitamente os diplomatas estrangeiros e, quando eles têem algum

Digitized by Google

negocio delicado a resolver, procuram obter dum departamento a concessão que outro já lhes tenha recusado.» E' William Martin quem fala ainda, —e explicitamente. E quanto á alardeada democracia da Confederação oiçamo-lo com todo o peso da sua autoridade:—«O habito de tratar as questões por si mesmas, «*sachlich*», evitando as discussões dos principios e excluindo dos debates as personalidades, matou na Suiça a oposição e abafou a fiscalisação parlamentar. Tirou-se assim duma confederação democratica um país autoritario e oligarquico no funcionamento, senão no recrutamento, do seu executivo».

De resto, comete um erro sem perdão quem persiste em contemplar na Suiça uma perfeita democracia. Só os nomes por si não fazem as coisas. Com as suas comunas e as suas instituições cerradamente burguêsas, a Suiça é até a terra-mãe dos privilegios. Nas comunas, tanto os pastos e os córtes florestais, como as bolsas de estudo, os orfanatos e as mais obras-pias, são reservados exclusivamente aos «burgueses», excluindo-se dessa comparticipação os simples «habitantes».

Surge-nos com este facto a questão gravissima do «indigenato», que na Suiça tem uma base unicamente cantonal. Para atalhar as consequencias duma força que, se é tradicional, é tambem eminentemente desagregadora, resultou a necessidade de centralisação excessiva com que a Suiça se encontra ultimamente a braços, efectivando um acres-

Digitized by Google

cimo de Estado que é a negação do seu passado e da sua estructura.

Sem politica exterior, nem unidade de politica interior, trabalhada diariamente por principios divergentes, nem a Suiça é uma democracia, dada a sua organisação desigual e acentuadamente oligárquica, nem mesmo que o fôsse formaria uma demonstração convencedora, desde que, por todas as causas, tanto fisicas como historicas e economicas, a Confederação nem uma nacionalidade chega a ser.

«Encravada entre os territorios de quatro grandes potencias, está destinada a morrer de asfixia ou esmagamento, tão depressa uma delas se desenvolva um pouco mais». Tal é a sorte da Suiça, profetisada por William Martin. Não lha invejemos nós que, victimas dum preconceito de educação, a reputamos como uma republica tranquila e florescente... E meditando bem o caso da Suiça, que êle nos sirva para nos confirmar cada vez mais na nossa convicção raciocinada de que em toda a parte, no espaço e no tempo, só a Monarquia é uma forma de governo superior. A Suiça que o diga e nós que lhe respondamos!

Julho, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

A SOBERANIA DE ROMA

Digitized by Google

Digitized by Google

A SOBERANIA DE ROMA

Acabo de passar a ultima folha do novo livro de Charles Maurras, — *Le Pape, la guerre et la paix.* O poder da inteligencia quando nobremente exercido seria uma força perdida e escusada, se nós em face dêsse livro admiravel não houvessemos de concluir que a mentalidade da nossa época está em completo desacôrdo com as direcções que debalde lhe procura imprimir a oratoria avulsa de qualquer tribuno da Democracía e do Livre-Pensamento. O caso de Maurras não é isolado, nem de modo nenhum significa uma manifestação de arcaísmo sentimental. E' em nome dos factos e sobre a dura lei da necessidade, tão duramente imposta pelas lições tremendas da guerra, que Charles Maurras indica á Europa ensanguentada o regresso ao conceito medieval de Cristandade, como o unico recurso capaz de restaurar a sociedade internacional desfeita.

O depoimento de Charles Maurras é tanto mais insuspeito quanto êle, agnostico impenitente, fechado dolorosamente na moldura estreita do seu

Digitized by Google

positivismo, não se evita de confessar que não é um crente e que a graça da Fé não assiste nem ás torturas do seu coração nem ás incertesas da sua filosofia. «*Je manque de l'amour de Dieu!*»—exclama ele frequentes vezes, limitando-se resignadamente ao resultado das verificações intelectuais. No entanto, interprete fiel das tendencias organisadoras do momento presente, como latino e como francês, inclina-se diante da Igreja e saúda na ação secular do Pontificado a grande instituição moral que, através das maiores vicissitudes, velou sempre pela marcha da civilisação e soube guiar maternalmente os destinos da humanidade.

Não a podendo venerar na eternidade dos tempos, segundo as promessas infalíveis de Christo, Charles Maurras venera a Igreja como a depositaria suprema daquelas verdades unicas que são a saude da vida e a disciplina dos povos. A sua obra é toda ordenada por um infatigavel espirito de apologetica, onde a tradição humanista das velhas letras eclesiasticas se enlaça e dá as mão a uma observação educada pelo mais escrupuloso dos experimentalismos. As idéas em Charles Maurras não valem por si como velhos conceitos abstractos. Valem antes como expressões animadas da existencia, que retratam e definem no seu vigôr e na sua amplitude. Eis porque o tradicionalismo da *Action-Française* não é uma exacerbação romantica em que o respeito pelas acquisições do Passado corresponde ao amor melancolico de Chateaubriand pelas ruinas

Digitized by Google

ao abandono e pelos ciprestes ao luar. Não se trata da Ressurreição dos Mortos, não se trata duma meditação funebre de cemiterio. Trata-se dum acto reflectido e calmo da inteligencia, — da inteligencia quando é nobremente exercida, cujo poder seria uma força esteril e vã, se nós tivessemos de confiar, não nos seus ensinamentos, mas em quanta quimera desacreditada persiste ainda em se sobrepôr ás demonstrações bem claras da realidade.

A renovação do pensamento europeu já nada a detem. Já nada detem a ansia constructiva do nosso tempo, revelada na literatura, na politica e na filosofia. Na filosofia os fenómenos misticos reabilitam-se como afirmações superiores da nossa personalidade. O materialismo não resiste ao exame critico a que o sujeitam de todos os lados. O Sangue e a Terra triunfam no romance e na poesia. Na politica adquire-se uma noção scientifica dos fenómenos sociais, que leva ao reconhecimento e á aceitação do Catolicismo e da Monarquia, — as duas colunas magestosa, a cuja sombra Balzac com tanta serenidade escrevia. Como conclusão, o ingresso na Igreja abre já as portas da sintese porque suspiram as almas sequiosas de sossêgo interior e que virá a ser, — inabalavelmente o creio! — a conquista gloriosa do dia de amanhã.

Iludem-se, por isso, os que supõem representativos de aspirações contemporaneas um Lloyd George ou um Woodrow Wilson. Woodrow Wilson é um *yankee* de pura gema, reflectindo em sí a extra-

Digitized by Google

vagancia dum país que não se desembaraçou ainda das suas proximas origens coloniais. A democracia na sua retorica de universitario jubilado não se reveste de nenhum sentido concreto, sobretudo se olharmos ás profundas desigualdades sociais que tornam a America no peior dos feudalismos, — o feudalismo financeiro, e quando nos recordarmos que ele é o dictador dos dictadores, cheio de prerogativas presidenciais que nem de longe se inscrevem nas constituições monarquicas da Europa.

Quanto a Lloyd George, membro duma seita do país de Gales, imbuida do evangelismo mais anarquico, lembrêmo-nos apenas, para lamentar a Grã-Bretanha, de que o seu primeiro ministro é o homem da propaganda pacifista contra a guerra do Transvaal, a quem chamavam então «Lloyd George o traidor», e que, «não-conformista» em tudo, pensa em fragmentar o Reino-Unido para conceder, sobre uma base federal, direitos e poderes iguais á Escocia, á Irlanda, ao país de Gales e á Inglaterra propriamente dita. Correspondem, pois, estas duas individualidades ás solicitações profundas que agitam a inteligencia da época? Não! Certamente que não!

No silencio e no estudo a hora da paz se prepara. Mas prepara-se pelo restabelecimento do equilibrio espiritual nas consciencias e na sociedade. Era-me facil demonstrar aqui quanto são fracos de vista e de alcance os verbalismos tôlos dos tribunos anunciando para dentro de breve, para o *aprés-*

Digitized by Google

guerre já proximo, a victoria inevitavel da mentira que a Maçonaria oculta consigo. Ha diante de nós victimas bem sacrificadas dêsse erro nefasto. E' a França uma delas, a outra é a Russia. A França, desorganisada militarmente pelos abusos mais infames do parlamentarismo republicano, é hoje uma «nação socorrida» pelo mundo inteiro,—«*Nous sommes des assistés*», diz diariamente Charles Maurras —, depois de ter sido o eixo politico da Europa anterior á Revolução. Da Russia já se não fala, com o espectaculo miseravel que ela nos está oferecendo. Para que insistir num ludibrio que é criminoso e cujo desmentido total se nos impõe como um dever indeclinavel, até de armas na mão, se preciso fôr?

Tranquilisemos a ansiedade e clarifiquemos as interrogações! Alterações gravissimas sucederão sem duvida ao duelo sangrento que a todos nós nos enluta. Mas quando a pacificação florir com o seu ramo de oliveira, a palavra a escutar-se será a nossa, inegavelmente. Morreram as utopias revolucionarias, — o que esta guerra despertou foi a mais espessa floração de nacionalismos. Eis já aqui um triunfo para nós, — eis já aqui o primeiro passo para uma restituição social dos principios que proclamamos contra a miragem que durante um seculo e meio imaginou caminhar para a Cidade-Nova em que as nações se fundiriam num tipo mais perfeito de vida universal, — a Nação-Humanidade. Necessariamente, na luta desencadeada dêsses instinctos historicos que resurgem e se degladiam com

Digitized by Google

tanto arremêsso, as exigencias da sua defesa e da sua vitalidade conduzi-los-ão, senão quiserem sossobrar, a identificar o seu egoismo coletivo com o egoismo consciente duma dinastia. Será a consequencia imediata da paz. As questões momentosas do trabalho e da restauração economica levarão igualmente as classes em antagonismo ao encontro daquele ponto de apoio que é sempre um poder continuo, respeitado e indiscutivel. A Monarquia se impõe, assim, a quem procura duração para a victoria e efectividade para a paz.

Mas a sociedade internacional, — quais as bases indestrutiveis dum entendimento fecundo dos povos? E a grandiloquencia lirica da democracia alude á justiça em frases desmesuradas, com arrebatamentos empolados de linguagem. Ora é a altura de apreciar o problema que Charles Maurras examina no seu livro recente. «O vocabulario oficial dos Estados aliados» — escreve o Mestre ilustre da Contra-Revolução — «parece querer confiar a sorte da concordia futura á idéa mais geral da justiça. Receio bem que caminhemos para rudes surprezas. A justiça é necessaria para a paz, mas será bastante? Ela pode trazer algumas decepções. Pela complexidade dos interesses e dos intuitos que dissimula e que desenvolve tambem, a Justiça é a idéa litigiosa por excelencia. Todos a desejam para si. Ter-se ou não ter-se direito a ela, é mais o prefacio das batalhas do que a sua conclusão. Se ha germes de guerra, é na Justiça que existem.» E

Digitized by Google

Charles Maurras, olhando a unidade humana que o Catolicismo realisou durante a Idade-Media, entende, e em alta voz o declara, ser já tempo «*de reprendre quelque voie qui fasse rentrer notre patrie et toutes les autres au bercail de l'humanité.*»

Na falencia do socialismo, e em face da agressão sectaria da Maçonaria, a Igreja é «*la seule Internationale qui tienne.*» Fôram letra morta as conferencias da Haya no doutoralismo enfatico das suas actas. Reina a anarquia nas relações dos povos, que na espada depõem a sua ultima esperança. O Direito Internacional não passa -- já agora se vê — duma futilidade inventada por mentalidades bisantinas. Destinando-se ao lado comum das nacionalidades e dos individuos, que é o sentimento religioso, só a Igreja, cuja finalidade não vai para as coisas do mundo, nos apresenta e garante uma regra segura de harmonia e de reconciliação, debaixo do sinal eterno da Cruz. O Principe da Paz não reside no palacio dos poderosos. O Principe da Paz reside no Vaticano, cheio da força formidavel da sua divina fraquesa. Os seus interesses são os interesses do Espirito, e não os da Materia. E' Êle quem liga e quem unifica. Nunca da sua boca saíu a voz que divide, o gesto que separa. Na instabilidade da sua sorte, a Europa adivinha, sem o achar por enquanto, o porto de abrigo que lhe dará a confiança no futuro. É a soberania de Roma, oferecendo-nos de longe o seu jugo amoravel. Porque o não quisémos aceitar, um jugo mais forte,—o da fatali-

Digitized by Google

dade, nos quebra e nos esmaga como a vara de ferro da imagem simbólica da Biblia.

Pois é aí, no «*bercail de l'humanité*», que a sociedade internacional terá que se repousar. A profecia de Joseph de Maistre cresce do esquecimento dum século inteiro para a meditação atenta de quem se debruça sobre tanta ruina palpitando. *Le Pape, la guerre et la paix* não é assim um simples exercicio sociologico, sem significado na consciencia inquieta da época. Concretisa um estado de espirito que já entrou no dominio dos factos correntes. Coube a Charles Maurras—um agnostico—dar-lhe expressão definitiva. E' mais um sinal da mudança que levam as direcções da inteligencia. Depois duma crise de individualismo exasperado, as energias sociais recuperam-se do destroço em que as deixou a rajada doida da Revolução. Assistimos ao florescimento duma como que Idade-Media, donde a face da terra sairá mais depurada e mais harmoniosa.

Sôam-nos ainda aos ouvidos palavras de loucura? Que importa? São os écos derradeiros duma mentira que não póde mais atravessar-se-nos no caminho. A nova era do mundo já vem para cá do horisonte. E eis a soberania de Roma desdobrando sobre ela a graça amanhecente duma nova Cristandade!

Agosto, 1917.

Digitized by Google

PORQUE RESISTE A ALEMANHA?

Digitized by Google

Digitized by Google

PORQUE RESISTE A ALEMANHA ?

Na passagem do terceiro aniversario da declaração da grande guerra européa, não é demais demorarmos um pouco a nossa meditação sobre uma ligeira pergunta: — Porque resiste ainda a Alemanha ?

Dada a situação periférica dos Paises Aliados, dada a extraordinaria facilidade do seu abastecimento, e pesando o esforço formidavel que, tanto militar como economicamente, têm efectuado, sem duvida que os Imperio Centrais, fechados num circulo de ferro, entregues de ha muito exclusivamente aos seus proprios recursos, não subsistiriam hoje de pé, se uma virtude de raça, ou de instituições, não tornasse a sua energia mais resistente e mais resistente, que a dos seus adversarios, a sua extraordinaria capacidade de luta.

De qualidades de raça não se trata certamente, porque a lição da historia nos ensina o que foi sempre, como fonte perpetua de anarquia, o individualismo estrutural da Germania. Estaremos antes em frente dum caso de correção etnica e politica,

Digitized by Google

em que as leis que presidem á psicologia dos povos serão rectificadas por um simples facto de observação. E é ele que os defeitos inatos duma nacionalidade, pendendo sempre para a dispersão e para o divisionismo, encontram um remedio decisivo quando uma idéa positiva lhes imprime unidade e lhes define um destino superior ás suas tendencias naturais. Surge aqui o problema da influencia das formas de governo na sorte e na prosperidade das nações. Procurêmos-lhe nós a resultante e ver-se-á que a Alemanha o que é, na sua prestigiosa obra de engrandecimento, deve-o, mais que á qualidade dos seus filhos, á eficacia manifesta do principio hereditario do poder.

Com efeito, perdido nos acasos dolorosos da lenta elaboração medieval, o particularismo germanico mostrou-se constantemente adverso a qualquer arranjo de equilibrio e de unificação. Enxadresada de principados, de republicas hanseaticas, de cidades livres e até de dioceses soberanas, a Alemanha aparece-nos no quadro europeu da civilisação como um variado matiz em que o ponto central do desenho reside na autoridade, apenas nominativa, do Santo Imperio. Na fraquesa do Santo Imperio, dependente, é certo, de sete votos sómente, se verifica a falsidade do sistema electivo, mesmo quando aplicado ao regime monarquico. Da Monarquia electiva é vitima a Polonia, da monarquia electiva é vitima a Hungria. Durante os largos tempos do seu adormecimento, doutra causa não foi tambem vi-

Digitized by Google

tima a Alemanha, a quem faltou por muitos seculos «essa continuidade na acção monarquica por meio da qual outros países se constituiram em Estados que em seguida se tornaram em nações»,—escreve uma opinião insuspeita,—a do historiador Lavisse.

Já Frederico II chamava á Alemanha uma «nobre republica de principes». E com razão observa Jacques Bainville (*Histoire de deux peuples*) que, até ao sucesso dos Hohenzolerns, «a historia da Alemanha não é mais que a duma longa luta entre o principio da autoridade e o individualismo, entre a monarquia e o espirito republicano.» Dificilmente a Alemanha se desembaraçou dêsse pecado de origem. Só realmente com o advento da Prussia se começa a concentrar a energia politica de que resultará a sua futura grandesa. Ninguem mais que os reis de França contribuiu para o enfraquecimento da Alemanha, mantendo sempre sábiamente debaixo do nome ilusorio de «liberdades», os diversos particularismos que impossibilitavam a unificação alemã.

E' facto que existia o Santo Imperio. Mas o Santo Imperio não passava duma sombra e a seu respeito Voltaire notava com malicia que, subsistindo sempre o Santo Imperio, se tornava tão dificil definir a Alemanha como definir o que era esse Imperio. Por isso alguem caracterisava a Alemanha como uma «*confusio devinitus conservata*».

«Confusão conservada por mão de mestre», ninguem, repito, a motivou e facilitou mais do que

Digitized by Google

a Monarquia Francesa, que veiu por fim a intitular-se «protectora da confederação germanica». Não foi outra a politica que a França seguiu em Westphalia, restabelecendo, quanto á Alemanha, a divisão territorial, a eleição e o regime mais ou menos parlamentarista, com o direito de intervenção para melhor observancia do sistema imposto. Mas um dia a casa de França desapareceu, levada pelo vento doido da Revolução. A hegemonia da Prussia entra a evidenciar-se. E quando já a Alemanha possue o beneficio da hereditariedade monarquica, em Versailles a proclamação de Guilherme I como seu Imperador coincide com a derrota da França e com o advento da Terceira-Republica. Transferira-se o eixo da supremacia politica de Paris para Berlim. De assistente, a França passava á condição de assistida. E, afinal, porquê? Porque deixára perder a sua Realeza, consentindo que outros tomassem para si o bem que assim repelia.

E' interessante afirmar agora que a alcunhada «civilisação latina», tal como o palavriado maçonico a apresenta, nada tem de latina e tem tudo de germanica. A Reforma, nascida do genio confuso e desconexo da Alemanha, é o ventre onde se gera o fermento da Revolução. Compreende-se como o individualismo religioso dá o individualismo politico, como o «livre-exame» de Lutero dá a «soberania do povo» de Jean-Jacques Rousseau. Jean-Jacques Rousseau é um calvinista de Genebra e antes dele os Enciclopedistas honram-se com a

Digitized by Google

amisade de Frederico II, — o «rei-filosofo», e saúdam na Prussia como que a terra natal do liberalismo nascente. Michelet, mais tarde, é ainda o admirador do reino da Prussia e é com profunda verdade que Jacques Bainville repara «ser divertido vêr na hora presente os herdeiros da filosofia do seculo XVIII protestar contra a invasão da Russia em nome da justiça, enquanto o antepassado de Guilherme II, apoderando-se da Silesia, obtinha os aplausos dos *filosofos*». Sucede que a Maçonaria, alma da Revolução e agora erguida contra o bloco militar dos Imperios Centrais, é tambem a legitima descendente da mesma Alemanha que combate, por derivar proximamente do iluminismo dos doutores de Ingolstadt, com Weisshaupt e outros professores de Direito á sua frente. Completa como vêem.

Pois, concebendo no seu espirito difuso e subversivo tais germes de dissolução social, teve a Alemanha a arte de os expelir do seu organismo, envenenando com eles a nossa superioridade historica de latinos. Da Alemanha é o principio electivo e parlamentar que hoje nos suicida, como, pela formação protestante de Benjamin Constant, da Alemanha nos veiu igualmente a peste de grande parte das teorias constitucionalistas. Emquanto assim nos intoxicava, assimilava a Alemanha o segredo da nossa organisação e é na hereditariedade monarquica que encontra o inicio do seu robustecimento. Houve um tempo até, reinando Luiz XIV, que a submissão da Alemanha á França ia ao ponto

Digitized by Google

de ser uma honra servir-se no exercito daquele Rei e preferia-se á lingua materna a lingua francesa. Lembramo-nos nós agora que, dois seculos depois, se Níetzsche perturbou a sensibilidade ocidental foi através da França que o traduziu e glosou, numa hora em que os metodos alemães e a sciencia germanica triunfavam até dentro da propria Sorbonne, como no-lo atestam as campanhas universitárias de Agathon e de Pierre Lassere.

Mas eu falava da hereditariedade monarquica e do reino da Prussia. Efectivamente é aí que se fundamenta a base do florescimento alemão. O reino da Prussia vem dum certo marquês de Brandeburgo, que conseguira fazer-se grande eleitor, apesar de em Westphalia os embaixadores da França lhe passarem sempre adiante e lhe chamarem destenhosamente «*Monsieur*». Ora esse «*Monsieur*» era Frederico Guilherme I, bisavô do grande Frederico.

Com ele surge verdadeiramente o Estado prussiano que «nos mostra no seu desenvolvimento uma continuidade, na sua orientação uma fixidês e um caracter historico» que, segundo Droysen, só se verificam nos Estados melhor constituidos, nos que eram mais ricos de vida natural. Como a França crescera em gloria e em poder, graças a uma dinastia, por virtude duma dinastia a Prussia ia crescer e fortificar-se. A historia da Prussia é a dos Hohenzollern. O pensamento desta familia realisa, contra os defeitos inatos do povo alemão, a unificação da Alemanha. Se *Monsieur* põe a primeira pedra para

Digitized by Google

isso, a ultima coloca-a, em 1854, Guilherme I ao nomear seu primeiro ministro um *junker* da Pomerania que se chamava Von Bismarck. A Prussia, mal reparada dum movimento revolucionario, oscilava nas sendas turtuosas dum parlamentarismo sem regra. Von Bismarck, sustido unicamente por Guilherme I, estreou-se com uma ditadura que durou dois anos, acabando de vez com todas as ficções constitucionais. «O resultado dessa ditadura não foi uma reforma de secretarias nem uma lei eleitoral: — foi Sadowa. Era dificil recusar um *bill* de indemnidade para Sadowa. Votaram-lho». E porque lho votaram, a Prussia, marchando rapidamente para o Imperio, achou a chave segura de todas as suas victorias posteriores.

Eis porque á singela interrogação: — porque resiste ainda a Alemanha? —, nós podemos responder com duas simples palavras: — pela sua organisação anti-democratica. Geradora da democracia e do liberalismo, a Alemanha salva-se por aqueles mesmos principios que nós despresámos, ao aceitar a sua baixa herança filosofica, sendo para deplorar que nós outros, latinos, — passe a expressão — estejamos combatendo com uma *mentalidade germanica* a *idéa latina,* em cuja adopção a Alemanha descobriu o caminho mais facil para a sua prosperidade e para o seu predominio. Meditemos neste caso de filosofia politica. Êle nos explica tanto insucesso e tanta surpreza. E ninguem pense que o regime porque a Alemanha se governa

Digitized by Google

é um regime de ferro, um regime despótico. É unicamente um regime organisado.

A concentração politica é corrigida na Alemanha pela descongestão administrativa, ao inverso dos sistemas constitucionais, em que a debilidade politica do poder é paralela á compressão tiranica da burocracia. Bismarck recebera profundas direções de Mommsen, o historiador da republica romana. Assim se compreende que o cesarismo prussiano se apoie em duas fortes escoras: — a hierarquia militar e a legislação economica. Declamam, — e declamam inutilmente, os que supõem o povo alemão escravisado por ele! «É necessario que se saiba que o cesarismo alemão não póde ser esmagado por uma força exterior, sem que se esmague com ele o proprio povo alemão», — declarava num dos seus recentes manifestos Scheidemann, antigo vice-presidente do Reichstag e membro do *comité* director da *Sozialdemokratic*.

Tal é na Alemanha a linguagem dos mais avançados. A dos sabios e a dos cultos exprime-se no voto de Dubois-Raymond, ao declarar que os «universitarios devem constituir as guardas de corpo intelectuais dos Hohenzolern». Acontece isto na Alemanha, o berço classico do individualismo! E acontece porquê? Porque as deficiencias dos povos são corrigidas pela virtude das instituições. As instituições monarquicas, pelo beneficio da hereditariedade, — insisto —, curaram a Alemanha das consequencias do seu passado inconsistente e anar-

Digitized by Google

quico. Cá está o motivo porque na Alemanha não é a Alemanha propriamente quem resiste. Quem resiste na Alemanha é a *Monarquia*. O que seria, pois, o esforço admiravel dos Aliados se não lhe faltasse, pelos embaraços parlamentares da mentira democratica, essa preparação militar e essa continuidade governativa que só na Monarquia se encontra, como a nação alemã nos demonstra com a sua resistencia espantosa?

Agosto, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

O PRINCIPE DA PAZ

Digitized by Google

Digitized by Google

O PRINCIPE DA PAZ

Roma falou. Já se conhece a nota enviada ás potencias beligerantes pelo Santo Padre e não podemos deixar de a considerar como um documento da mais profunda significação religiosa e politica. O Papa não propõe a Paz. O Papa propõe as bases dum entendimento para a Paz. Como pai de tantos filhos divididos pela mais desesperada das insanias, ele é, nesta hora ensanguentada de tragedia, a palavra que reconcilia e que unifica. Nada de material o prende á terra. Só a força desarmada do Espirito reside nele, — nesse homem vestido de branco que no cimo do Vaticano vigia e reza. Por isso mesmo só ele possue o poder que convence e que paira acima das ambições e das loucuras. Por isso mesmo só ele, que nada quer senão o que todos querem, se acha investido pelo seu sagrado ministerio na missão de reconduzir ao cajado de Cristo a Europa enclavinhada num delirio de suicidio.

Não ha muito que num livro notavel Charles Maurras invocava a Igreja como «*le bercail de l'humanité*». Na Igreja repousa a dignidade do es-

Digitized by Google

pirito latino e a salvaguarda da verdadeira civilisação. A civilisação moderna é, na sua naturesa, intimamente cristã. A Igreja a preparou ao anoitecer do mundo antigo, quando a sociedade desaparecia nos escombros do Imperio dos Cesares com o alastrar espantoso das invasões barbaras. Se as letras renasceram, se uma existencia nova floresceu, se a Europa conheceu a liberdade e a segurança, não foi outra a obra do Pontificado abrigando no alto da sua colina a formação dolorosa, mas admiravel, da Cristandade. Um dia veiu em que a Europa, trazendo consigo ao colo as nacionalidades que hoje a golpeiam alucinadoramente, conheceu e praticou o que nós hoje não conhecemos nem praticamos. A sociedade internacional existiu então, através do lado comum aos povos ainda os mais antagonicos. E' da lição da historia o assombroso conceito medieval de «*Republica-christiana*», constituida pela assembleia das nações cristãs, reunidas em Cristo, Senhor Nosso, conforme o dictame do Apostolo: — «*quod omnes unum corpus sumus in Christo*».

Dizem os socialistas agora que se verifica na nota papal uma certa aceitação das idéas modernas. As idéas modernas que, segundo esse inesperado acolhimento, a nota papal reflecte são as que se referem á limitação dos armamentos, á supremacia do Direito sobre a força, á comunidade universal das Nações. São idéas modernas, porque são de todos os seculos. Pertencem ao patrimonio da Igreja

Digitized by Google

e a Igreja as realisou durante a idade-Média mediante a «tregua de Deus» e graças á obra pacificadora dos concilios. Então, — repito —, existia uma «internacional». Existia apoiada, não nos interesses humanos, não na politica dos principes, nem no orgulho da razão filosofica. Apoiava-se mas era na fé. E «a fé,» — já o proclamava Auguste Comte,— «isto é, a disposição a crer expontaneamente, sem demonstração preliminar, nos dogmas proclamados por uma autoridade competente, é a condição basilar indispensavel para permitir o estabelecimento e a duração duma verdadeira comunidade intelectual e moral».

O sociólogo positivista não fazia mais que parafrasear um dos seus mestres queridos, o senhor de Bonald. «A maior ventura que a sociedade póde procurar ao homem», — observava este, d'olhos postos nos espectaculos anarquicos da Revolução — «é defende-la contra as ilusões da sua cupidês, contra os desvarios da sua imaginação e contra a inconstancia das suas preferencias». Na Idade-Media, no florescimento viçoso da Cristandade, o Papa, que declarava a culpa individual, declarava tambem o *pecado social*. O pecado social reprimia-o ele pelas penas espirituais. E o simples afastamento dum principe ou duma nação da sociedade cristã impedia, nesses tempos de fé, as guerras ferozes de conquista, por obra da influencia maternal de Roma. A Paz pelo Direito tornava-se assim possivel, porque havia um orgão que a definia,

Digitized by Google

orgão em nada ligado ás contingencias da terra, orgão em tudo inspirado pelas coisas altas do Ceu. O proprio historiador Lavisse reconhece que não se encontra uma unica assembléa cristã que não fosse simultaneamente uma assembléa de paz. E se muitas vezes a Igreja não evitava a guerra, humanisava-a pelo menos com a instituição nobilissima da Cavalaria.

A Idade-Media passou; surgiu a scisão religiosa trazida á Europa pelo protestantismo. A ação politica da Santa-Sé dificultou-se e começou a decaír. Substituiu-a a chamada politica do «equilibrio europeu», ensaiada em Westphalia, e a cada hora desconjuntada na sua base fragilissima, dependente sempre, ou da espada dum conquistador, ou da astucia de um homem de Estado. Inventa-se, para as necessidades, a diplomacia. Aumenta com ela a confusão. A guerra já não tem quem a julgue um *pecado-social.* As diversas nações européas regressam a um estado quasi barbaro, com a metralha dos seus canhões considerados como o «*ultimo ratio regum*». As utopias dos Enciclopedistas quiseram iludir ainda a sentimentalidade das almas, apresentando-lhe a guerra como um facto destinado a desaparecer no aperfeiçoamento crescente da humanidade. Mas as guerras redobraram, com o direito do mais forte, dictado pela brutalidade das baionetas. Napoleão sonha com o imperio do mundo. E, olhar profundo de aguia, apercebe-se da força despresada do Papado.

Digitized by Google

«Como é que hei-de tratar o Papa?» — perguntava-lhe duma vez um seu marechal. — «Como se tivesse duzentos mil soldados!», — respondeu ele. E constragendo Pio VII a ir coroa-lo a Paris, Napoleão procura, pela Concordata, submeter á sua ambição desensofrida a soberania universal de Roma. «Vêde a insolencia dos padres que, na partilha da autoridade com o que eles chamam o poder temporal, reservam para si a ação sobre a inteligência, sobre a parte nobre do homem, e pretendem reduzir-me a não ter mais do que a ação sobre os corpos. Eles guardam a alma e abandonam-me o cadaver».

Cadaver, na realidade, é desde longa data a Europa descristianisada. Na catolicidade de Roma se guardava, no entanto, a alma que nos seria restituida depois da expiação. Na bela palavra de Godefroid Kurth, «a Igreja Catolica, sentada aos pés da Cruz, esperava tranquilamente que as revoluções acabassem de fazer a educação da humanidade». Para cumprir essa profecia, no desenvolver da quimera socialista, o pacifismo apareceu como a concordia dos homens entre os homens.

Esquecia-se de que a guerra é uma lei natural e que o socialismo, pretendendo satisfazer apenas as necessidades imediatas da vida, só a viria acender mais sem quartel, mais inclemente e mais bruta. Os juristas vieram depois com o Direito-Internacional, com as conferencias da Haya, com a hipocrisia irritante dos tratados. A sociedade interna-

Digitized by Google

cional continuava a não existir, porque, sem um interprete soberano, fóra de toda a ligação material, nunca o direito sobrepujaria a força. Obtinha-se quando muito uma paz instavel, que era, na intriga infatigavel das Chancelarias, uma como que guerra latente. A propria Santa-Aliança, que foi a maior criação da diplomacia, falhou miseravelmente, porque lhe faltava aquela condição sem a qual a sociedade internacional não existe e nem se pode duradoiramente reorganisar: — uma autoridade moral. Nós estamos assim como que na noite afastada dos Tempos. Dantes, o embate de tribu para tribu. Hoje, o duelo dos povos com os povos.

Mas Bento XV falou. Ruiu no desencadear da catastrofe europeia a internacional mentirosa da Maçonaria. É fantasiosa a internacional socialista que não soube evitar a guerra. Só a Igreja continua de pé, possuindo a alma dos povos, enquanto que os governantes não dispõem senão do corpo. A prova temo-la nos ultimos congressos eucaristicos. Em Vienna, mais de cincoenta mil pessoas, acorridas de todas as partes do globo, se curvaram diante do legado enviado de Roma. Ás vesperas da declaração da Guerra, no congresso de Lourdes, perante o cardeal Granito Pignatelli, principe de Belmonte, se prostrou igualmente um auditorio tão heterogeneo como numeroso. «Ele (o legado do Papa) trazia» — escreve o romancista Louis Bertrand — «não só a verdade de Cristo, mas tambem a claridade e o sorriso da civilisação».

Digitized by Google

É a claridade e o sorriso da civilisação que, com a verdade de Cristo, sua inseparavel companheira, o Santo Padre anuncia ás desgraças do mundo enlutado nos seus esforços de pai pela Paz.

A sociedade internacional parece assim encostar-se de novo ao rochedo firmissimo de Pedro para se recuperar e ser possivel ainda. Só ali o Direito pode erguer-se acima da Força. A razão não basta, para o proclamar. Mais que a razão, ha uma consciencia que o determina e julga. A consciencia da sociedade internacional não é a consciencia dum Estado ou duma aliança de Estados. Só será a expressão dum sentimento comum a todos eles. Esse sentimento dá-o apenas a religião, através do Catolicismo, — unica forma de religião social, como *catolica* que é. Vai encontrar dificuldades a nota pontificia? Se o silencio das Chancelarias é animador, não nos iludamos, porem, com ele.

A Maçonaria espreita e não trabalha em vão. Ela é o agente mais exasperado da carnificina que atira a Europa para a perdição e ha-de empenhar-se até ao fim para que o vigario de Cristo não pronuncie sobre o nosso continente reconciliado a admiravel palavra da liturgia:—«*Pax hominibus in terra bonnœ voluntatis, domine.*» Mas, por outro lado, os países beligerantes encontram-se na ameaça duma paz revolucionaria, imposta de dentro para fóra pelos elementos avançados.

A conferencia de Stockolmo vai realisar-se, — e não sei quais as suas consequencias com o mo-

Digitized by Google

vimento pacifista que aumenta em Inglaterra e cóm as afirmações recentes dum dos chefes do socialismo belga. E' outra a paz de Bento XV, que deixa á discussão dos interessados o exame dos pontos mais melindrosos, como o da Alsacia-Lorena e o das terras irridentas. O Papa limita-se a equacionar os termos dum primeiro acordo para a Paz.

E' este o traço eminentemente superior do documento pontificio. Não pensam assim os homens de Stockolmo. Longe de se ficarem nas indicações prudentes, vão até ás exigencias e concretisam-no, imperativamente. Eis porque eu creio na victoria de Roma, embora contra ela se conjure a Maçonaria. Colocadas as nações beligerantes no dilema duma paz branca com a mediação do Pontifice, ou duma paz revolucionaria, com os socialistas em Stockolmo, o mais elementar instinto de conservação optará pelo concurso de Roma, mãe dos povos, fonte suprema da Graça e da Civilisação. E' esta a esperança em que o meu coração se eleva. E' esta a esperança em que se deve elevar o coração de todos os homens.

Bento XV falou. Ajoelhemos com ele na penitencia e confiemos em Cristo, Principe da Paz!

Agosto, 1917.

Digitized by Google

REVOLUÇÃO EM ESPANHA?

Digitized by Google

Digitized by Google

REVOLUÇÃO EM ESPANHA?

Os acontecimentos de Espanha têm um significado maior que o duma simples tentativa revolucionaria, de caracter interno, dominada a tempo e a horas. Não foi só a Monarquia quem triunfou em Espanha. Quem triunfou em Espanha foi, sobretudo, a ordem tradicional européa, seriamente abalada nos seus alicerces pela conjura lenta, mas persistente, da Maçonaria.

As diversas campanhas intervencionistas com que, a proposito de tudo e de nada, se atiraram alguns países para a loucura tragica da guerra actual não encobriam senão um plano preconcebido no escuro das associações secretas, tendente a proclamar por sobre a destruição total das velhas disciplinas historicas, — Catolicismo e Realeza, — a tirania dura e materialista duma seita, que não é um logar-comum de jornal ultramontano nem um recurso de efeito para romances de sensação. Não riamos por isso da Maçonaria, com receio de sermos comparados áquele padre-capelão duma das novelas de Julio Diniz! Trata-se, realmente, dum

Digitized by Google

poder organisado, cujos fins são contrarios á natureza da sociedade constituida. Baseia-se numa solidariedade internacional de principios, sendo a fórma republicana a sua fórma propria, como expressão imediata que é das ideologias democraticas.

No seio da Maçonaria se gerou a Revolução-Francesa, que a Inglaterra aproveitaria para seu engrandecimento, pagando a peso de oiro os serviços entusiasmados do agitador Danton. No convento maçonico de Francfort se condenou á morte Luiz XVI antes da Revolução rebentar. Essa proposta saiu dum maçon, de nome Abel, avô do celebre orador jesuita P.e Abel, que numa conferencia quaresmal em Vienna de Austria revelou ao auditorio o crime do seu ascendente, guardado até aí como segredo familiar, por determinação de seu pai no instante da agonia.

A historia do ultimo seculo não se pode compreender sem o conhecimento da historia das associações secretas. E' nas associações secretas que se assenta na idéa da republica federal da Iberia, acolhida já em 1817 pela ambição execranda de Gomes Freire, e de que Manuel Fernandes Tomás, por devoção ao gremio, não seria mais que um obediente executor.

O iberismo é deste modo uma criação politica de origem maçonica, como primeiro avanço para o mito absurdo da Nação-Humanidade, sem mais fronteiras nem mais preconceitos a impedirem a floração livre do individuo. Eis porque não causará

Digitized by Google

extranhêsa a deliberação tomada pelos agentes da revolução espanhola de proclamarem agora a republica federal no dia imediato ao da sua victoria, arvorando a bandeira verde-e-vermelha dos homens do Terreiro do Paço como bandeira oficial de toda a Iberia. Assim o comunicou, pelo menos ao seu publico de *iluminados,* o dr. Cimala a 2 de julho passado em outro convento maçonico, realisado este em Paris, e no qual, um pouco como no de Francfort, foi condenada á morte a realeza em Espanha.

A repressão da onda anarquica que pareceu alastrar um momento no reino visinho é, pois, não só um facto de importancia interna para a Espanha, mas visivelmente para os destinos da futura Europa, — da Europa de amanhã, renascida já da convulsão medonha que a crucifica e está purificando. Desmascarou-se, — e desta vez estrondosamente, o jogo estrangeiro que subsidiava a grossas somas a semente de agitação espanhola. Como ás vesperas do 89, havia Dantons fabulosamente remunerados. Como então, o ponto de mira não era mais que o aniquilamento de quanto pudesse representar um elemento de autoridade legitima e de legitima hierarquia. Mas, felizmente para nós, a estructura secular da Espanha continua fortemente argamassada pelo predominio do espirito catolico e monarquico. Contava-se com o exercito numa errada interpretação da sua atitude de ha meses. O exercito revelou-se, porem, um *exercito,* cheio da con-

Digitized by Google

ciencia da sua missão e com as suas virtudes militares absolutamente intactas. Contou-se igualmente com a massa operaria, facil de conduzir atrás do estandarte das suas reivindicações. E o nosso espanto aqui é justamente maior, porque verificamos quanto a «questão social» é já em Espanha do patrimonio imediato dos conservadores e como eles possuem raizes grossas na consciencia da nação. Mesmo que á Espanha faltasse um *rei,* — no sentido positivo da palavra, o trôno não teria tombado, porque a Espanha mostrou-se-nos verdadeiramente uma *Monarquia,* — o que equivale a dizer um país solidamente organisado e concorde na realisação dos seus interesses e das suas aspirações colectivas.

Como um sinal esperançoso da hora proxima, não deixarei de salientar a ação importante da juventude no auxilio prestado ás medidas certeiras e energicas do governo.

E' mais uma prova de que se iludem os insignes verborreicos de aquém e de além-mar, quando do alto duma oratoria já desacreditada anunciam para breve o triunfo definitivo da tal Democracia. Inteligencias tão primarias como primaria á a sua psicologia rudimentar, esquecem-se da influencia dos «imponderaveis» na marcha da sociedade. Ora os «imponderaveis», que Bismarck cultivava sábiamente, afirmam-se-nos duma maneira excepcional na resolução dos rapazes espanhois. Por onde se vê que são bem contrarias ás idéas correntes, na

Digitized by Google

fraseologia atrasada dum Lloyd George ou dum Woodrow Wilson, as tendencias filosoficas e sociologicas do nosso tempo. O movimento contra-revolucionario está feito nas altas esferas da mentalidade contemporanea. Começa já a descer da torre do Conceito-Puro para a vida quotidiana dos factos. Outra coisa não sucedeu em Espanha, como se manifestou no procedimento da mocidade. Outra coisa não sucederá depois da guerra, quando, ao examinarem-se as causas da sua duração, se encontrarem á frente delas o conluio da Democracia com o Capitalismo como um factor primacial, senão unico.

Registemos, portanto, os acontecimentos de Espanha com a tranquilidade superior dos que creem nas verdades que defendem. A Espanha venceu, porquê? Venceu pela sua robusta indole nacionalista, que, apesar das fundas brechas que o liberalismo lhe abrira, conseguiu reagir salutarmente, acabando de entrar no caminho franco do seu renascimento, mais unida, mais homogenea, mais senhora da sua finalidade.

Mas que a lição se não perca nem para os Reis nem para os Povos! A Maçonaria, firma universal de emprezas deste jaez, só progride e vinga onde não acha pela frente uma defensiva aguerrida do espirito conservador. E' cosmopolita a Maçonaria na multiplicação das suas teias e no prosseguimento da sua politica. Suponho mais que chegada a oportunidade de nós outros, os reacionarios, lhe opôr-

Digitized by Google

mos com alma e com decisão tambem a nossa «internacional».

Quando o Imperador Alexandre se deixou levar pela mão de M.me de Krudener ao gabinete modesto de Nicolas Bergasse, entre os três se esboçou aí o pacto de que iria sair a Santa-Aliança. A Santa-Aliança não procurava em começo senão combater a «internacional» moçonica pela «internacional» religiosa e monarquica. A lealdade punica que comprara as diligencias desinteressadas de Danton fez abortar prudentemente essa admiravel tentativa de restabelecimento da sociedade das nações. Não da sociedade das nações baseada no filantropismo torpe das Lojas, mas da sociedade das naçôes como a Idade-Media a concebera e de q ue o ideal supremo da Cristandade foi o eixo fecundo e estavel.

Eis o primeiro dever que aos tradicionalistas de todo o mundo se impõe para o dia seguinte ao da Paz. Os ensinamentos recolhidos dum martirio tão demorado e tão cruciante é preciso manterem-se bem vivos na nossa conducta para que o sorriso da civilisação, tão cristã na sua essencia e no seu destino, não volte a servir de rebuço aos seus peiores inimigos. Aprendamos, — e aprendamos com sincera vontade de aprender, no exemplo altissimo que a Espanha nos ofereceu. Mas mais do que nós, aprendam os Reis. São Reis no exilio, — Bourbons a correr atrás dum *omnibus,* a quem se diz indiferentemente de dentro: — «*Au complet !*»

Digitized by Google

— como no romance celebre de Daudet --, são Reis no exilio, repito, os que julgam fortalecer a sua posição transigindo com as novidades sociais e aceitando a colaboração de elementos por indole adversos ao principio da Realeza. Melquiades Alvarez, aderindo á monarquia para melhor a atraiçoar, é um simbolo que fica para sempre. Para sempre ficará, denunciando o gigante pelo dedo, o exilio do Tzar para a Siberia sem um protesto dos seus aliados da vespera, como sem um protesto se assistiu á deposição violenta de Constantino da Grecia. Pretendeu-se *constantinisar* a Espanha na mesma evidencia de designios. Mas a Espanha repeliu com honrada sobranceria o atentado vibrado ao coração da sua unidade e da sua preponderancia, e o futuro nos mostrará que não só a ela se salvou, mas que tambem nos salvou a nós.

Estejam, pois, de alerta aqueles que a conservação da sociedade colocou na responsabilidade sagrada dum trono. A Realeza é um oitavo sacramento, — já Renan o dizia —, que obriga tanto como os outros. A revolução de Espanha foi um aviso a mais, que já não póde deixar ninguem iludido. A conspiração está á vista nos seus meandros e no seu objectivo. Sabe-se quem a dirige, sabem-se as enredadas vias por onde caminha. Só nos resta a nós exclamar, como no sermão memorando de Bossuet: — «*E agora, ó Reis, compreendei vós que decidis da sorte do mundo!*»

Agosto, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

A RESPOSTA DE WILSON

Digitized by Google

Digitized by Google

A RESPOSTA DE WILSON

Woodrow Wilson respondeu já á nota pontificia. Antecipou-se á *Entente*, que continua significativamente silenciosa, e, como se tivesse fechados na mão os destinos do mundo, não admite outras condições de paz que não sejam as que repousem sobre uma franca democratisação da Alemanha. Eu não sei o que Wilson entende por democratisação da Alemanha, nem mesmo percebo o significado de que se reveste na sua boca a palavra «Democracia».

Presidente duma republica de financeiros, onde a plutocracia atinge excessos peiores que os excessos do feudalismo, Wilson é dos que menos podem desejar a continuação da guerra em nome dum principio ofendido. E' certo que Democracia é sinonimo de Capitalismo. Desde que a questão se encare desse modo, temos então tudo nos seus devidos logares. Woodrow Wilson procura assim negociar com a beligerancia como já negociára com a neutralidade. Engana-se, porem. E eu sou dos que não acreditam na eficacia da intervenção americana. Um

Digitized by Google

exercito não se improvisa e os Estados-Unidos nada são debaixo do ponto de vista militar. Não nos esquecemos ainda como recuaram diante da atitude do Mexico. Não ignoramos como tremem em face das ameaças do Japão. Wilson enviará apenas á Europa algumas divisões que lhe assegurem uma cadeira na Conferencia da Paz. Tanto basta para que o perigo exista, sem existir para nós a vantagem dum auxilio, que a nossa dignidade, em todo o caso, nos manda repelir calorosamente.

De facto, mesmo que venha a realisar-se, limitadamente, a intervenção americana, se se prolongar ainda a guerra, a Europa, escravisada pelo oiro dos Estados-Unidos e exaurida por uma sangria monstruosa, sentirá pesar sobre ela o dominio brutal da formula de Monroe excepcionalmente alargada. Eu cuido que a Inglaterra já prevê as serias inconveniencias do concurso da América. E, tendo-lhe falhado o arremedo do congresso socialista *pro domo sua,* agora levado a efeito em Londres, não hesitará em lançar-se para a porta de salvação que a nota pontificia lhe oferece, colhida entre dois fantasmas, — o de Stockolmo com a subversão total da ordem burguêsa, ou o de Washington, com o seu poderio comercial e maritimo, condenado á morte irremediavelmente pela supremacia dum novo concorrente.

Compreende-se já como Wilson se apressou a responder ao Vaticano, primeiro que os gabinetes da *Entente.* Coloca ele a questão no puro campo

Digitized by Google

dos principios. Convem saber até onde vai a sua sinceridade. E' aqui que o aspecto interessante do problema se suscita, porque, se por um lado a America do Norte é na sua constituição politica e economica a negação da Democracia, como a mentalidade democratica a considera e saúda, por outro lado tambem é certo que o norte-americano, sem raça, sem ethos definido, nem unidade de passado, representa um tipo curioso de mestiço psicologico, em quem se verifica o maximo de espirito pratico ligado ao maximo de primitivismo intelectual.

A extravagancia da vida americana é através deste prisma mais que elucidativa. Ninguem a simbolisa melhor do que Paul de Adam na sua encantadora ironia do *Rail du Sauveur*. E' o caso dum pastor protestante que se convence de que, não no vale de Josaphat, mas num vale recondito do Oeste-Americano, é que a trombeta do Juizo-Final congregará os vivos e os mortos para a hora suprema da justiça de Deus. O reverendo Joe Galveston, numa interpretação audaciosa da Biblia, revela um dia á nação *yankee* que o Ceu a designara para ser testemunha, na tarde ultima da terra, da presença tremenda do Senhor. Desenrola-se aqui uma aventura de misticismo e de amor que põe ainda mais altos os creditos do rochedo de Alleghany, no qual o Senhor se intalará terrificamente, quando sobre as nuvens vier julgar o mundo pelo fogo.

Dentro de pouco a penha sagrada torna-se um logar de romarias incessantes.

Digitized by Google

Acodem de toda a banda multidões desejosas de contemplar o vale sombrio em que a Humanidade ha-de receber para sempre a palavra divina do castigo e do premio. A fama do sitio de eleição vai, no entanto, crescendo com as peregrinações que são cada vez mais repetidas e mais rumurosas. Faltam, porém, os transportes, as comodidades rareiam. Industrialisa-se logo o sentimento fanatico que faz desfilar procissões infindaveis diante dum penhasco sem nome. E não tarda que os comboios cheguem, resfolegando, a Alleghany, que na sua solidão inóspita se vê prontamente povoada de hoteis e de casinos. Ora aqui está o progresso ao serviço da superstição! Pois os Estados-Unidos não são mais que o progresso, na sua significação utilitaria, ao serviço dum povo adolescente que traja á *europeia,* mas sente á *colonial.* A ironia calma de Paul Adam apanha bem esse estranho psiquismo, que se manifestou no seu comico admiravel quando ha pouco tempo milhões de ingenuos aguardavam, se não aguardam ainda, do lado de lá do mar, a resurreição anunciada de Mrs. Eddy, a curiosa profetisa da *Christian-Science.*

E' o senso das relatividades que falta á America e a Wilson, — o seu homem representativo. Eu não posso aqui examinar as mil e uma circunstancias que incapacitam duma ação duradoira e eficaz a politica intervencionista de Wilson. Não ha muito que o «maior» de Chicago se recusava a receber a missão francêsa com as razões bastantes de ser

Digitized by Google

Chicago a terceira cidade alemã do mundo. «Nós somos vinte milhões de alemães e de austriacos na America»,—declarava na Camara dos Representantes M. Vollmer, deputado pelo Estado de lowna.—«Somos muitos para que tenhamos receio de que nos internem». De resto, o proprio Wilson foi reeleito com a influencia dos elementos germanicos, á testa dos quaes se destacava o falecido Herman Ridder, do *New-York-Staas-Zeitung*.

A situação de Wilson, enveredando por outro caminho, que não a daquela neutralidade sistematica de que ele tanto se orgulhava durante o seu primeiro presidencialato, — a situação de Wilson, se os dados de informação e de estudo nos não falham, será dificil, se não instavel, dentro de pouco. A previsão fica feita. E autorisa-nos a ela o facto de os Estados-Unidos se poderem considerar como divididos por uma linha vertical. A preponderancia alemã afirma-se absorvente nos Estados do Oeste e do Middle-West. Desarmará essa força, tanto mais que no Middle-West é que se encontram os maiores centros industriais da republica? Afigura-se-nos que não, como se nos afigura incerta a conducta da Casa-Branca quando mais directamente houver de efectivar as suas promessas.

A America não quer a guerra. E Wilson sabe bem que, para atenuar a oposição que se ia levantando contra os seus preparativos militares, teve que chamar para a pasta da guerra o seu antigo

Digitized by Google

discipulo Newton Beker, pacifista notorio. Eis o que nos leva a supôr que as surpresas não tardarão a surgir da America, que é geralmente a terra donde elas nos veem.

Mas Wilson, respondendo á nota pontificia, falou da democratisação alemã e mais uma vez, na sua mentalidade de colonial civilisado, entoou a aria batida da Liberdade. Importa saber se quem fala tanto de Democracia é realmente o chefe de Estado dum país democratico.

Se a Democracia é possivel com verdade em alguma parte, foi-o nos Estados-Unidos, quando a emigração presbiteriana aí se estabeleceu nas mesmas condições de vida e de interesses, com um territorio enorme e quasi vago. Depois, veiu a independencia e com a independencia a republica.

A republica não é ali a expressão democratica dum povo. A America com as suas realezas plutocraticas,— com os seus «reis» do petróleo, da hulha, do carvão, enfim, de toda a industria monopolisada nas mãos duma casta endurecida, constitue, no seu regime economico de *trusts* omnipotentes, a mais desaforada composição plutocratica que o mundo ainda conheceu. O sucesso do Catolicismo na America deriva precisamente da Igreja ser ali a defensora dos humildes, através das suas infinitas associações de trabalho e de assistencia. A America sofre em grau subido os horrores da questão social e até Wilson, candidato reeleito do partido democratico e autor dum livro «*A nova liberdade*»,

Digitized by Google

tira a sua popularidade exactamente de ser um adversario das oligarquias financeiras do seu país. Woodrow Wilson confunde-se, pois, ao falar para a Europa enfunadamente de Liberdade e de Democracia. A Liberdade e a Democracia teem para a America um significado economico, enquanto para nós, europeus, se revestem dum sentido exclusivamente politico. No entanto, bom é recordar que o milionario Andrew Carnegie, depois de ter mandado espingardear á sua custa pelos *detectives* da agencia Pinkerton os grevistas das suas numerosas fabricas, se meteu nas horas de ocio a sociologo, dando-nos um livro tambem,—*A Democracia triunfante* (!).

Acresce que a corrupção administrativa na America é regra e principio de governo. O Parlamento depende dos *trusts* por intermedio dos *bosses* e é conhecida de sobejo a existencia da famosa «*machina*», que é como que a organisação da propria immoralidade politica. O Estado na America já teria falido se os milionarios, seus comanditarios, lhe não acudissem nos gastos de esbanjador fabuloso. O povo, nessa democracia, não se perde na apreciação dos negocios publicos. Produz e enriquece-se.

E' antes uma plebe faminta de pretendentes e funcionarios quem pilha o erario e sorve tudo na sua voracidade insatisfeita. Sucede assim que o partido vencedor substitue em toda a linha o funcionalismo elevado e criado pelo partido que o pre-

Digitized by Google

cedera no poder. Já Tammany dizia que antes de mais nada um funccionario devia servir o partido que o nomeára e escolhera. Aqui se vê o que é a America como democracia e como lhe faltam as condições historicas que na nossa velha Europa equilibram a vida social, quando mantida e respeitada dentra da ordem legitima.

Já não me refiro ás prerogativas presidenciais do chefe do Estado na America. A constituição americana só é comparavel pela sua forte estructura á constituição alemã. A diferença, para melhor, existe na constituição alemã, desde que a identificação do interesse dinastico com o interesse colectivo dá origem a uma responsabilidade que na America não se verifica em consequencia da natureza transitoria da chefia do Estado. A comparação das duas constituições seria oportuna, se o espaço me não escasseasse. Provar-se-ia que se a autocracia nalguma parte ganha raizes e prospera é na America do Norte, com a divergencia mais absoluta do sentir geral com a direção dos negocios do Estudo, que os americanos desdenhosamente abandonam aos politícos, serventuarios diligentes de quem os elege e remunera com largueza. Por isso a resposta de Wilson só como um documento pitoresco de inocencia intelectual se deve aceitar e reputar.

Wilson, legista, padece como os legistas, duma mentalidade mais aferrada ás formulas que ás realidades. Eis aí todo o segredo do seu *verbiage* de tribuno antiquado. Aos pontos concretos da nota

Digitized by Google

pontificia responde com declamações. De resto, escusada se tornava a sua resposta. Ela mesmo não traduz nada de positivo e de claro. Nem tinha nada que traduzir. E' na Europa que a questão se ha-de derimir, porque é a europeus que ela respeita. Se a palavra é de prata, conforme os antigos, mais uma vez se confirmou que o silencio é de oiro. De oiro, na verdade, é o silencio tanto da *Entente* como dos Centrais. De lado a lado, a atitude do Vaticano é uma ancora que é preciso não despresar. O espectro de Stockolmo avulta cada vez mais no horizonte. Se o Capitalismo é o empenhado no negocio da guerra, ao Capitalismo não convem, porque seria a sua morte, a victoria dos seus expropriadores em Stockolmo. E o dilema é assim de dia para dia mais nitido e mais apressado. Ter-se-á que concluir pela paz romana. Nesse momento de aleluia para a Europa inteira, bom será que Mr. Woodrow Wilson, desiludido da sua vaidade de arbitro da Paz e da Guerra, tome modestamente o comboio de Alleghany e vá visitar o rochedo do Juizo-Final. Paul Adam terá materia para mais um capitulo e eu lhe prometo que a Europa, restituida ao seu sorriso, acolherá num sucesso de estrondo a nova edição do *Rail du Sauveur* com Mr. Woodrow Wilson por personagem da ultima hora.

Setembro, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

A ORDEM BURGUÊSA

Digitized by Google

Digitized by Google

A ORDEM BURGUÊSA

Na instabilidade permanente da nossa vida publica, não é dos homens que nós nos devemos queixar. Falta-nos um poder central que não dependa dos favores da opinião e que, no titulo indiscutivel da sua legitimidade, tenha consigo todo o prestigio duma autoridade voluntariamente aceite. Por mais que as ideologias republicanas persistam em afirmar o contrario, em Portugal a democracia está nos paroxismos finais, como de resto, em toda a parte. Se uma idéa se revela e afere pelas vantagens em que se confirma e realisa, não são outras as conclusões da terrivel experiencia social, que representa para o mundo a guerra européa. No seu ultimo discurso Lloyd George claramente manifesta a sua inquietação. E se as democracias externamente se nos desmascaram como incapazes duma ação militar eficás, tambem de ha muito a sua impossibilidade para a solução dos problemas economicos se encontra mais que demonstrada.

Quem diz «democracia» diz «individualismo». Quem diz «individualismo» diz por sua vez «bur-

Digitized by Google

guesia» e «capitalismo». Na pavorosa confusão mental de que a Europa é victima ha mais dum século, acredita-se ainda que a Revolução-Francêsa, porque proclamou os «Immortais-Principios», abriu ás classes pobres uma era nova de emancipação e prosperidade. Se a superstição liberalista não falasse tanto á sentimentalidade das massas, com certeza que não se teria ido tão longe num ludibrio que encobre a maior das falsidades. Se hoje existe, e em grau tão agudo, uma questão irreductivel entre o rico e o pobre, entre o que produz e o que consome, a culpa é precisamente da metafisica mentirosa da Revolução. A Revolução só deu acesso a arrivistas cubiçosos de oiro e de dominio, a quem faltava a preparação moral da antiga sociedade.

A antiga sociedade fundamentava-se no Sangue e no Trabalho, — na Familia e na Corporação. A Corporação e a Familia eram assim as bases dum acordo permanente das classes, identificadas pelo seu interesse comum com o interesse proprio duma dinastia. Tudo se subverteu, porém, na hora em que poude mais a oratoria duma turba anonima de agitadores. E de então para cá, correndo sempre atrás duma miragem que nunca mais se alcança, os homens dividem-se furiosamente na demanda dessa fraternidade por que tanto suspiram, mas da qual cada vez se afastam mais.

Não ha duvida que nos achamos em frente duma demorada e dolorosa crise. As reivindicações das camadas operarias crescem ameaçadoras, enegre-

Digitized by Google

cendo de apreensões o horizonte já carregado das incertezas mais sombrias. Apregôa-se, vai em seculo e meio, a soberania do povo e só descobrimos ocupando-lhe o logar o capitalismo mais desaforado e mais omnipotente. E' o oiro quem manda desbragadamente. Manda a agiotagem, como nunca. Reina a bancocracia. Um feudalismo peior que o outro, visto não conhecer nenhuma limitação de natureza espiritual nem resultar das necessidades historicas de sociedade, — um feudalismo, peior que o outro, escravisa a produção nas suas tenazes de ferro, ao mesmo tempo que entôa a aria estafada dos chamados Direitos-do-Homem.

Ha bem pouco ainda que Wilson saudava nos seus soldados os soldados da Liberdade. Soldados da Liberdade os soldados da mais descomunal das plutocracias que as gerações conhecem e conhecerão! Meditem nesta contradição evidente os que acreditam na sonoridade das grandes palavras e se deixam arrastar infantilmente pelo seu aparato de firma suspeita. Mais do que nunca a guerra européa é a prova de que vivemos sobre um artificio que é preciso denunciar a todo o transe. Esse artificio é o sofisma democratico que impede o Trabalho de se organisar colectivamente e cria na dispersão do proletariado a sua fraqueza diante dos detentores despoticos do poder. Não é outra a claridade porque devemos encarar a situação do nosso país durante os acontecimentos que ultimamente paralisaram quasi por completo a vida em Lisboa.

Digitized by Google

A concepção de existencia na democracia é materialista. Vem de Voltaire a sua herança filosofica e ninguem melhor a representa do que os aventureiros de 1830, com Thiers e Périer, gritando para os camaradas: — «*Enrichissez-vous! Enrichissez-vous!*» Deus ficára para os outros. Ficára para os outros, pelo muito que lhes haviam roubado, a lei antiga da honra que sujeitava as fortunas ao interesse da colectividade e que levantára, por isso mesmo, a Vendéa em defeza dos seus nobres, timbrando sempre em cumprir as suas obrigações de boas autoridades sociais.

A Revolução desembaraçou, ao contrario, a propriedade de tais encargos, que eram seculares. E quem andar um pouco em dia com as coisas da historia, verificará que, dos redentores de 89, os que escaparam á obra purificadora da guilhotína acabaram inevitavelmente principes do Imperio e ministros da Restauração. «*Oiça cá, duque de Otranto! — dizia-me duma vez Robespierre*». E nesta anedocta celebre de Fouché está contido o *parvenu* que a Revolução elevou dum salto ás culminancias doiradas do poder.

Ora as democracias, desenvolvendo por um lado o arrivismo e por outro o amor do lucro, colocam o Estado ao alcance dos ambiciosos que o souberem conquistar e segurar. Cria-se assim a «ordem burguêsa», bem caracterisada pela maneira sangrenta como se liquidam em democracia as convulsões populares. Luiz XVI morreu no cadafalso,

Digitized by Google

porque recuou em frente do alvitre de mandar metralhar a canalha de Paris. Por outro tanto caíu nas jornadas de Julho a Realeza legitima. Já não acontece o mesmo na França republicana, com Clemenceau ordenando os massacres de Narbonne e de Davreuil, e na «livre-América» com o milionario Carnegie, e autor do tal livro famoso, — *A Democracia trìunfante,* fusilando por conta propria os seus operarios em gréve. A «ordem burguêsa» é, pois, a ordem que se defende no Estado unicamente por meio da força e que, não tendo consigo nem um passado nem um futuro, pratica, enquanto lhe é possivel, a máxima de Guizot: — «*Governar é aguentar-se no poder*».

Nós conhecemos a «ordem burguêsa». Foi ela que resolveu, sem a resolver, a gréve que trás isolada Lisboa do país inteiro e o país inteiro do resto do mundo. O governo, na sua intransigencia, pretendeu proceder como governo. Mas para proceder como governo faltavam-lhe, — e faltam-lhe, os apoios que só possue uma autoridade legitima. Nascido duma revolução, quiz manter-se contra os resultados naturais dessa revolução. Não tinha em sua defeza mais amparos que os da resistencia material. Não filosófo agora sobre uma evidencia que os proprios factos se encarregam de descarnar bem cruamente. O que eu desejo é assinalar mais uma vez o fim proximo dos regimes democraticos.

Esta guerra trouxe com ela uma revivescencia espantosa de *nacionalismos*. Adite-se-lhe a pressão

Digitized by Google

crescente das reinvindicações operarias que já ninguem ilude na sua energia, de momento para momento mais forte e mais consciente. O sindicalismo é a forma social de amanhã. Voltam a aliar-se, deste modo, dois elementos eternos que a Revolução desprezou e de cujo consorcio derivará a saude da sociedade vindoira:—a Familia e a Associação.

São as democracias impotentes, por pecado original, para solucionar a crise que geraram com o seu advento. O duelo do Trabalho com o Capital testemunha-o claramente. A liberdade politica é um embuste com que se desvirtuam e sofismam as reclamações inadiaveis dos que produzem e nada conseguem. Não é de liberdade politica que se trata. Trata-se mas é de liberdade economica. A liberdade economica, pela sua propria indole, é incompativel com os sistemas parlamentares, que importam, como consequencia, as oligarquias politicas e financeiras que atiraram a Europa para a guerra e nela a manteem. E' imperioso apeiar o Capital do seu poderio abusivo para o tornar um acessorio dos dois factores que naturalmente o antecedem: — a Terra e a Produção. Exterminando a supremacia dos argentarios e o cosmopolitismo da alta-finança, a sociedade retomará, pela emancipação economica, o caminho perdido das antigas «liberdades», cujo segredo consistia sómente num vigoroso espirito associativo.

Mostram-se incapacitados de o conseguirem os

Digitized by Google

regimes saídos da Revolução-Francesa. Temos a prova ao alcance dos nossos olhos no espectaculo que Lisboa nos oferece. E se nos recolhermos um pouco a um exame mais vagaroso dos factos, o que se vê é que só as monarquias dispõem dessa admiravel faculdade. Embora aristocratica em Roma, a republica caiu pela sua impossibilidade organica em satisfazer as exigencias justas da plebe. Por ai afora, até a actualidade, é sempre o principio monarquico que triunfa na realisação pacifica das reformas mais avançadas. Com a queda da Realeza tradicional, desapareceu o sistema corporativo. A tirania da livre-concorrencia surge com a liberdade tiranica das democracias. Os operários portuguêses padecem e padecerão largamente os amargos indefinidos da maior das desilusões. «Oh, como a republica era linda nos tempos do Imperio!» — dizia-se em França, depois dos primeiros desenganos. Podemos repeti-lo em Portugal. Mas repeti-lo não basta. O que é urgente é que desembaracemos a mentalidade do proletariado dos seus preconceitos anarquicos, — lógicos em face da doutrina democratica, mas despidos de significado e valor em presença das realidades.

A ordem republicana é a ordem burguêsa. A ordem burguêsa Guizot a definiu, ao exclamar que «governar era segurar-se a gente no poder». Não são precisos principios. Para que diabo é que servem escrupulos e preocupações, se a vida passa

Digitized by Google

e o primeiro logar é do que primeiro lhe deitar a mão? A moral laica gera assim naturalmente o utilitarismo. O utilitarismo por sua vez conclue em Bonnot e em Garnier, — dois bandidos bem menos responsaveis e bem mais sinceros do que se imagina.

Tal é a situação das democracias contemporaneas. Provocam conflitos que não resolvem, sufocando-os pela razão momentanea da metralha. Regimes contra a natureza, faliram na guerra como na paz.

Incapazes de conduzirem extremamente um esforço, militar ou diplomatico, que seja continuo e homogeneo, prejudicam no interior a unidade social num constante acirramento de facções e de antagonismos. A virtude das monarquias, pelo contrario, consiste em desviar para fóra, em serviço duma aspiração de engrandecimento e riquesa, os fermentos internos de desagregação. Por isso como o passado foi seu, seu ha de ser tambem irrecusavelmente o futuro. O Estado guerreiro só é possivel com o Rei, como só com o Rei é possivel o Estado pacifico. Sobre essa certeza se repousa o *Integralismo Lusitano* que, sendo tradicionalista extreme na sua estructura, encara sem temor o dia de ámanhã, que na solução monarquica do Estado e na solução corporativa do Trabalho virá a encontrar o seu equilibrio definitivo.

As democracias terão já passado como passa um vento mau, não ficando mais delas senão o aproveitamento duma grande lição.

Setembro, 1917.

Digitized by Google

AS MONARQUIAS DE ÁMANHÃ

Digitized by Google

Digitized by Google

AS MONARQUIAS DE ÁMANHÃ

Seria darmos mostras do mais elementar simplismo de inteligencia se acaso pretendessemos traçar aqui, com precisão geometrica, o rumo que a sociedade levará depois da guerra. Não nos deve embebedar o ótimismo, nem deixarmos que nos vença qualquer sugestão pessimista, por muito forte que ela se nos apresente. Estamos vivendo, incontestavelmente, um periodo de transformação, —e das maiores transformações que a Historia assinala. Iludem-se os que supõem regressar á Europa de 1914, uma vez que a paz se veja assinada. Não se enganam menos os que, numa ingenua leviandade de espirito, andam convencidos de que a conclusão da guerra lhes favorecerá as predileções politicas. Não ha duvida que a Democracia sai definitivamente morta deste conflito pavoroso. Mas não é só a democracia, fórma de governo. E' tambem o parlamentarismo, sua representação social. Calcula-se por isso o solavanco que a Europa sofrerá para se acomodar á nova ordem de coisas. Essa nova ordem de coisas lhe assegurará, porém, o

Digitized by Google

equilibrio. E o equilibrio nós o conhecemos á sombra do princípio monarquico, que é o unico que dispõe de verdades naturais para restituir ao nosso continente atormentado a sua antiga estabilidade.

Não nos é possivel enumerar aqui as varias e infinitas causas que de longe prepararam a guerra actual. Mas, sem exagero, todas elas se pódem conglobar numa só:—o individualismo saído da Revolução-Francêsa. Não se abre hoje um livro dos que se dedicam a estudar com profundeza as origens da crise de morte que ameaça a Europa na sua prosperidade e na sua hegemonia,—não se abre hoje um livro desses, repito, que ao sumariar os factores que, tanto economicamente como politicamente, decidiram da explosão da guerra e do seu inutil prolongamento, não os faça depender, em conjunto, do erro democratico que durante mais de um seculo nos escondeu a face das realidades com as miragens taiçoeiras da sua ideologia de crime e de mentira.

A sociedade, expulsa dos seus moldes naturais, lançou-se então no caminho da desconexão e da anarquia, já nas relações dos individuos para com os individuos, já nas relações dos individuos para com o Estado. Entre os individuos e o Estado desapareceu, em nome duma liberdade teorica e sem fundamentos, a verdadeira multidão de organismos intermediarios que limitavam outrora a ação central do poder e facilitavam perante ele a defeza legitima dos outros interesses sociais.

Não inventariemos agora as consequencias que

Digitized by Google

resultaram da utopia revolucionaria. Rôtas as ligações do sangue e da terra com a obra comum do passado, a sociedade entrou a considerar-se como composta unicamente dos cidadãos existentes que, na frase celebre de alguem, nasciam como que engeitados e morriam como que celibatarios. Na falta de continuidade que só os regimes baseados na tradição nos garantem por meio das familias, das comunas e das corporações, o vento da Revolução desenvolveu-se depressa, gerando no mais duro dos materialismos a victoria da força sobre o direito, o predominio do lucro sobre a honra. A questão operaria, visivelmente agravada de hora para hora, é quando nos surge, pela abolição sistematica dos velhos quadros profissionais em que o trabalho se emoldurava e protegia, e sobretudo pelo advento das oligarquias financeiras que iam intumecer os tempos por vir com os problemas gravissimos que a nossa geração encontra diante de si instando por uma solução inadiavel e pronta.

Ora são exactamente esses problemas que no dia seguinte ao da guerra hão-de ocupar o primeiro plano e determinar da sorte do mundo, conforme a direção que se lhes imprimir. Num pequeno opúsculo, publicado anónimo ha cerca dum ano, — *La représentation nationale au lendemain de la paix (Méditations d'un combattant)*, o seu autor condensa nas proprias reflexões como que o exame de consciencia da nossa epoca tão dolorosa como desencontrada.

Digitized by Google

Ele é o primeiro a reconhecer que os factos economicos constituirão amanhã a energia preponderante de que sairá remoçada, senão perdida, a harmonia social. E nele eu vejo partilhada a idéa de que avançamos para uma outra Idade-Média, em que ao individualismo solto do seculo que findou se sucederá inalteravelmente uma concepção mais solidaria dos homens entre si. As preocupações que o referido opúsculo concretisa com tanta ansiedade, escrito como foi ao clarão da metralha, são hoje correntes por toda a parte onde o pensamento se exerça com nobreza e os destinos do mundo mereçam a atenção recolhida de quem se sinta digno de viver a hora presente em toda a sua plenitude.

Mas o problema é mais vasto, — e põe a questão delicada das relações das duas forças opostas da unidade e da liberdade, — a liberdade diversa por natureza, a unidade autocratica por tendencia. Na Idade-Media, a autonomia local e profissional, ao lado da admiravel florescencia das actividades espontaneas, chegou a ameaçar como um dissolvente a idéa nacional em formação: — a unidade era sacrificada á liberdade. Hoje, semelhante perigo não é mais possivel, — mas indo-se dum só jacto ao sistema diametralmente oposto, os parlamentaristas modernos *(les constituants modernes)* suprimiram todo o obstaculo á ação invasora do Estado, não se demorando as consequencias na atonia dos orgãos secundarios em proveito da cabeça: — a liberdade sacrificada á unidade.

Digitized by Google

Deriva evidentemente da ondulação social entre a liberdade e a unidade a necessidade duma justa cooperação desses dois elementos tão divergentes. Por isso Maurice Muret, resumindo as conclusões da guerra na *Gazette de Lausanne*, observa, em novembro de 1915, como sendo a lei imperiosa da politica reparadora do futuro:—«Autoridade e competencia ao alto, autonomia e fiscalisação á base...» O homem de Estado que souber corrigir neste sentido as democracias modernas,—a Belgica inclusivamente,—terá bem merecido da Europa e do mundo inteiro.

«Autoridade e competencia, autonomia e fiscalisação»,—não são outros os fundamentos em que o *Integralismo Lusitano* se repousa. Porque os toma como essenciais á restauração da vida publica portuguêsa, verifica tambem que, sem a coesão e a permanencia dum forte poder central, nunca a sua realisação se tornaria facil. A conclusão monarquica se nos impõe nesta altura, demonstrando-nos bem quanto do consorcio duma dinastia com uma nacionalidade resulta o penhor mais eficás da sua independencia e da sua valorisação. Ja nos tratadistas anteriores á Revolução nós deparamos assim a Realeza definida como um facto natural, originado pela conveniencia da propria sociedade em se conservar.

O principio electivo se tinha já então como sendo um rudimento de autoridade nos agregados apenas incipientes. A hereditariedade do poder

Digitized by Google

correspondia, pois, deste modo, a uma fase definitiva de diferenciação e de amadurecimento. E' o que hoje, estrondosamente, se contraprova. Só uma manifesta confusão mental levou, com efeito, a acreditar que as formas democraticas de governo dispunham, por virtude inata, duma superioridade indiscutivel sobre todas as outras. O grande ludibrio desmascara-se, enfim! E a monarquia nos aparece, com a frescura das coisas imortais, como o unico sistema capás de realisar a autoridade, a continuidade nas direções governativas, deixando aos orgãos legislativos e administrativos a liberdade, a autonomia e a fiscalisação.

No reconhecimento dessa verdade consiste o possivel regresso da Europa a uma situação conservadora. Contribuirá para ele definitivamente a victoria do sindicalismo. Tradicionalistas que somos, o nosso dever ordena-nos rigorosamente que, antes de mais nada, se tenham em vista as exigencias justissimas da organisação do trabalho. O capitalismo afunda-se, filho da Revolução como é. E são os conflitos da Produção e da Concorrencia que trazem consigo a formula politica do Estado de amanhã. E' aqui, onde nós parecemos ceder diante da onda crescendo, que está o caminho aberto para uma segura paz social. Precisamente porque repelimos em toda a linha a herança revolucionaria, é que nós nos inscrevemos intransigentemente contra a ordem burguêsa. A ordem burguêsa é o Estado napoleonico com a sua omnipo-

Digitized by Google

tencia burocratica e centralisadora, fazendo da sociedade uma larga administração, em que a posse do poder consiste no seu monopolio e na sua conquista por um partido mais atrevido que os outros. A democracia é, consequentemente, o regime das lutas internas permanentes, em que os argentarios predominam com a corrupção arvorada em arma de triunfo.

Revelou-se a Democracia incapacitada de resolver a crise europeia, tanto em evitar a guerra, como em n'a saber preparar.

Dão-lhe o golpe de morte as reivindicações operarias que, uma vez despidas da sua violencia anarquica, restituirão á sociedade o seu equilibrio antigo, desde que reduzam o Estado ao minino de intervenção, isto é, ao exercicio exclusivo das suas funções especificas, tomando os individuos e as iniciativas em organisações intermedias em que a liberdade e a autoridade hão-de achar a sua natural e legitima inter-penetração.

Assim se nos descobre a sociedade de ámanhã, sindicada nas suas multiplas actividades, como que entretecida duma rêde miuda de lares e de oficinas, e com remate logico numa familia que no seu egoismo privado realisa o entendimento pacifico dos diversos egoismos sociais. A tendencia monarquica dalguns nomes do sindicalismos europeu é já notavel nesse sentido, sendo unanimes os pensadores sindicalistas em afirmar terminantemente a sua repulsão pela democracia. Apertado

Digitized by Google

entre socialistas e anarquistas, o sindicalismo começou a sua libertação em 1906 no Congresso de Amiens. O Socialismo, expressão exacerbada do Estado democratico, reputava sempre o movimento operario como um movimento de partido. O Anarquismo, por outro lado, quisera transformar os sindicatos «numa especie de clubs de metafisica anti-autoritaria.» Em Amiens o Sindicalismo afirmou-se, porém, como um movimento operario, não de *partido* nem de *seita,* mas de *classe.*

A reposição do sindicalismo no seu terreno proprio de *classe*, condu-lo ao rompimento com a democracia de Estado e com a ordem burguesa, sua aliada intima. O seu esforço concentra-se em alcançar, como já dissemos, o minimo de Estado possivel. E, na impossibilidade de obter a autonomia economica porque se empenha e combate dentro das formas parlamentares e centralistas do Estado contemporaneo, o sindicalismo encontra-se em frente dum dilema:—ou Revolução Social ou o Rei. O mito da Revolução Social já entrou ha muito no seu franco eclipse. A guerra europeia, despertando uma admiravel revivescencia de instínctos nacionalistas, veiu ensinar ao sindicalismo que, além das realidades — Trabalho e Classe, ha tambem as realidades — Patria e Familia. E a hora se aproxima em que todos os sindicalistas conscientes da sua grande missão reparadora exclamarão como Edouard Berth numa pagina notavel do seu livro *Les méfaits des intellectuels:*— «*Ora é neces-*

Digitized by Google

sario dizê-lo nitidamente! Quer-se uma Humanidade amorfa, especie de monstro acéfalo, no Todo humanitario indeciso e indistincto, ou quer-se a manutenção das patrias actuais e das civilisações nacionalistas? Tal é a questão a que é necessario responder. E a essa questão, eu, sindicalista francês, não hesito em responder que, ligado á patria francêsa por todos os laços do sangue, do coração e do espirito, por tudo o que constitue a minha vida fisica, moral e intelectual, eu desejo apaixonadamente a conservação, e não só a conservação, mas a grandeza da mesma patria francêsa; e que, tendo êsse desejo, eu me consagro resolutamente aos meios de o realisar, quero dizer, ao Estado guerreiro, de que eu me sinto disposto a combater toda a compressão sobre a minha liberdade civil, mas ao qual eu confio o cuidado de defender victoriosamente a minha independencia nacional.»

Escritas antes da guerra, as palavras de Edouard Berth bem depressa se tornaram de simples testemunho individual numa aspiração colectiva de sentir e pensar. A ancora da sociedade de ámanhã nelas se define e toma corpo. Será da aliança do Estado forte, pelo prestigio forte duma familia, com as autonomias profissionais e economicas, de que a sociedade se compõe, que virá para a Europa, como lição da guerra, a forma mais duradoira da sua estabilidade. Terá terminado então a mentira parlamentar e liberalista, que trazia no seu ventre os peiores flagelos das democracias modernas.

Digitized by Google

Compenetrada desta evidencia, a nossa mocidade encara de frente o porvir, que, por mais que se congestione, não consegue nem um momento amortecer a esperança que nos arde no coração. Preparamo-nos conscientemente pelo estudo e pela disciplina para levantar uma Patria que outros deitaram abaixo e que sete anos de tentativas falhadas e vãs não conseguiram reanimar para a vida. Sabemos o que queremos e para onde vamos. Já isso não acontece, infelizmente, a quantos, mais responsaveis do que nós nas desgraças de Portugal, imaginam ainda que a conclusão duma catastrofe, como é a guerra europeia, apenas serviria para ser agradavel ao seu ostracismo desesperado!

Setembro, 1917.

Digitized by Google

A BATALHA DO BUSSACO

Digitized by Google

Digitized by Google

A BATALHA DO BUSSACO

Travou-se a batalha do Bussaco a 27 de setembro de 1810. E não sei que tragica situação aproxima Portugal de interrogações identicas ás que precederam essa jornada gloriosa da nossa raça. Se não olhassemos ao passado e não acreditassemos, pelos exemplos da historia, na persistencia admiravel do nosso genio nacional, motivos de sobra haveria para nos julgarmos perdidos, tanto hoje, no presente, como então, ás vesperas daquele setembro de ruidosa epopeia. A Europa convulsionava-se, da mesma fórma, num delirio sangrento. Da mesma fórma o nosso destino dependia mais de um imprevisto favor da sorte do que de uma realidade segura e indiscutivel. Tinhamos, contudo, o que não temos agora: -- uma dinastia que, encarnando na legitimidade do seu interesse a legitimidade dos interesses sagrados da nossa patria, foi, depois, no ajuste final das contas, o unico elemento positivo que encontrámos por nós decididamente. Ligava-nos, é certo, á Inglaterra uma apertada aliança defensiva e ofensiva. Mas é sobre seme-

Digitized by Google

lhante aliança, nos seus beneficios mais que hipoteticos, que a batalha do Bussaco nos convida a meditar.

Não ha erro maior do que o erro que supõe ser a tradição a razão mais forte para a defeza de uma aliança politica. Em politica internacional a conveniencia de um momento não é a conveniencia do momento seguinte. Se os regimens tradicionalistas o são pelo reconhecimento da natureza estavel das instituições firmadas numa larga continuidade historica, já igual principio se não deve invocar para que uma aliança se sustente e consolide pela exclusiva circunstancia de ser tradicional. O que póde ser tradicional é a causa em que essa aliança porventura se fundamente. O meio de a realisar varía, porem, de seculo para seculo, de instante para instante, embora o facto que a determina subsista em si. A aliança inglesa precisa de ser revista á luz deste criterio. E sem me atrever a discordar das indicações superiores que lhe aconselham a oportunidade, verifiquemos nós se, como *meio*, ela correspondeu sempre ao ponto de vista tradicional da politica dos nossos reis. Não existe ocasião mais propria para o fazer do que o aniversario da batalha do Bussaco.

Ninguem ignora que a aliança de Portugal com a Inglaterra nasceu, principalmente, da necessidade de nós resistirmos, como nação peninsular, á incorporação castelhana e de, suplantada a nossa hegemonia maritima quando a Inglaterra a adquiria ple-

Digitized by Google

mente, obtermos assim a conservação do nosso dominio colonial. Não examinemos aqui a genealogia desse acto diplomatico dos nossos monarcas, que muitos levam até á vinda dos inglêses no tempo de D. Fernando, se por acaso não remontam mais longe, — ao auxilio dos cruzados do Norte em tanta conquista dos alvores da nacionalidade. Mas uma tal intervenção, a aceitar-se como intervenção, não significa em nada uma idéa politica donde se haja de inferir com solidês a tão declamada existencia secular da nossa aliança com a Inglaterra. Trata-se dum simples concurso de tropas mercenarias. São episodios do borborinho mediévo, que, a ressuscitarem-se, não encheriam de lustre os pergaminhos da Grã-Bretanha. Já não falo das scenas de carnagem e de rapina, que enodôam os feitos militares da primeira dinastia, de que participaram cruzados inglêses. Basta lembrar que no saque de Silves cometeram inumeras atrocidades, a ponto de D. Sancho I os mandar expulsar pelos nossos soldados. E é sabido como Fernam Lopes, na *Cronica d'El-rei D. Fernando,* alude ás «*maneiras que os ingrezes tinham com os moradores do Reyno*».

Mais tarde, no seculo XVII, é que o pensamento duma aliança com a Inglaterra se define e assenta como exigencia imperiosa da nossa livre vida de povo. Contra o engrandecimento da Espanha, a França era a nossa aliada natural, — inimiga por sistema e finalidade da politica imperialista da casa

Digitized by Google

de Austria. Richelieu apoiou-nos com persistencia na insurreição de que veio resultar 1640. E, apesar das tortuosidades de Mazarino e de nos terem abandonado no congresso de Munster, a França não nos despresou inteiramente, como se prova pelo casamento de Afonso VI com Mademoiselle de Aumale. A guerra da sucessão da Espanha é que modificou as nossas condições de existencia externa. A subida do duque de Anjou ao trono de S. Fernando uniu a Espanha á França, justificando-se desta forma o dito de Luiz XIV: — «*Já não há Pirineus!*»

A politica tão increpada de D. Pedro II, e da qual derivou o tratado de Methuen, como mal menor, toma para nós agora um outro sentido. Não nos podiamos mais encostar a Versailles, desde que em Madrid reinava um Bourbon, que, forte da aspiração politica da casa de França, resurgiria, quanto a Portugal, o fio interrompido da cubiça castelhana. E' então que D. Pedro se atira para os braços da Inglaterra, sem outro recurso internacional de subsistir como soberano independente que não fosse êsse. De resto, os inglêses achavam-se já senhores dos mares, cujo dominio nós perderamos durante o parentesis filipino. Eis porque o tratado de Methuen não representa de maneira nenhuma uma quebra do interesse nacional, pois só em nome dele e para sua salvaguarda El-Rei D. Pedro II o negociou.

Por aqui se conclúi que, no dia em que a Es-

Digitized by Google

panha abdicasse duma pretensão, tão estulta como inviavel, de nos absorver, e quando a nossa indispensavel aliança com o Brasil se tornasse possivel sem que as nossas responsabilidades para com a Inglaterra saíssem diminuidas do novo arranjo diplomatico, novos factores entrariam na composição da nossa politica internacional, sem que se suspendesse com eles o seu fito tradicional. D. João V entendeu-o certamente assim, ao promover o casamento do principe herdeiro com D. Mariana Victoria e o da nossa infantà D. Barbara com o futuro Fernando VI de Espanha. Pombal, porém, regressa ao rumo anterior da aliança inglêsa, o que nos valeu a invasão espanhola por ocasião do chamado «Pacto-de-Familia» e nos ía custando a transferencia da côrte para o Rio de Janeiro.

A aliança com a Inglaterra adquire depois a sua maior intensidade nos principios do seculo XIX com a crise europeia, aberta pela Revolução-Francesa. Erradamente, a Espanha não quiz convencer-se que, por instituições e interesses, Portugal constituia o seu unico aliado natural. Em seguida á desastrosa campanha do Roussillon, a Espanha atraiçôa-nos e entrega-se contra nós ás cabalas do Primeiro Consul. Vingava a politica do intriguista Godoy. As consequencias colheram-se em 1801, na guerra dos Quinze-Dias, em que nos esbulharam de Olivença e seu termo, não sendo outra a causa dessa expedição sem nome senão a nossa fidelidade aos compromissos com a Inglaterra. Desde então, Portugal

Digitized by Google

achou-se irremediavelmente condenado pela ambição napoleonica. A Inglaterra como tal nos julgou, não cuidando no tratado de Amiens, em que se restabelecia a paz geral, de reivindicar para nós o territorio que nos tinham arrancado em Badajoz.

Em 1804 Napoleão corôa-se imperador. E' dificil apreciar com duas penadas o dilema embaraçoso em que Portugal se encontrou, trabalhado por duas forças opostas: — o *partido francês* e o *partido inglês*. O *partido inglês* impunha a guerra. O *partido francês* defendia a neutralidade. Ambos mais ou menos inspirados pela ambição estrangeira, levaram-nos nas suas divergencias quasi á beira da morte. Salvou-nos da ruina da independencia a retirada do Principe-Regente para o Brasil, que além de ser desde D. João IV um principio assente da nossa politica dinastica, resultou mais proximamente da convenção secreta, realisada em Londres aos 22 de outubro de 1807 e ractificada pelo futuro D. João VI logo a 8 do mez seguinte.

Não é a fuga desordenada que o romantismo dos nossos historiadores nos pinta e que o odio jacobino tanto explora. D. João VI se ficasse, caía nas mãos de Junot e o que sucedeu em Bayona á familia real espanhola, sucederia igualmente á nossa. Em poder de Napoleão os representantes da dinastia portuguêsa, teriamos em Lisboa um rei de encomenda, marca Bonaparte, indo-se toda a probabilidade de recuperarmos a autonomia, com o esfacelo inevitavel das nossas colonias, tanto mais que,

Digitized by Google

enquanto se negociava a paz de Amiens, o negociador inglês, claramente o indicava. «*Se o Primeiro-Consul invadir os estados de Portugal na Europa*»—respondia a Napoleão Lord Hawkesbury, —«a *Inglaterra invadirá os estados ultramarinos de Portugal.*» Não admira por isso que em 1809 se acusasse publicamente no parlamento inglês o ministerio que aconselhara a retirada de D. João VI para o Brasil, em logar de aproveitar a invasão francêsa para ocupar aquela extensa parte do nosso imperio colonial...

Conta-se nos *Apontamentos para a historia diplomatica de Portugal desde 1826 até 1834,* que Lord Grey, chefe do gabinete britanico, dissera duma vez ao nosso ministro Morais Sarmento: — «Desenganem-se todos que o governo inglês não tem predileção por nenhum governo estrangeiro, nem por nenhuma familia reinante: as suas relações teem somente por fim promover os nossos interesses nacionais.» Nada mais compreensivel nem mais humano, afinal! Foi o ponto de vista que a Inglaterra timbrou em servir á risca nas campanhas da Peninsula. Quando sir Artur Wellesley desembarca nas nossas costas, já Portugal está levantado em massa contra os francêses. Por toda a parte a defeza se organiza, por intermedio de juntas provisorias e locais. O intuito de Wellesley não era auxiliar-nos. Consistia em apoderar-se de Lisboa e em socorrer Cadiz para que a Inglaterra dispusesse na Peninsula de dois pontos de penetração seguros.

Digitized by Google

Tanto assim que nem sequer se noticiou ao nosso embaixador em Londres a partida da expedição.

O mesmo espirito presidiu á Convenção de Sintra. O interesse e o decoro de Portugal viram-se esquecidos senão atropelados por uma lealdade pouco lisa. O desventurado Bernardim Freire protestou com energia imediatamente, declarando a Convenção de Sintra injuriosa para a autoridade do Soberano e para a dignidade da Patria. Protestou tambem o marquês de Olhão, governador das armas do Alemtejo. Até o proprio governo do Rio se queixou profundamente. Outra coisa não aconteceria no Congresso de Viena, em que a Inglaterra se comprometeu a restituir á França a Guiana, que nós lhe conquistaramos, sem ao menos lhe merecermos a atenção duma prévia consulta. Em recompensa deixou-nos sem Olivença, não obrigando, como nossa aliada, ao cumprimento dos tratados as potencias que os haviam subscrito.

Tais são as tristes reflexões que me desperta a passagem de mais um aniversario da batalha do Bussaco. A Inglaterra não contava comnosco para nada e obscureceu, tanto quanto possivel, a ação dos nossos soldados. Os seus exercitos não se ficaram atrás dos do invasor nas «*más maneiras*» com que arruinaram o pais, deitando fabricas abaixo, assaltando herdades e armazens, conspurcando até mulheres inofensivas. Consta dos relatorios do proprio Wellington. No entanto, ao contrario do que se afirma, nós é que salvámos a In-

Digitized by Google

glaterra, não foi a Inglaterra que nos salvou a nós.

Sem esta estreita faxa de terra, reduzido á sua ilha, o colosso britanico teria sucumbido. Não sucumbiu. E ei-lo que renova os seus velhos processos de ataque na grande luta em que traz a sua existencia empenhada. Sómente os tempos mudaram. A Inglaterra de então parecera chamar a si a defeza da ordem legitima, — da ordem conservadora. A Inglaterra de hoje diz-se o paladino do principio revolucionario. Tratar-se-á duma formula, —dum pretexto, duma bandeira? Talvez. Mas o que é certo é que a victoria demora em lhe dispensar o primeiro dos seus sorrisos favoraveis. A guerra exige actualmente um caracter tecnico que não exigia ha coisa dum seculo. Esperar e resistir bastava então. Não basta agora. Porque a Inglaterra não dispõe de qualidades ofensivas. Wellington não aproveitou as vantagens da batalha do Bussaco, que era impedir a marcha de Massena para Lisboa, decidindo-se a dar batalha só depois das magnificas cargas de baioneta dos nossos caçadores. Seja-nos grato a nós, portuguêses, recordá-lo, quando, para desgraça nossa, não sabemos ainda bem o que o senhor Costa Junior irá revelar-nos na sua prometida conferencia. Anunciada como está para a noite de 26, singular maneira será essa de se comemorar a vespera da batalha do Bussaco.

Outubro, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

O NOSSO FUTURO

Digitized by Google

Digitized by Google

O NOSSO FUTURO

Não era preciso que o deputado socialista sr. Costa Junior fosse dizer á Associação dos Lojistas, com tão grande desassombro e não menos patriotismo, qual a sorte que esperava o nosso patrimonio ultramarino, para que nós ficassemos só agora sabedores das disposições cubiçosas da Inglaterra a respeito das colonias portuguesas, tão depressa uma oportunidade politica lhe facilitasse a satisfação delas. Em Portugal, onde a tradição de Acacio é quanto resta do passado politico vendido em Cinco de Outubro, tem havido pensadores e homens de visão larga que, não enfeudados á mediocridade organisada dos partidos, passaram sempre no escuro e no escuro permaneceriam, se o nosso inquieto nacionalismo os não arrancasse ao esquecimento em que o seu nome parecia dissolvido. E' Moniz Barreto um desses homens, cujas paginas de ha perto de vinte anos sobre politica externa na *Revista de Portugal* constituem uma afirmação penetrante de uma inteligencia, a que não faltava nem a maleabilidade de uma cultura eminentemente

Digitized by Google

realista nem um notavel senso exercitadissimo das coisas da Historia. Se o *Integralismo* não póde subscrever totalmente as conclusões de Moniz Barreto como filosofo e como critico, póde e deve no entanto lê-lo e medita-lo confiadamente logo que o assunto escolhido pelo seu elevado espirito se prenda por sua natureza com os problemas da nossa vida internacional.

Foi Moniz Barreto um como que profeta da guerra actual. De longe, olhando á instabilidade social da Europa, com falso apoio no individualismo revolucionario, impressionam deveras, se as percorrermos agora, as suas reflexões tão precisas como documentadas sobre o imperador Guilherme no inicio do seu reinado, sobre a ambição imperialista da Inglaterra, — responsavel duma catastrofe guardada para os nossos dias, emfim sobre a atitude da Italia em face da futura conflagração européa. Não contou Moniz Barreto duas forças que, de acidentais, se tornaram preponderantes na marcha do conflicto — a hipocrisia democratica e a intervenção maçonica. A intervenção maçonica levou a Italia a romper com os compromissos anteriores, rompendo assim o seu interesse de potencia mediterranica, a quem importava, como questão vital, que nunca Constantinopla caisse em poder da Russia. Não caiu, efectivamente, porque o colosso moscovita foi salteado no seu caminho por um ataque de epilepsia inespeperada, de que resultará o seu desfalecimento irreparavel. Mas não joga por

Digitized by Google

isso menos certo o juizo de Moniz Barreto, a quem não escapou a cumplicidade decisiva que os interesses comerciais da Grã-Bretanha representariam na guerra actual. E' aqui que surge a hipocrisia democratica, com que, a pretexto das mais inconfessadas ambições, se tagarela a cada hora, em ar de carpideiras oficiosas, da Belgica invadida, dos tratados violados, da liberdade espesinhada, numa palavra, de tudo quanto constitue, na sua mais pura essencia, o recheio militar e diplomatico do passado da Inglaterra.

Pois, relacionando a situação geral da Europa com a politica exterior de Portugal, eis como se exprimia Moniz Barreto, em dezembro de 1891: — «Absorver os nossos dominios da Africa Oriental e se fôsse possivel os da Africa Ocidental, tal é o programa proclamado por metade dos publicistas inglêses e tacitamente aceite pela outra metade. A importancia d'essas regiões não faz senão aguçar os apetites britanicos, como a convicção da nossa fraquesa não faz senão estimular as resoluções de espoliar-nos. Para satisfazer essa ambição, a Inglaterra não duvidará recorrer á violencia, como não tem hesitado em servir-se da ameaça e da calumnia. *E para satisfaze-la não encontraria melhor ocasião que uma guerra continental que distraisse a opinião europeia e até mesmo lhe assegurasse a cumplicidade das potencias interessadas na sua benevolencia.*»

A cabala que se desfez na Conferencia Socia-

Digitized by Google

lista de Londres reveste duma dolorosa veracidade a predição de Moniz Barreto. Nada me obriga a mim, — *nacionalista por principio e monarquico por conclusão,* — nada me obriga a mim a guardar um calculado silencio em face dum acto que de monstruoso por si se qualifica, como é a proposta apresentada á referida conferencia por Henderson, chefe do partido trabalhista inglês e membro que era ainda do ministerio britanico na altura de a elaborar. Bem julgou o sr. Costa Junior, ao atribuir o espirito de semelhante proposta, não á iniciativa individual de Henderson, mas á inspiração politica do proprio gabinete de que fazia parte.

Eu podia aqui insurgir-me contra os prégadores encartados do Direito, da Liberdade e da Justiça, — se eu acreditasse no tal Direito, na tal Liberdade e na tal Justiça. Eu podia aqui perguntar para que é que se morre em França e se exgota o país em homens e em energias, só para honrar uma aliança que é a primeira a desonrar-se a si mesma. Nada pergunto e em nada me insurjo. Simplesmente, para o fim proximo do nosso patrimonio ultramarino, a minha esperança persiste ainda inabalavel e firme, recusando-se a admitir serena e raciocinadamente,—a desaparição da patria, arrastada, como consequencia imediata, na causa da desaparição das nossas colonias.

Escusado é salientar que se no imperio africano que se procura improvisar á custa da maior das piratarias, nos deixam Lourenço Marques, Inhambane

Digitized by Google

e a Zambezia, é porque não é outro o presente oferecido pela Inglaterra á União Sul-Africana, não rompa ela os ternos laços de vassalagem que precariamente a ligam á metropole. Quanto aos Açôres,—a formula de Monroe, alargada á Europa, começaria,—começará, é mais exacto, por ali a sua aplicação. Portugal, crucificado da guerra, victima sangrada e expoliada da lealdade punica dos seus aliados, vêr-se-á, deste modo, abandonado ao seu destino, sem recursos, — assevera-se — para viver, dentro da sua pequenês, das riquezas naturais de que porventura disponha.

Eu não nasci para homem de Estado, — e, se algumas aspirações politicas eu tivesse, suponho-as inutilisadas para sempre, desde que me atrêvo a lançar o meu nome modesto por debaixo destas afirmações. Todavia, sem conter a indignação que me põe o espirito em carne viva quando me demoro a reflectir um pouco sobre o latrocinio anunciado com tanta naturalidade á Conferencia Socialista de Londres, não me parece a mim que Portugal, reduzido á exiguidade dos seus limites, haja, só por esse facto, de se considerar inteiramente perdido para todas as promessas do futuro. Não vou inventariar aqui as nossas fontes de riqueza, nem as possibilidades economicas mais viaveis de que nos poderemos socorrer desde que com um regime mais adequado, — um regime monarquico, anti-parlamentarista e descentralisador,—nós olharmos detidamente para o porvir da nacionalidade.

Digitized by Google

Não se assusta com isso o *Integralismo Lusitano.* Não é que nos falte a consciencia da crise quasi imortal que atravessamos. Não é tambem, por outro lado, que queiramos atribuir a nós aquela frase celebre de Mahan que dá a hora das grandes catastrofes como sendo a hora das grandes almas. Não! O nosso nacionalismo, porque é raciocinado e calmo, prevê todas as hipoteses, principalmente as peiores, — as mais negras. Essa dum Portugal enclausurado na sua estreita faxa atlantica, preocupa-nos deveras e é a realidade sobre a qual incidimos a todo o instante a nossa meditação, visto ser o aspecto mais grave de que o futuro nacional se reveste para nós.

Os paises balkanicos merecem-nos por isso uma especial atenção. Paises de fronteiras pouco extensas, verdadeiros marcos criados pela politica czarista—quando havia ainda Russia—, para uma limitação prudente do avanço islamita, nem possuem outros elementos de prosperidade que não sejam os do seu proprio solo, nem inclusivamente lhe favorece o desenvolvimento uma larga e abordavel linha maritima, que lhes valorise a posição e os faça desejaveis para entendimentos e alianças politicas capazes e dignificadoras. Contudo, por infinitas que sejam as dificuldades com que se teem encontrado a braços, a principiar logo pela mais aguda de todas elas,—a da consolidação da sua autonomia, o que é certo é que esses longinquos e embrionarios estados, mal despertos para uma existencia nova

Digitized by Google

do seu longo sono secular, fornecem-nos hoje, com o seu irrequieto e viçoso nacionalismo, um exemplo edificante de como se póde viver e medrar sem colonias, desafogadamente.

E' mais desanuveado o caso de Portugal, por peior, —repetimos—, que seja a hipotese considerada. Não ha muito tempo ainda que o historiador italiano Guglielmo Ferrero observava que o caracter técnico da civilisação moderna permite ás pequenas nacionalidades desenvolverem-se da mesma maneira que os grandes estados, sem terem que suportar o peso esmagador dos encargos que oneram estes ultimos. Assim é, com efeito. Contando com a transformação economica da epoca presente, o trabalho rasga ainda ao destino de Portugal formosas e largas avenidas com tanto recurso natural a aproveitar, mesmo com uma situação internacional valiosa a reconstruir.

O sentido da colonisação modificou-se hoje profundamente. Pode não andar ligada ao nosso nome a idéa de soberania, sem que por semelhante circunstancia a nossa colonisação se deixe de realisar com proveito.

Reparêmos no que sucede com o Brasil. Independente vai quasi um seculo, não deixou de ser, e com os melhores fructos para nós, um terreno propenso admiravelmente á expansão da nossa atividade. O que é imperioso é preparar o emigrante, — eleva-lo, tanto quanto possivel, á altura do seu concorrente estrangeiro. Depois, em Africa, a noção

Digitized by Google

moral do nosso prestigio de seculos, tão radicada no animo do indigena, ha-de facilitar-nos uma outra penetração, com a qual rivalisará debalde a dos ocupantes de facto. Bem perto de nós, eis o que se verifica em Marrocos. O português, para o marroquino, é sempre o «senhor», na convergencia de todos os outros elementos forasteiros. Aí está um desvio importante para a nossa expansão, aí está a chamar por nós o «Algarve de Alem-Mar», para que se retome o fio obliterado do alargamento nacional que a India perverteu e que com tanta infelicidade D. Sebastião pretendeu reatar.

O problema de Marrocos é vital para a Peninsula. Uma velha lei historica ensina que o futuro das nações peninsulares depende do povo que estacionar nas cabeceiras de Africa. A Espanha tem com a penha de Gibraltar uma questão tão fundamental como ela a resolver:—é essa de Marrocos, efectivamente. Afigura-se-me a mim, — e a Moniz Barreto já se afigurava tambem, que a Espanha não a resolverá sem a nossa colaboração. Debruçado para o Atlantico, no dia em que á formula estulta de *união-iberica* se substituir a formula consciente e erguida de *aliança-peninsular*, Portugal, ligado á Espanha pela mesma finalidade exterior, recupera novamente o senso adormecido da sua antiga vocação mundial. O Estado forte é a primeira base da nossa ressurreição. Eis porque se esforça o movimento integralista, na sua faina ardua de despertar para a lucta as energias sonambulas da nossa

Digitized by Google

raça. O dominio do Oceano, realisando o profundo ponto de vista de D. João IV, é mais um motivo de ponderação a impelir-nos para a aliança com o Brasil. A interrogação de Marrocos prende-nos, por outro lado, estreitamente, á Espanha. Arrumada uma vez, eu vejo, pela chave do Estreito, o Mediterraneo tornado de novo o *marenostrum*, — o mar sagrado da nossa civilisação.

A aproximação espanhola com as republicas, suas filhas, da America-Latina ajuda-nos poderosamente no objectivo internacional que nos manda apertar as nossas relações com o Brasil. O nosso pequeno país, arraigado á limitada fita de terra donde outora partiu a ver da nova Aurora, alevantar-se-á do seu letargo, para uma missão bem mais nobre do que essa que nos distribuiram na Conferencia Socialista de Londres. Nós, os que somos moços, não desesperamos por isso. A nossa fé nacionalista é mais ardente e crepita com mais fogo, quando o horisonte é mais escuro, á volta de nós. De modo nenhum abdicamos dos nossos direitos de povo-livre!

Tambem ha cem anos a Inglaterra, nossa aliada nas guerras contra Napoleão, nos sentenciava ao abandono. E, apesar de tudo, Portugal subsistiu. Ele subsistirá na eternidade dos tempos, porque na eternidade dos tempos os nossos mortos lhe saberão dar a energia quasi divina porque duram as nações e por meio da qual se escrevem as grandes epopeias. Assim uma vontade robusta nos una e

Digitized by Google

nos una, em carne e em espirito, o mesmo pensamento de continuarmos a patria que nos foi legada. E' como haveremos respondido ao epitafio que nos lavraram na Conferencia Socialista de Londres aqueles que hipocritamente se intitulam os defensores das pequenas nacionalidades, mas que ao longo da historia não teem sido senão os seus criminosos expoliadores.

Outubro, 1917

Digitized by Google

AS DUAS RAÇAS

Digitized by Google

Digitized by Google

AS DUAS RAÇAS

E' já hoje conhecido o facto de um oficial inglês observar nas trincheiras á gente nossa que havia em Portugal duas raças totalmente diferentes:—a *raça monarquica* e a *raça republicana.* Nesse dito fugidio de ocasião eu creio que se resume toda uma sintese critica da origem da nossa democracia. De sempre, eu tive a republica como o resultado, largos tempos contido, dum atavismo etnico adverso á conformação da nacionalidade. Não falo já da mulatice do senhor João Chagas, nem da pretidão retinta do senhor Henrique de Vasconcelos. Escuso mesmo de aludir á côr daquele oficial que instruiu o processo de D. Constança Telles da Gama. Nem tampouco me merecem referencia detalhada os antecedentes hebraicos do senhor Luis Filipe da Mata, filho ou neto duma judia de Bragança. Serenamente, sem individualisações irritantes, a republica pode-se bem considerar, entre nós, como a floração violenta de quantas taras exoticas conseguiram toldar a unidade psiquica e social da familia portuguêsa

Digitized by Google

como consequencia da nossa larga aventura ultramarina.

Discorrendo da *Questão-iberica*, já eu escrevia, vai para tres anos, que, enquanto em Espanha existem varias nacionalidades latentes, comprimidas pela supremacia unitarista de Castela, em Portugal existia apenas a nação portuguêsa, «*a não ser agora a conquista do estrangeiro do interior, reviviscencia etnica dos pretos e dos judeus de que o Santo-Oficio nos livrou inteiramente.*» Por estranha e paradoxal que pareça a minha afirmação, é bom recordar primeiro que no seu livro *Les selections sociales* Vacher de Lapouge atribúe o verdadeiro motivo da decadencia de Portugal á inquinação do nosso sangue pela vinda ao reino de massas e massas de escravos negros. Não irei tão longe, e duma maneira tão absoluta.

Mas num país como o nosso, tão escassamente povoado, o exodo incessante das Conquistas e das Descobertas abriu na metropole, com gravidade extrema, a crise do trabalho e da produção. Sucedeu-nos o que sucede a todas a nações atiradas para a voragem do imperialismo colonial, desde que uma resistencia especifica de raça as não defenda de misturas ignobeis, como sucede com a Inglaterra: —a introdução da escravatura e a mestiçagem imediata dos elementos indigenas com as importações de raça inferior. O caso em Portugal assumiu tamanho desenvolvimento que, já ao principiar de Quinhentos, nas saborosas redondilhas da

Digitized by Google

sua *Miscellanea,* o gordo Garcia de Rezende não reprimia uma exclamação de justificado alarme:

«Vemos no Reyno metter,
tantos cativos crescer
e irem-se os naturaes
que, se assim fôr serão mais
eles que nós, a meu ver.»

Veio depois a Inquisição, ferindo de incapacidade privada e publica quem fosse de «*infecta Naçam*», como judeu, mourisco ou mulato. Nós não podemos avaliar ligeiramente o tão debatido problema inquisitorial, sobretudo se o consideramos através das insubsistentes declamações humanitarias com que é de uso condenar o Santo-Oficio, num rosario crescente de calunias e de simples embustes.

A historia manda-nos como bôa regra scientifica que se não apreciem factos de ontem com mentalidade de hoje. Assim, a Inquisição não tem que se defender nem tem que se atacar. Tem unicamente que se compreender em relação ao meio e á epoca. Abusou a Inquisição sem duvida, mas abusou como tribunal politico, nunca como tribunal religioso. Os excessos da Inquisição espanhola levaram a Igreja a suspender Torquemada do exercicio da sua ordem de missa e dificultaram, da parte de Roma, o estabelecimenlo do Santo-Oficio entre nós. A bula a D. João III, concedendo as necessarias licenças apostólicas, é um documento que iliba a Igreja de

Digitized by Google

todas as responsabilidades que lhe assacam sectarios sem sciencia nem consciencia.

Deste modo, desviada do terreno religioso para o terreno politico, a Inquisição foi, entre nós, um agente de defeza da unidade nacional, como já o fôra em Espanha nas mãos de Fernando e Isabel. Debaixo do ponto de vista etnico, evitou que a Grey se perdesse irremediavelmente na sua tendencia degradante para cruzamentos infames. Debaixo do ponto de vista social, num país que a posição maritima e o destaque comercial colocavam á beira do oceano como um entreposto cosmopolita, onde afluiam multidões de toda a parte, — debaixo desse ponto de vista, poupou-nos ás sangrias esgotantes das lutas religiosas, que devastavam então quasi metade da Europa. E, finalmente, na ordem economica, com a limitação do poderio financeiro dos judeus, livrou-nos da conquista interna por uma estirpe diversa da nossa e inteiramente inassimilavel com ela.

E' com frieza, pois, que o problema da Inquisição carece de ser examinado. Não serve para nos elucidar o panfleto de Alexandre Herculano, que já no seu tempo se não defendeu dos reparos implacaveis de Sousa Monteiro. Hoje, com as luzes trazidas á questão pela antropologia, principalmente no seu aspecto sociologico, ha que revê-lo de baixo para cima, globalmente.

Ora, se a *raça republicana*, traduzindo o afloramento das varias manchas étnicas que infeciona-

Digitized by Google

ram a nossa conformação historica, nos não suplantou mais depressa, é ao Santo-Oficio que o devemos agradecer. Mantiveram-se hierarquisados os quadros naturais de sociedade; e, enfraquecidas as nossas camadas superiores pelo esgotamento de mais dum seculo de dominio militante por terras de Alem-Mar, só assim o nosso indigenato se viu protegido contra os assaltos duma étnia mais resistente e menos debelada.

Os escravos, esses apenas contribuiram para empobrecerem, nas suas nascentes, os nossos reservatorios populacionais. Do seu psiquismo baixo e nauseabundo derivou o *fado,* que nós precisamos de combater intransigentemente, como expressão que é da mais torpe decadencia. Os judeus é que nos haveriam avassalado com a sua sofreguidão instintiva, se, por um lado, D. Manuel I não nos tivesse desembaraçado da sua tutela financeira, desembaraçando-nos deles, e se por outro, a Inquisição os não trouxesse sujeitos a uma vigilancia cuidadosa. O semitismo contemporaneo enche de inesperadas razões a verdade politica nacionalista daquele rei. E, se nos recordarmos que as côrtes revolucionarias de Cadiz, ao abolirem a Inquisição em Espanha, reconheceram, no entanto, que os judeus formavam um estado no Estado, concordaremos sem mais reservas no alcance superior das resoluções de D. Manuel.

Como categoria etnica hostil á nossa, tão depressa Pombal acabou com a distinção entre *cris-*

Digitized by Google

tãos-novos e *cristãos-velhos*, prepararam-se os judeus para o assalto do Estado. São eles quem dá a mão a Junot na hora aziaga da invasão; e se nós contemplamos os franceses ajudados pela Maçonaria, ainda aí se verificará o dedo do judeu, pois a Maçonaria não é mais que uma manifestação tipica de *semitismo moral e intelectual.*

Pela infiltração maçonica lentamente se tornou possivel o advento das forças bastardas que a nossa disciplina católica e monarquica conservára reclusas nas criptas da nacionalidade, sempre que as não conseguiu reduzir á comunhão depuradora dum mesmo ideal. A desnacionalisação começa pelo desenvolvimento progressivo do Liberalismo, que é uma forma espiritual do Semitismo, como criação directa da Maçonaria. Perdido o sentido tradicional da nossa antiga vocação, a calunia da nossa historia completa a obra, desenraisando e desfibrando toda aquela forte autoctonia lusitana, que, com raiz nos nossos municipios, escrevera a epopeia admiravel de Quatrocentos. Era a *raça monarquica*, depositaria do nosso passado e que um sonambulismo já secular atirava agora para as algemas do estrangeiro do interior.

A revolução de 5 de Outubro marca o pleno acesso á posse do Estado de quanto judeu de linhagem ou de pensamento enxameava a nossa pobre terra. Rigorosamente, a republica não é apenas um episodio politico. Traz de muito longe a sua ascendencia e corresponde bem á substituição vio-

Digitized by Google

lenta dum factor etnico por outro. Em França já sucedera o mesmo. «A Revoluçao foi antes de mais nada a transmissão do poder duma raça para outra»,—escreve Vacher de Lapouche. M. Goustravos Schultheiss, que na Alemanha se constituiu em adversario encartado das doutrinao selecionistas, constata este ponto de vista. «Basta comparar os retratos de personagens das duas épocas... A côr loira, outrora dominante, torna-se rara. Do seculo XVI aos nossos dias percebe-se assim uma gradação regular, correspondendo á Revolução». Tambem a historia da Inglaterra é caracterisada etnicamente por duas fases diferentes. A subida de Cromwell denuncia-nos a victoria «dum elemento dolicocefalo castanho de que os retratos do tempo forneceram a Galton o tipo etnico», — comenta ainda Vacher de Lapouge. Destronado e executado, o rei Carlos I apenas teve por seus defensores os «Cabeças redondas», dimanados duma progenie diversa.

Se a existencia social da Inglaterra e da França é determinada por esta especie de duelo entre duas raças antagonicas, identico principio preside ultimamente aos destinos desgraçados de Portugal. Submetida na Rotunda, depois de implantada a republica em Evora-Monte, a *raça monarquica* cedeu á *raça republicana*. Da direção anti-nacional que, de então para cá, as nossas coisas entraram a receber, é interprete completo, nos domínios do espirito, o poeta Guerra Junqueiro, — duas vezes judeu, por origem familiar e por formação mental.

Digitized by Google

Justamente ponderava o senhor conselheiro Aires de Ornelas que a *raça republicana* pretende criar um Portugal maçon, com uma Batalha laica e um Nun'Alvares do Registo Civil. E' no poema *A Patria*, de Guerra Junqueiro, que o Condestabre nos aparece servindo esse proposito vilissimo, quando o facciosismo sacrilego do vate o acorda do descanso da morte para incarnar nele o odio ancestral do seu sub-consciente contra a dinastia reinante.

Se o caminho da *raça republicana* para triunfar tem sido deste modo, através do maçonismo, a desnacionalisação sistematica do país, é restituindo-o quanto antes ao seu *meio-vital* obliterado, á sequencia interrompida da sua tradição, que nós nos poderemos libertar da conquista aviltante do estrangeiro do interior. Definhados e embrutecidos por um desvio durando já de mais, a tragedia em que insensatamente fomos envolvidos é, por mercê de Deus, o purgatorio redentor das nossas qualidades hereditarias. A *raça monarquica* recupera-se do seu demorado eclipse. Ela que fez Portugal, ela o restaurará. Por isso, nesta hora tão amarga e tão incerta, são os netos daqueles que ha cem anos nos trouxeram de França os germens da desordem e da ruina, quem de França nos ha-de trazer agora o segredo esquecido das nossas adormecidas virtudes. Um ciclo se encerra com tropas nossas indo expiar sobre a terra donde nos veiu a perdição o erro tantas vezes criminoso que nos levou quasi ás

Digitized by Google

portas da morte. Já a *raça republicana* diante do perigo se apaga e diminue na insubsistencia dos seus frageis recursos hereditarios. De todo se apagará no dia em que, devolvida á sua inteira plenitude a consciencia colectiva, a *raça monarquica* retomar gloriosamente a condução dos destinos duma patria que é a sua obra e que só por sua obra continuará.

Novembro, 1917.

Digitized by Google

Digitized by Google

EL-REI D. CARLOS

Digitized by Google

Digitized by Google

EL-REI D. CARLOS

Não falarei de El-Rei D. Carlos na sua obra artistica e scientifica. E' dever do meu espirito, neste momento, olha-lo antes debaixo do aspecto porque foi mais incriminado, vindo por ele a sofrer paixão e morte. Refiro-me á sua politica, tão mal compreendida hoje mesmo, mas que, realçada a distancia pela transformação das inteligencias e dos tempos, o fará para a admiração do futuro o maior de todos numa época sem finalidade nem aspirações, em que só a sua figura se destaca envolta num halo ensanguentado de martirio.

Tinha por si El-Rei D. Carlos a natural aptidão dos Braganças para a arte de bem governar. Tornada por penas sectarias em arma de partido, a nossa historia não passou nunca dum panfleto sem consciencia nem consistencia contra a dinastia reinante. Não estranhemos por isso que logo o seu proprio fundador seja considerado através da calunia com que os manifestos filipinos, espalhados pela Europa a peso de oiro, lhe pretenderam entravar e diminuir o seu tacto habilissimo no reconhecimento

Digitized by Google

arduo da nossa libertação. No entanto, apesar das tintas tão injustas como mentirosas com que é de uso e costume falsear-lhe o caracter, El-Rei D. João IV reuniu na sua personalidade vigorosa fortes e notabilissimos recursos de chefe de Estado.

Nada melhor o retrata do que uma passagem do seu testamento. «*Me resolvi a restituir-me*» —diz ele—, «*a esta coróa sem nenhum respeito particular á minha pessoa, senão por livrar os reynos que me pertencem das miserias que lhes vi padecer em estranha sojeição e por entender era obrigado a isso em minha consciencia, sojeitando-me por esta causa a vida e trabalhos, podera ser diferentes de minha inclinação.*» Nessa disposição resoluta e persistente, ao falecer, D. João IV deixava consolidados os alicerces da independencia de Portugal. «Restaurar o reino em todo o sentido, restabelecer as finanças,»—escreve Joaquim de Vasconcelos, — «criar os complicados elementos da defeza, reconquistar quasi todas as possessões de Africa e todo o Brazil, criar a *Junta Geral do Comercio,* negociar alianças valiosas, tudo isto em dezasseis anos... parece-nos uma obra digna de admiração e do nosso respeito, ainda que não fossem conhecidas as circunstancias dificilimas em que estes trabalhos foram executados.»

O traço tónico d'El-Rei D. João IV, como monarca, consistiu na sua rara capacidade diplomática. O sr. Edgar Prestage reputa a nossa Restauração mais como um fructo de boa politica externa do

Digitized by Google

que como um resultado devido exclusivamente á sorte das armas portuguêsas. De nada mais se precisa para a reabilitação das qualidades superiores de D. João IV.

Se o celebre «*Papel*» lançado na caixa das Côrtes-Gerais sob a rubrica de «*Procurador Geral dos Descaminhos do Reyno*» o revela senhor de vistas completas sobre a administração do Estado, a sua entrevista memoranda com o cavalheiro de Jant constitue ainda agora para Portugal um plano seguro de engrandecimento. Ai se contem o esboço do Atlantico «lago português», que só a nossa aliança com o Brasil permitirá aproximar da realidade, tornando possivel a visão grandiosa do «Feliz-Restaurador».

Artista e erudito, politico e lavrador, D. João IV voltou a viver na psicologia magnificamente dotada de El-Rei D. Carlos. Na nossa pequenês, a braços com uma crise organica quasi tão dominadora como a do seculo XVII, El-Rei D. Carlos apresenta-se-nos, como o seu longinquo avô, o verdadeiro «*Procurador dos Descaminhos do Reyno*». Preparando-se para a sua visita ao Rio, quando uma bala traiçoeira o prostrou faz exactamente dez anos, era a conclusão da converss iniciada dois seculos antes por D. João IV com o enviado da côrte de França que o monarca assassinado se dispunha a rematar. Um apertado laço os prende muito de perto, o descendente ao antepassado, —um musico, o outro pintor, embebendo-se ambos no ritmo dôce das

Digitized by Google

coisas belas, com o mesmo amor provinciano, quasi chão, á terra que os vira nascer, ao sol amoravel que os beijara em meninos.

Mas é então precisamente na situação exterior criada pelo Senhor D. Carlos a Portugal que o Bragança se afirma nas suas excécionais qualidades de governante. A herança politica de D. João IV mantivera-se sempre com brio e, só quem ignorar a nossa historia diplomatica é que pode colaborar de boa-fé na difamação sistematica de que é victima a ultima serie dos nossos Reis. Depois do *Restaurador*, para o exemplificar, em tres tocarei, e dos mais desacreditados.

Não correspondendo de modo nenhum ao nivel elevado do seu progenitor, até D. Pedro II continua e honra a tradição brilhantissima de D. João IV. Num periodo em que dependiamos do apoio que a França de Luiz XIV nos dava na Europa contra as pretensões da casa de Austria, o orgulho do *Rei-Sol*, mais duma vez, se amarrotou de encontro ao nosso monarca. Assim, desembaraçando-se das peias e das tutelas que Versailles se esforçava por lhe impôr, D. Pedro II consuma a paz com a Espanha, sem pedir conselho a Luiz XIV. Chocado, o rei de França salva o desastre com um dito de espirito, que é para D. Pedro II o seu maior elogio. «*Porem como ele* (Luis XIV) *é que tem ensinado ao mundo estas lições, sendo crédito do mestre deixar bons discipulos, não lhe fica mal que este lhe saisse tão avantajado*».

Digitized by Google

Identico juizo formaria Luiz XV del-Rei D. João V, ao informar o seu representante em Lisboa de que não existia pessoa alguma com influencia no espírito do monarca, acrescentando logo que o ministro não devia perder de vista que D. João V tinha sido «*constante em elevar a sua corôa á categoria das principais da Europa, e que por isso que ele tem sido bem sucedido nesta pretensão, convem estar atento.*» E quanto a D. João VI, é nas comunicações do consul Maler para Paris que o soberano se nos desvenda em todo o seu esforçado empenho para responder com uma tentativa de imperialismo americano ás condições de miseravel abandono em que nos votára a diplomacia europeia de Viena.

«*Monsenhor,*»—observa do Rio o francês,—«*esta Côrte, mau grado a penuria das suas finanças, a fraqueza do seu governo, e o estado da sua população, nutre ideias ambiciosas; imaginou que chegara para ela o momento favoravel e o titulo de Reino Unido, havendo exaltado algumas cabeças, acredita poder impunemente, não sacudir a mascara, mas levantar o véu.*»

Com este patrimonio de familia e com a permanencia de pensamento que é a virtude da hereditariedade monarquica, El-Rei D. Carlos não serviu durante a sua existencia outro designio que não fôsse o de valorisar a posição do seu minusculo país no concerto das grandes potencias da Europa. Eu não sei, se o regicidio nos não empurrasse para

Digitized by Google

a fraquesa anarquica em que nos debatemos, qual seria hoje, perante o drama da guerra, o destino reservado a El-Rei D. Carlos. O que sei, — e é o que me importa acentuar, —é que o desditoso monarca compreendeu bem cedo, ao acordar para as suas responsabilidades de soberano, que não póde haver politica exterior decisiva e de alcance largo sem uma profunda unidade de ação dentro das esferas supremas do Estado. Rei constitucional dum país que o Constitucionalismo pervertera, D. Carlos achou-se numa hora maxima para a sua consciencia colocado entre as pontas durissimas dum durissimo dilema: — ou deter a sua obrigação de monarca e de patriota, ou então romper os leames legalistas que o prendiam pela formula oficial dum juramento ao texto morto duma constituição muito mais morta ainda.

E' aí que se nos descobre com extraordinario desassombro a envergadura extraordinaria do monarca. Porque quís ser Rei de Portugal, e não dos portuguêses, porque ao seu titulo fruste de rei-funcionario procurou sobrepôr, em nome de oito seculos de historia e dos interesses sagrados da Pátria, a dignidade esquecida do principio monarquico, é que o espingardearam, ao dobrar duma esquina, como numa espera de lobos. Até parece que no instante unico em que a realesa bastarda do Constitucionalismo se legitimava perante o curso vagaroso da tradição, D. Carlos, purificador da sua dinastia, expiava consigo, no borbulhão quente do seu san-

Digitized by Google

gue de martir, a expoliação, já meio-esquecida, de Evora-Monte!

Foi El-Rei D. Carlos, sobretudo, um *antecipado*. Como *antecipado*, teria que naufragar, se não se recusasse a capitular num país em que o Liberalismo germinara com força e em que a desorientação colectiva nos empurrava para a republica por uma especie de cegueira fatal. Antes que a carabina regicida lhe alvejasse o coração, já os politicos o haviam condenado ao insucesso e á retirada, enredando-o nas malhas miudas do pacto constitucional. Erguido contra eles, erguido contra a democracia triunfante, que pontos de apoio encontrava o monarca á sua volta? Nenhuns. Fóra do caciquismo arregimentado em elemento basilar do Estado, fóra das clientelas impostas ao corpo inerme do país, nada existia de sólido e de orgânico a que porventura se encostasse, na sua iniciativa de Rei que se resolve a ser Rei.

Os males que de longe vinham,—na sua palavra melancolica e profunda,—imperavam mais do que ele; e era talvês necessario, para lavar a nodoa do pecado original, que o seu corpo baqueasse em holocausto, para que as gerações vindoiras tornassem de novo, em Portugal, a confessar á luz do sol o prestigio glorioso da Realesa.

E' bem o nosso precursor El-Rei D. Carlos! E ao destrinçar-lhe agora as linhas predominantes da sua fisionomia de soberano, eu não olvido que esse monarca, insultado, cuspido e por fim assassinado,

Digitized by Google

teve a noção perfeita — e por ela se encaminhou, — do que seria amanhã a função coordenadora da Realeza. E o que ninguem supõe é de quem o senhor D. Carlos, em politica, recebera as impulsões definitivas.

Nada mais, nada menos dô que de Antero de Quental. Eis um tema interessante da nossa vida publica, conservado ainda na sombra, mas que constitue um precioso capitulo de filosofia politica. Não que El-Rei D. Carlos ouvisse conselho directo de Antero. Mas Antero, amigo de Oliveira Martins, foi quem resolveu este a aceitar o facto dinastico e a colaborar com a Monaquia no ressurgimento do país. Antero na sua vagabundagem revolucionaria, aceitara a influencia de Proudhon. Nunca se inclinara ás formulas simplistas do jacobinismo francês. Houve sempre no seu espirito uma nobre ansiedade construtiva. Mais tarde, o socialismo de Lassalle orientou-lhe a inteligencia no sentido aproximado ao da noção do Estado historico, para o que contribuiram não pouco a leitura e a meditação de Hegel, o apologista do Estado prussiano. Nestas circunstancias, Antero veiu a interferir com o peso do seu prestigio mental na transformação de Oliveira Martins.

Tambem discipulo de Lassalle, Oliveira Martins apreendera em Mommsen, na *Historia de Roma*, o ideal do cesarismo perfeito. A lição do *Ultimatum* abrira os olhos ao nosso romantismo parlamentar. Reconheceu-se logo a necessidade de emendar o defeito ingénito do regime pela intervenção pessoal

Digitized by Google

do chefe do Estado. Até políticos que, na confusão das idéas, se rotulavam ingenuamente de radicais apelavam para a ação energica do chefe do Estado. Conhece-se o fecho dum discurso de Augusto Fuschini em S. Bento.

«*Dada a indisciplina absoluta, moral e politica, que lavra profunda nas classes dirigentes,*» — clamava Fuschini,— «*demonstrada a impotencia e a desorganisação completa que esfacela os partidos; provada a ausencia de homens de prestigio e autoridade entre as multidões, que labutam inconscientes á beira do precipicio, ou se riem com aqueles que ridicularizam os imortais princípios, um homem ha, neste terrivel momento historico, que póde ter força, e com a força a responsabilidade, para salvar a ordem publica e as instituições. Ora, esse homem,* «—prosseguia Fuschini —«*não é o sr. Luciano de Castro, nem o sr. Antonio de Serpa, nem o sr. Manuel de Arriaga, nem algum de nós. O homem, que pode salvar ainda hoje as instituições, mantendo a ordem pela legalidade e pelas mais amplas liberdades publicas e individuais, é o rei.*» E no seu livro *Liquidações Politicas*, Fuschini mostra-nos a psicologia del-rei D. Carlos contando-nos miudamente uma entrevista sua com o monarca. Moço, flutuando entre as solicitações do seu cargo e as exigencias do partidarismo, o Rei traduz-se ali num altissimo desejo de bem servir e de bem governar. A esse estado de incerteza e de imprecisão, tanto do monarca como

Digitized by Google

de algumas raras individualidades do país, daria forma concreta Oliveira Martins.

No admiravel trabalho que é o seu estudo *A Crise,* Silva Cordeiro fixaria mais tarde á questão o seu verdadeiro significado, ao ocupar-se dela no capitulo que intitulou *Oliveira Martins e o germanismo na politica.* O tipo procurado para o remoçamento da Monarquia na Patria e da Patria na Monarquia era uma especie de *realeza socialista* ou de *democracia conservadora*, — nas terminologias perplexas da epoca —, de que o Estado prussiano oferecia a exemplificação acabada.

Os principios basilares em que se apoiaria a nova ordem de coisas reduziam-se, á alemã, no *militarismo* e nas *reformas económicas*, com o elemento *politico* substituido pelo elemento *administrativo*, com a representação organica dos *municipios* e das *classes* substituindo a representação parlamentar dos *partidos.*

Concepção de Oliveira Martins, que quasi trinta anos antes advinhava o nosso movimento, ninguem duvída do influxo que recebeu de Antero. A carta de Antero a Sebastião de Arruda da Costa Botelho, datada de Vila do Conde em 1 de agosto de 1885, convence-nos bem das suas responsabilidades na adesão de Oliveira Martins ao *Progressismo.* Por seu lado, Adolfo Coelho assim no-lo testemunha, ao notular de passagem no *Alexandre Herculano e o ensino público* que Oliveira Martins «aca-

Digitized by Google

bou' por caír nos braços do partido progressista, com sancção de Antero».

De resto, o proprio Antero se encarrega de o confirmar em outra carta sua, —esta dirigida a João Machado de Faria e Maia aos 31 de maio de 1886. «*Os bons astrólogos politicos,*» — comunica ele — «*dizem que o ministerio, tal como está, não pode durar muito, pois se acha dividido em dois campos rivais, e preveem crise para depois do casamento do Principe. O campo de batalha é o novo ministerio, destinado a O. Martins e o programa financeiro e economico do nosso grupo*».

A prova é mais que bastante. Ascendido depois do *Ultimatum* a ministro da Corôa, Oliveira Martins, que levava já na sua bagagem o *Projecto de lei de Fomento rural*, deu ás aspirações inconscientes do reinado em começo a sua formula definida. Falhou diante das habilidades sem nobreza de José Dias Ferreira. Mas no animo do rei, a sua lição não ficou perdida. Portador de planos economicos e sociais, a que Antero chamava o programa «do nosso grupo», por inspiração de Prouhon e de Lassalle, nós verificamos enfim como Oliveira Martins chegava á definição da sua «democracia conservadora», firmada no poder pessoal do soberano. Assim Antero de Quental accionara na inteligencia aberta del-rei D. Carlos. Os tempos passaram, Antero e Oliveira Martins desceram para o repouso do tumulo,—o primeiro desiludido, vencido o segundo. Sobrevivia-lhes o Rei. E quando na sua

Digitized by Google

reflexão se decidiu a ser deveras o continuador duma patria que se desfazia aos bocados num scenario de comedia burlesca, o caminho apontado pelos dois mortos foi o que resolutamente escolheu. Antecipado como eles, como eles seria victima da sua antecipação. Surgiu a tragedia depois. Sobre um crime sem perdão, a republica, que é outro crime, ganhou raizes criminosas. Mas a figura do monarca espingardeado, crescendo acusadora, é cada vez maior, é cada vez mais bela de magestade e de intenção. Um Rei como êsse é que tinha nascido para nós! Sejamos os executores do seu testamento, participando, para nos depurarmos, do sacrificio que em expiação nos haja de caber, e reatando á historia de Portugal, para alem deste parentesis de infamia, a sua sequencia interrompida, faz hoje exactamente dez anos, numa emboscada traiçoeira.

Fevereiro, 1918.

Digitized by Google

A TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO

Digitized by Google

Digitized by Google

A TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO

Anuncia-se nos jornais para esta noite uma conferencia na Liga Naval Portuguesa pelo professor Martinho Nobre de Melo. E' o tema escolhido para essa conferencia «*O momento politico e social*», com referencias concretas ao problema da Ordem nas suas relações com o Estado e ao encontro moral do Sindicalismo com o Tradicionalismo para uma obra comum de realisações. Isto segundo a nota que eu vejo publicada na imprensa. Conhecidos os titulos scientificos do conferente que, alem de catedratico ilustre, é um espirito dotado duma inteteressante formação literaria, eu calculo bem como a noite de hoje na Liga Naval ha-de ficar assinalada na historia das idéas nacionais. Porque o assunto escolhido pelo dr. Martinho Nobre de Melo se prende de perto com algumas das predilecções mais queridas da minha inteligencia, de aqui lhe peço venia para fixar certos aspectos de doutrina que são a essencia do nosso movimento e cuja verificação confio antecipadamente ao exame do eminente professor.

Digitized by Google

Vai ocupar-se o dr. Martinho Nobre de Melo das afinidades do Sindicalismo com o Tradicionatismo. Não ha duvida que, partidos de posições extremamente antagónicas, essas duas correntes sociais tendem a encontrar-se actualmente na sua luta infatigavel contra o individualismo politico e economico saído da Revolução Francesa. Baseia-se o *Tradicionalismo* na experiencia da historia e pretende restituir o equilibrio á sociedade pela sua devolução aos velhos conceitos de autoridade e de hierarquia.

Por outro lado, o Sindicalismo encara de frente a questão do Trabalho e pela organisação das profissões esforça-se por corrigir os excessos do Capitalismo escravisando a independencia e a dignidade da Produção. Achamo-nos assim em face da mesma necessidade de competencia e disciplina, embora uma se respeitabilise pelo prestigio das grandes verdades de sempre, emquanto a outra, eriçada de violencia e de reivindicações, se apresente ainda apenas no seu aspecto negativo. No entanto, a sua influencia é já sensivel á natureza do Estado, cuja transformação, indiciando uma crise latente, se declarou em aberto desde que a guerra veiu denunciar-lhe a estrutura viciosa.

Prefaciando a tradução duma obra celebre de Leon Duguit, já em 1909 o sabio espanhol Adolfo Posada se apercebia superiormente de semelhante fenómeno. «Verifica-se com efeito,»—escrevia ele, —«debaixo da influencia da filosofia, da sociologia

Digitized by Google

e de historicismo ambiente, uma renovação de método, não só para a elaboração teórica da politica, mas tambem para a compreensão e interpretação do fenómeno politico». E depois de afirmar que o Estado não é uma construção, um facto teórico, um improviso legislativo no seu conteúdo orgânico, mas uma realidade produzida pelo actuar espontaneo da sociedade, Adolfo Posado acentúa a falencia do liberalismo pela desorientação dos politicos em face das exigencias modernas da vida social. O Estado politico, firmado sobre as abstrações anarquicas de 89, abria já então falencia para o reputado pensador espanhol.

Essa falencia atinge a fase ultima na ocasião presente. Ainda ha pouco Georges Valois no seu livro recente *Le cheval de Troie* asseverava que os Aliados eram sobretudo victimas dum erro de Estado. O Estado é por sua condição um elemento de ordem *pacificadora* e como tal, *guerreiro* ou *militante*. O Estado democratico, absorvido em funções de administração e de tutela que por indole lhe não pertencem, deixa de ser o que em verdade o Estado deve ser: — um agente de ligação entre o interesse pessoal e o interesse geral. Sucede assim que o interesse geral se desvanece para que os interesses pessoais se apossem da funcção soberana afim de a utilisarem em seu beneficio numa luta brava duns contra os outros. Com razão nesta instabilidade, a guerra europeia, prolongando-se quasi como um mal crónico, revela a fraqueza dum

Digitized by Google

sistema que, ainda conforme Georges Valois, se repousa sobre dogmas duma simplicidade verdadeiramente pre-historica.

Ora o que sucede na guerra sucede na paz. Impossibilitado de vencer a primeira, o Estado democratico,—parlamentarista em politica, capitalista em economia—, não assegura nunca a segunda. Fraco e hesitante na sua acção exterior, fermenta e cultiva, pela falsidade do principio em que assenta, as desavenças intestinas, quando, nas suas condições normais, deveria desviar para fora, para a expansão e para o dominio, as energias revoltas que internamente lhe ameaçassem a integridade. Exemplificada no duelo da Alemanha com a França, a degenerescencia contemporanea do Estado e a sua inevitavei transformação, eis como no *Matin*, em 8 de Novembro passado, se exprimia Abel Ferry:— «*Na guerra de povo com povo, a França tem sido superior á Alemanha. Na guerra de governo com governo a França mostra-se inferior ao inimigo.*» E logo dias a seguir, o general Maleterre, a proposito da superioridade militar que a Alemanha continua mantendo apesar das suas fraquezas e desastres, escrevia no *Temps* que tudo isso era devido ao facto dela ter um chefe que unifica na sua mão todos os recursos da ofensiva e defensiva.

Bem a claro, numa comparação insuspeita, os defeitos e as virtudes do Estado, reparemos nós tambem que, ao passo que uma ilusoria liberdade politica incapacita por tara de regime nos países

Digitized by Google

democraticos a legitima autonomía economica das classes, na Alemanha, á capacidade militar do Estado corresponde a necessaria estructura, não *individualista*, mas *corporativa* ou *sindicalista*, como queiram, da sociedade. Padecem os Aliados as consequencias do seu liberalismo constitucional,—consequencias já descriminadas pela observação profunda de Posada. Pelo contrario, no seu excessivo dispendio de riqueza e de vidas, a Alemanha, já com obrigação de estar vencida, encontra em si propria constantes motivos de robustecimento e de pertinacia. Porquê? Porque, sem participar de erros grosseiros, a Alemanha operou já em si, conscientemente, aquela transformação que os factos impõem á natureza do Estado. Meditadas assim, enchem-se de outro sentido as tão impugnadas palavras do quimico Ostwald aos francêses no primeiro outono da guerra. «*Entre os nossos inimigos, os russos, acham-se ainda, em resumo, no periodo da horda,*»—declarava ele—«*ao passo que os franceses e os ingleses atingiram já o grau de desenvolvimento cultural, que nós ultrapassamos ha mais de cincoenta anos. É o estado do individualismo. O estadio que se lhe segue é o da organisação. É onde se encontra a Alemanha de hoje*».

Diante desta noção hierarquisada do Estado, nós verificamos abundantemente a debilidade ingenita do Estado democratico. A ideologia revolucionaria levou-nos durante um seculo a uma concepção

Digitized by Google

abstracta das caracteristicas e das atribuições do Estado. O Estado, esquecidos os condicionalismos historicos que lhe dictavam a existencia passou a ser uma *teoria* e não um facto. Na adulteração crescente da sua finalidade, redundou num artificio que se, por um lado, reduzia a sociedade a uma poeira de individuos, por outro a comprimiu num centralismo apertado e até mesmo tirânico. Veiu a reação contra o seu anonimato tão irresponsavel como envolvente. Por obra propria do instinto da comunidade em se conservar, o Sindicalismo entrou a definir-se, embora preso das piores inspirações anarquistas, conquanto cheio das mais asperas negações sociais. Era a fase da elaboração, em combate cerrado contra os factores que lhe ameaçavam de morte rapida o desenvolvimento, se a agressividade o não resguardasse constantemente. Estabelecendo e salientando a idéa de Profissão e o espirito de Classe, não obstante as perversões colectivistas que lhe perturbam por ora a segurança e a marcha, o movimento sindicalista é assim, no polo oposto ao nosso, um começo de restauração da sociedade pela substituição do *pluralismo organico* ao *atomismo revolucionario,* — consinta-se-me a expressão.

Porque considera apenas os fenomenos economicos, o predominio transitorio da mentalidade democratica na sua massa geral, condu-lo á ignorancia, se não ao desprezo, das razões geograficas e historicas que determinam e impõem a vida das

Digitized by Google

patrias. Não se lembra, por outro lado, que as classes constituidas no seu interesse e na sua energia, precisam de coexistir, duradoira e pacificamente, para não se tornarem em clans adversos, jurando-se o exterminio reciproco. O federalismo nos surge nesta altura como termo de ligação. Mas que força centrípeta e coercitiva garante e sanciona essa ligação, que por sua índole os diversos antagonismos colectivos poderão de momento para momento repelir e quebrar? Só a força derivada dum orgão ponderador que, forte pela sua independencia e pela sua posição, imponha a paz e realise a coexistencia. Eis como caimos no reconhecimento da necessidade imperiosa do Estado. De resto, o Sindicalismo, sem a unidade central do Estado, seria o regime de desagregação fratricida de que os *soviets* da Russia são o exemplo acabado.

E' pela defeza do Estado historico, reduzido ao minimo, que é como quem diz, ao exercício das suas funções especificas, que o *Tradicionalismo* completa o *Sindicalismo*, recebendo dele a recomposição da socíedadade baseada no federalismo das classes. A tentativa de conciliação possue já o seu filosofo em Georges Valois na *Monarchie ouvrière* e em Edouard Berth no *Mefaits des intelectuels*. Mas olhemos ainda á doutrina de Duguit, para quem o Estado aparece apenas como um *acto de força,* como um mero *facto objectivo*. Semelhante conceito de Estado, nascido da existencia da sociedade em se manter, é o conceito das formações primi-

Digitized by Google

tivas em que á anarquia revolta dos bandos um mais destro e mais dotado se sobrepôs. Foi nesse criterio materialista do Poder que a autoridade se constituiu na dissolução do mundo antigo durante o periodo tragico das invasões barbaras. Revestido dum pretencioso aparato juridico, não era outra a essencia do *imperium* em Roma. O Poder deste modo é uma *circunstancia,* é um *incidente*, não é uma *instituição.* Dado que se torne numa *instituição*, exige-se que o *facto objectivo* se acompanhe dum *direito subjectivo* que o *humanise* e *responsabilise.* Nisto, e não apenas na força, reside a *legitimidade* do Poder.

Comentando a doutrina de Duguit, com justeza repara Posada:—«Desde o momento em que o Estado se concretise num grupo monopolisador de maior força na sociedade,—e na da sociedade,—força que resulta da soma de forças individuais ou de uma posição historica proeminente, como por exemplo a detenção da propriedade e o desfruto dos meios de produção, como diria Marx, surge a sugestão inevitavel da oposição entre o grupo monopolisador dos governantes e os outros, governados e submetidos; e o perigo que se deseja evitar da omnipotencia do poder politico mais se agrava do que se favorece. E não basta para o desvanecer invocar a regra «objectiva» do direito como um principio ao qual devem obedecer os governados,—porque em verdade, em nome de que principio *ideal*, se não queremos dizer *superior*, se

Digitized by Google

ha-de *impôr* aos governantes, que são os monopolisadores da maior força, a observancia dos limites que regulará a sua actividade pela norma objectiva do direito?»

Sem concluir, a critica de Posada é transparente. Concluiu Berth e colocou o problema Georges Valois. O Sindicalismo, para vencer e durar, importa consigo a hereditariedade do Poder, que é a unica forma do Estado se incarnar numa consciencia que o humanise e responsabilise. Escuso de aludir tambem ao egoismo privado do dinasta obtendo, em seu beneficio, o acordo dos diversos egoismos sociais que é chamado a reger. Tal é a formula politica do Estado de amanhã, formado na organisação sindical da sociedade e rematada na Realesa *pacificadora* e não *pacifista*. Visão admiravel a do conde de Paris, ao pronunciar a definição celebre de que a Monarquia em França seria tradicional por seu principio, moderna por suas instituições!

Porque a Realeza é *pacificadora* e não *pacifista*, o *Militarismo* surge em presença do *Sindicalismo*, colaborando com ela, facilitando-lhe o desenvolvimento. «Uma nação povoada,»—nota Em. Reich,—«precisa de prolongar o seu territorio ou de restringir a sua progenitura. Matar a ambição imperialista, é matar milhões de crianças.» Já por palavras diferentes o dizia Renan:—«A colonisação em maximo grau é evidentemente uma necessidade politica. Uma nação que não colonisa está destinada ao socialismo, á guerra do pobre com o rico».

Digitized by Google

Outra não será com as classes produzindo e proliferando a missão da Realeza militarista, que, na expansão e no engrandecimento, canalisará para fora os agentes de dissolução interna, ao mesmo tempo que manterá inalteravelmente acesa a flama patriotica pela unificação de aspirações mais divergentes numa finalidade comum,—a da gloria e a da prosperidade.

A transformação do Estado é hoje inevitavel e faz-se, segundo o rumo da epoca, no sentido em que fica traçada. Como tradicionalistas, abraçamos essa transformação, que vem restituir á sociedade o seu leito perdido e o seu antigo ritmo. Só com semelhante significação é que as conclusões da guerra servirão aos conservadores. Mas como os conservadores se alimentam ainda da mitologia politica do romantismo, creió bem que a solução lhes não servirá. Basta que sirva áqueles a quem o futuro pertence,—e que victimas de um erro em que não laboraram, se dispõem á grande cruzada reparadora, de que sairão remoçadas não só uma patria, mas todas as patrias, não só uma geração mas todas as gerações. Confessemos a nossa fé deante da nova idade do mundo! Outro sorriso amanhece para a civilisação e com ele uma sementeira de promessas fecundas. Pelo Sindicalismo e pelo Tradicionalismo, casados num pacto sagrado, horas melhores virão ao nosso encontro. Sejamos os seus obreiros,—obreiros diligentes a quem a fadiga não assalta, E que a noite de hoie na Liga Naval

Digitized by Google

se traduza para nós na confirmação das verdades que defendemos e que são a recompensa mais bela deste voluntariado ardente de sacrificio em que a nossa existencia se consome, mas em que a nossa alma se dilata!

Fevereiro, 1918.

Digitized by Google

Digitized by Google

ANIBAL DE AZEVEDO

Digitized by Google

Digitized by Google

ANIBAL DE AZEVEDO

Na desordem da minha emoção eu não sei como evocar esta admiravel figura de rapaz. Ela excede toda a internecida camaradagem que já agora nos prenderá na vida e na morte. Não é o heroi antigo, —o heroi no sentido naturalista das filosofias em crepusculo, com o seu culto cego da Força, que nós temos que contemplar em Anibal de Azevedo. Partindo para os campos de batalha com um simples galão de alferes, é ve-lo como a sua bravura se alia á sua inteligencia para o impôr como um chefe assombroso na beleza imortal dos seus vinte e qua ro anos !

No nosso movimento de moços, Anibal de Azevedo foi dos que mais cedo infileiraram connosco. Seguiu-nos de perto com a sua mascara fortemente vincada nas conferencias da *Questão Iberica* e, ainda na Escola de Guerra, o 14 de Maio veiu prova-lo na sua coragem reflectida e intransigente. Sem duvida pela acção apostolica de Anibal de Azevedo é que Norton de Matos acusou nessa altura, e em pleno parlamento, os cadetes da Escola

Digitized by Google

não só de monarquicos, mas até de integralistas. Exagerava esse sinistro marchante. Mas a convicção inflamada do nosso companheiro valia bem pelo melhor duma hoste. Não tardou que, já oficial, Anibal de Azevedo se revelasse com as qualidades superiores duma superior vocação militar. Disciplinado dentro do dever e dentro da honra, não hesitou em entrar no movimento de 13 de Dezembro. E' que ao brio e á independencia da sua espada cabiam, como a ninguem, as palavras celebres do general Donop no livro *Commandement et obeissance*. «A ordem nasce da ordem;»—ensina-nos ele,—«não se cria nem se mantem senão pela ordem. O exercito não é o exercito da ordem, não é o conservador da ordem, senão com a convicção de obedecer a um governo de ordem, pelo qual a ordem se assegura; mas quando em logar de ordem, um governo promove a desordem, divide o país e desenvolve nele o odio, o exercito que lhe obedece deixa de ser o exercito da ordem. Torna-se, sem que de antemão o ignore, o exercito da desordem e a sua obra em nada se distingue da dos *apaches*, de quem ha já o habito de facilitar o concurso em casos dificeis».

Compreende-se assim como, soldado na carne e na alma, Anibal de Azevedo não hesitou em prestar o seu apoio a uma tentativa revolucionaria destinada a desembaraçar-nos da oligarquia jacobina. De resto, nem outra atitude se aguardaria legitimamente do seu apaixonado nacionalismo, tanto mais que o

Digitized by Google

direito de revolta, desde que seja por uma causa justa, é reconhecido até pela propria consciencia cristã. Não historiemos aqui os passos que exprimentaram Anibal de Azevedo, enquanto não chegou a sua vez de sair para França. Preso a bordo do *Lourenço Marques* e, mais tarde, no Hospital da Estrela, ficará para um capitulo de memorias individuais a persistencia enlevada com que Anibal de Azevedo encarou sempre de frente o desfalecimento. Só é bom recordar-se que o então ministro da Guerra deveria ter recebido dele uma carta vigorosa que lhe custaria como o golpe dum azorrague.

Tenho bem viva na minha saudade a manhã de maio em que Anibal de Azevedo me deu o seu abraço de despedida. Não possuindo outra finalidade que não fosse a de se encher de gloria, enchendo de prestigio o *Integralismo,* falam-me ainda na lembrança as suas frases curtas, ao abalar. E é aqui que a minha emoção me envolve e me domina todo, porque nesse rapaz em quem se incarnam ressuscitadas as virtudes antigas da Raça, não é só o amigo dedicado que eu saúdo, com o coração repartido entre o sobressalto e o entusiasmo.

Saúdo tambem em Anibal de Azevedo o espirito cheio de inquietação religiosa, que se não entrou ainda na comunidade da fé, já se não arreda da porta do templo, até onde um dia as minhas pobres mãos de pecador o conseguiram levar.

Tenho diante dos meus olhos a noite longa de estio em que, junto ao mar, nós convivemos mais de

Digitized by Google

perto. O seu drama espiritual desenhava-se forte na ansia duma ancora a que se aferrar. Lentamente, o seu pensamento debruçava-se, abraçando-o, para a penetração enleante do infinito. E com setembro regulando a marcha dos astros pela profundeza insondavel dos céus, alguma coisa dos ritmos supremos de Deus caia nos nossos dialogos, diante do Oceano repetindo na sua queixa eterna a torturada insaciabilidade que a ambos nos elevava para lá do espaço, fóra de todo o limite, como numa outra noite, na noite teologica de Ostia.

Cada vez mais irrequieto na sua necessidade de se repousar em Deus, debalde tentou Anibal de Azevedo iludir a sua necessidade de paz interior. Já na guerra, as suas cartas dizem a chama que o devorava sem que um minuto de Graça lhe refreasse ao menos as atormentadas interrogações. Era, de certo modo, a viagem do Centurião, repetindo-se magoadamente, nos mesmos caminhos de abrolhos e sangue. Quantas vezes lhe falei do neto de Renan, apontando-lho como um exemplo a seguir e a meditar. Mundano, com um pequeno sarcasmo a acentuar-lhe a expressão enérgica, Anibal de Azevedo procurava enganar-se. Em vão! O sinal de Cristo estampara-se-lhe já sobre o peito e, embora não confessasse a Deus na aceitação líbertadora da fé, era já bem angustiadamente que ele O procurava. E quando nós sentimos que Deus nos falta, — ensina-nos o abade Courmont do *Sens de la mort*, — é porque está muito perto de nós!

Digitized by Google

*

Ora quando o alferes Anibal de Azevedo partiu para França, partiu jurando que voltaria de lá coberto de gloria e de medalhas para o *Integralismo*. O seu esforço, a sua coragem inquebrantavel, o insucesso em que lhe desfaziam todas as tentativas, ninguem melhor o conta do que o alferes capelão Padre Avelino de Figueiredo, hoje portador duma folha de serviços em campanha, a que ficará para sempre ligado o nome do nosso movimento. Triunfou a sua vontade de ferro, magnificamente couraçada pelo grande sonho que lhe enchia o animo resoluto. Ouçamos o heroi em carta de março, vespera da Anunciação, dirigida ao Conde de Monsaraz: — «Escrevo-lhe cheio de contentamento e alegria porque vejo enfim coroados de exito dez mêses seguidos de trabalho e cansaços. Fui condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª classe, proposto para ser promovido ao posto imediato e louvado nos seguintes termos.» Segue o louvor que não transcrevemos porque justamente o Conde de Monsaraz o quis emoldurar com a sua prosa fulminadora (1). Mas não resistimos a deslocar para aqui

(1) «O tenente Anibal Francisco Gonçalves de Azevedo pela forma como auxiliou eficazmente o seu comandante na preparação do *raid*, fornecendo informações completas sobre o inimigo, sendo o primeiro a entrar nas trincheiras inimigas, impulsionando pela sua acção todo o assalto, avan-

Digitized by Google

um outro periodo da carta de Anibal de Azevedo. Ei-lo na sua extraordinaria transparencia:

«No meio das minhas dôres foi esta a grande e unica consolação que poderia ter. Peço-lhe o favor de comunicar isto ao Pequito, ao Sardinha e ao Amaral que, pelo que os prézo e pelo que me prézam, creio bem tomarão um pouco para si do meu contentamento e do meu orgulho.» Obrigado, meu amigo! Obrigado pelo reconhecimento duma camaradagem leal e estreita, já agora selada para a vida e para a morte! E obrigado ainda pela incomparavel reparação que lá de longe me envias inesperadamente numa hora em que os vendilhões do teu sangue me pretendem atingir com a sua babugem infecta!

Não perturbemos, porem, a serenidade desta homenagem, que, ai de nós! talvês seja a duma comemoração funeraria. Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª classe e indicado para o posto imediato, o tenente Anibal de Azevedo cumpriu a sua promessa, ao impor-se ás atenções superiores pelas suas grandes qualidades de comando, inteligencia e bravura.

O chefe afirmou-se. Deus permita que na fatal

çando sem hesitar até à 2.ª linha, fazendo frente ao inimigo quando este pretendeu contra-atacar e repelindo-o, — revelando grandes qualidades de comando, inteligencia e bravura.»

Digitized by Google

jornada, depois de a Gloria o haver desposado, ciosamente a morte o não quisesse para si!

E eis como o heroi se nos apresenta, — não o heroi da Força, o heroi dos Mitos, na fatalidade cega do Acaso, como Carlyle o entendia e pensava. «*No meio das minhas dores...*» — e o heroi cristão surge-nos aqui, mais cavaleiro do que conquistador, com o loiro simbolico tornado na palma verde do martirio. A ideia do sacrificio penetra inteiramente a persistencia iluminada de Anibal de Azevedo. E o que é o sacrificio, senão a imagem, revivida em nós, do drama augusto do Calvario? «*No meio das minhas dores...*» E o centurião aproxima-se, pela dignidade da espada, do momento supremo da Graça. Não foi um centurião que confessou o Senhor ao pé da Cruz? Não foi outro centurião, Psichari, quem gritaria numa aleluia imensa, ao sentir-se libertado pela fé: — «*Pois quê, Senhor? E' então tão simples amar-te?*» O heroi cristão é já a essencia do Santo. E não proclamou Anibal de Azevedo o preço da santidade, ao murmurar resignadamente, humildemente: — «*No meio das minhas dores, foi esta a grande e unica consolação que poderia ter*»?

Curvemo-nos agora com recolhimento diante do heroi.

Ele possue a citação mais honrosa que se conhece desta guerra. Não precisavam de castigo maior os que nos insultam dia a dia, profissionalmente, na marcha triunfante do nosso movimento. Deserta-os a sensibilidade moral para que lhes sir-

Digitized by Google

va de ferrete o rasgo admiravel dum rapaz que, soldado da Patria e do Pelicano, tão alto ergueu o seu prestigio de militar e de português. Nós é que não carecemos de nada mais para valorisar a nossa obra entre a mocidade do nosso país. O *Integralismo Lusitano* chama a si a gloria de Anibal de Azevedo e considera-a desde hoje o seu patrimonio de honra.

Desdobre-se a bandeira do Pelicano e seja o moço heroi o seu alferes-mór, — á maneira antiga!

Quem como ele avançou destemido até á segunda linha inimiga, impulsionando pela sua acção todo o assalto, é que Deus o reserva para levar mais largo os destinos da sua Patria. Te-lo-á por isso poupado — firmemente o creio! —, à inexorabilidade da sorte em que os nossos soldados reviveram um minuto de inexcedivel transfiguração. O seu logar entre nós é hoje o primeiro. E porque é o primeiro, nós daqui o aclamamos, entre loiros e palmas, nosso chefe natural!

Abril, 1918

Digitized by Google

ALEXANDRE CABEÇAS

Digitized by Google

Digitized by Google

ALEXANDRE CABEÇAS

Rememoro toda a literatura da guerra e nada ha que melhor me sirva a alma do que essa palavra admiravel que a filha de Taine lançou á margem do seu livro de missa. «*Louvado seje Aquele que faz nascer a esperança sobre os tumulos!*» — repito eu tambem comigo, como numa oração, agora que a minha saudade procura a face escondida dum grande amigo morto e só tenho, para a confortar, a apostrofe triunfante de S. Paulo: — «*O' mors, ubi victoria tua?*» Passa em mim, num crepúsculo sobresaltado, alguma coisa da hora longinqua das Catacumbas. Não é um responso que o coração me pede para recitar sobre a memoria de Alexandre Cabeças. Sinto bem a victoria do seu espirito libertado e não me abandona o sentimento da sua presença constante e solicita, acompanhando-me de perto, como uma boa sombra tutelar.

Não interessa a ninguem saber como conheci Alexandre Cabeças. O que interessa é saber-se que a sua mocidade era, numa extraordinaria transparen-

Digitized by Google

cia, uma espira de fogo ardendo para Deus e para a Patria.

No seu olhar, profundo e melancolico a um tempo, havia já como que o reflexo das colinas eternas. Ao reler as suas cartas, eu compreendo serena e tranquilamente a razão do seu fim. Deus tocara-o para o sacrificio. Ninguem marchou para ele com maior doçura nem maior nobreza do que o alferes Alexandre Cabeças.

Tirava Alexandre Cabeças a sua origem das mais fundas raises alentejanas. Viera ao mundo em Vila-Viçosa, o burgo senhorial da Dinastia, debaixo do olhar misericordioso da Virgem, eleita pelo Reino em Côrtes como sua Padroeira. Ricos de significação tão intensa como misteriosa, os seus incomparaveis vinte e tres anos! Arrancou-o a guerra ao anonimato placido da sua pequena patria local e á guerra eu fiquei devendo a amisade de quem, como Alexandre Cabeças, é hoje, no holocausto fervente da sua juventude, o laço mais forte que prende o nosso movimento ás responsabilidades sagradas do seu destino de resgate e ressurreição. E quando o evoco, defunto, lá longe, de pupila quieta para o ceu, e sorriso vitreo na expressão imovel, toda a sua existencia se transforma para mim numa hostia de expiação, oferecida pela boa terra do Alemtejo ao crime secular duma raça, a quem chegou o momento doloroso da purificação.

Percorro a correspondencia de Alexandre Cabeças e todo eu tremo, roçado por uma aza invisivel,

Digitized by Google

se o abraço e o envolvo na sua impressionante biografia moral: — meia duzia de cartas que como herança sem preço eu lhe fiquei devendo, agora e para todo o sempre. Viveiro de herois e de santos, Portugal, nesta primavera agreste em que um vento de tragedia o acorda desabaladamente, se floresceu de novo para o heroismo antigo nas pregas recuadas da Flandres, não floresceu menos para os caminhos perdidos da predestinação no exemplo ignorado de quem, como Alexandre Cabeças, caiu, de espada erguida, inspirado centurião de Cristo, já aureolado pela bem-aventurança de que nos falam os versos espantosos de Charles Péguy :

«Heureux ceux qui sont morts dans les grandes batailles,
Couchés dessus le sol à la face de Dieu.
.....
Heureux ceux qui sont morts pour quatre coins de terre,
Heureux ceux qui sont morts d'une mort solennelle.»

A sua letra nervosa e miuda anima-se diante de mim e eu posso segui-lo, quasi até á hora da morte, uma vez mais, nos bocados de si mesmo que ele ia confiando ao papel. Ninguem depôs mais fé,— uma fé mais ardente e mais inalteravel no futuro da nossa cruzada, do que ele! Foi o seu pensamento constante, tornado em motivo supremo da sua passagem pela vida, como ele proprio fervorosamente o confessava. Partindo para França na segunda semana de Novembro passado, data de 22 desse mês a sua primeira carta. Curta e a lapis,

Digitized by Google

condensa-se toda num periodo em que o cavaleiro cristão nos aparece, queimado pela labareda santissima que o devora:—«Esta é escrita muito á pressa no intervalo das orações que ha 24 horas quasi ininterruptamente venho dirigindo a Deus, implorando da Sua Misericordia Infinita a proteção para a Patria, para os meus amigos e para o meu espirito, ora quasi completamente dominado por uma sensação nervosa nunca experimentada.» Era o contacto da trincheira, a primeira impressão da batalha. A sua existencia interior abria-se para Deus e em Deus se repousava, como um menino no regaço de sua mãe

Mais definida é já a carta seguinte, datada de 8 de Dezembro, dia de gala para Alexandre Cabeças, dia da Imaculada e de festa para Vila-Viçosa. O tradicionalista aparece-nos no seu duplo fervor pela Religião e pela Patria:

«Não quero deixar passar o dia de Nossa Senhora da Conceição, sem lhe dar as minhas noticias, aproveitando uns momentos de tranquilidade e descanço. Sabe certamente quanto este día me fala ao coração. Antes de bom português sou bom filho daquela viçosa terra alentejana, patria de herois, solar da Dinastia e cabeça da antiga ordem militar de N.ª Sr.ª da Conceição, Padroeira do Reino... Como deixar, portanto, passar despercebidamente o dia de hoje? E como lho não dizer, meu querido amigo, a si, que eu sei não ter deixado hoje, bom português e bom católico, de orar mais fervorosa-

Digitized by Google

mente á Virgem por Portugal e pelos portuguêses, por aqueles que o pretendem salvar tornando-o a colocar no logar onde durante seculos a Historia e a Tradição o mantiveram...»

E depois:

«(Esse desejo) lá me levou hoje, a algumas leguas d'aqui, a receber das mãos dum Padre português a Sagrada Comunhão. Creio que não podia prestar maior homenagem á Virgem e comemorar o dia de forma mais significativa.»

Em seguida Alexandre Cabeças conta-nos a alegria que o comoveu, ao ouvir ao Evangelho o capelão recordar as saudades, na ausencia, de Portugal distante e a missão salvadora que a todos nós nos pertence.

«Oito dias antes lembrando aos meus soldados o aniversario da Independencia de Portugal,»—continua Alexandre Cabeças,—«eu falava-lhes delas, dessas saudades, e, afirmando-lhes que nunca como agora as sentira tão vivas e ao mesmo tempo tão pungentes, perguntei-lhes qual deles as não sentiria assim tambem. Não haveria um talvez! Não havia, com certeza, pois as lagrimas acudiram aos olhos de todos, como que respondendo ás minhas palavras.» E o centurião esclarece:—«Estou entre gente do Minho»,—para desdobrar as revoadas dum cantico:— «Mas quem sabe se a tudo isto seria insensivel se o Integralismo me não tivesse despertado o adormecido sentimento patriotico, o amor de Portugal, o apêgo ás coisas portuguesas?! E' a ele

Digitized by Google

certamente que o devo. E assim não imagina com que fervor, com que entusiasmo me tenho dedicado á sua propaganda e com que ufania no seu lindo emblema, que o Conde de Monsaraz amavelmente me ofereceu quando me deu o prazer de o abraçar á minha despedida. E,—digo-o com certo orgulho—, felismente essa propaganda não tem sido de todo infrutifera.»

Tal era o heroi na singelesa aberta da sua alma de eleição. Trechos de outra carta, marcada de 23 de Dezembro, vesperas de Natal, acabam de o confirmar na rara unidade moral de quem já andaria debaixo dos olhos de Deus... Alude a amigos nossos na guerra e escreve:

«O Callainho, que já tornei a encontrar, recebeu-me com afabilidade...

Chegou a mostrar-me desejos de usar da sua influencia para melhorar a minha situação. Dissuadi-o, muito grato e reconhecido, dizendo-lhe que, alem de vir disposto para o sacrificio, era meu desejo manter sempre uma certa autoridade moral, de que mais tarde não poderei prescindir.»

E modesta, despreocupadamente, Alexandre Cabeças prossegue, preso sempre do seu grande sonho. Alude agora ao movimento de 5 de Dezembro:

«Fez bem em não perder tempo sobre o movimento de 5 do corrente. Logo tive noticias do seu triunfo pela *Action Française* que aqui recebo directa e regularmente... Permita-me que, a propo-

Digitized by Google

sito dele, lhe conte o seguinte: Num dos ultimos dias que passei em Lisboa, fui convidado a assistir ás reuniões que já se efectuavam para tal fim, por um amigo, cujas convicções monarquicas são conhecidas. Pedi algum tempo para responder, porque queria informar-me do caracter que o movimento teria e por quem era feito e dirigido. Asseveraram-me que nele estavam com todo o entusiasmo varios elementos de confiança. Respondi, declarando que, embora me fosse simpatico qualquer movimento que visasse a derrubar o demagogismo e com ele um governo de corrupção e imoralidade, eu só tomaria parte desde que tivesse a certeza que não ia contribuir para o fortalecimento dum partido ou de qualquer facção do regimen. Quiz depois obter informações seguras, mas dois dias adiante recebi ordem de partir... Tenho agora a impressão de que não só procedi como a minha consciencia me ordenava, mas tambem de maneira a não me arrepender de participar num movimento cujas consequencias não eram dificeis de prever e ao qual se não podia dar uma feição que fosse contraria ás instrucções de S. M. El-Rei.»

Eis um traço precioso de caracter e inteiresas politicas, bastante para resaltar na homenagem comovida que prestamos a Alexandre Cabeças. Em 10 de janeiro voltavam as suas noticias a pô-lo de novo como um exemplo para a minha admiração:

«O tempo de que disponho neste momento é mesmo muito pouco, mas ainda chega para lhe dar

Digitized by Google

uma nova que ao seu coração de amigo verdadeiro deve ser agradavel, — a da minha nomeação para um cargo do Estado Maior desta unidade, nomeação que não pedi, e que não aceitaria se me não conhecesse».

E um mês decorreu, entretanto, até receber outra carta. E' a penultima, — extraordinaria como todas, direita como uma chama, já com o acento da Eternidada a dita-la. E'-me doce percorre-la:

«O lenitivo que aos dissabores de todos os dias e ás tristezas de todas as horas habitualmente recebo da oração, era, ao lembrar-me assim do meu querido amigo, mais acentuado, creia. E então não posso deixar de dar graças a Deus o ter-me colocado no seu caminho. Creio que lho digo pela centessima vez, mas acredite que lho digo cada vez mais convencido de que foi Deus que nos aproximou com qualquer elevado fim que bem pode estar ainda no insondavel dos Seus Designios...». E, humilde esquiva-se ao reconhecimento da sua virtude tão penetrante e tão perfumada:

«Não me tenha tambem o doutor na conta admiravel pelo meu espirito de sacrificio. Creia que se em mim alguma coisa ha de notavel é apenas o ardor da minha Fé, a sinceridade das minhas convicções e sobretudo o desejo que manifesto sempre de proceder e pensar em harmonia com os dictames da Sublime Doutrina que ainda no berço comecei a aprender e com a herança que recebi de meu Pae».

E é então que Alexandre Cabeças se retrata

Digitized by Google

para sempre em palavras dignas de andarem de cór na boca de todos os integralistas:

«Religioso e patriota, catolico e portuguez, creia que o sou, e porque o meu querido amigo não o é menos, nem menos sinceramente nem menos apaixonadamente, é que nos entendemos tão bem, nos aproximamos tanto, nos tornamos finalmente tão grandes amigos. E porque assim pensamos em Deus e na Patria, não podiamos deixar de ser, como somos, integralistas. Não é verdade? De facto, só o Integralismo — diz-n'o em carta recebida ha dias e aplaudindo a minha ingressão na nossa Cruzada, um amigo que o fôra já de meu Pae, um velho lavrador, a quem consagro uma veneração quasí filial, só o Integralismo, — diz-me — pode ligar a ideia de Deus á ideia da Patria, o sentimento á razão.»

Mas na marcha do tempo a morte espreitava-o. As cartas rarearam. No entanto, ardendo sempre, como a sarça mistica, a sua fé iluminou-se ainda com os ecos da nossa festa de Março. Debaixo do maior alvoroço, traçou o seu testamento. Chamo o seu testamento á carta que em outro logar é publicada (1).

---

(1) «MEU QUERIDO AMIGO: — Não me demorarei a falar-lhe do entusiasmo com que li «A Monarquia» de 11, que acabo de receber.

Não m'o permite a minha vida agitada e mais do que ocupada nos ultimos quinze dias, tanto, que me vem sendo

Digitized by Google

Foi ela recebida quando Alexandre Cabeças, sem sete palmos e meio de terra patria para descançar, entrára naquela bemaventurança de que os versos formidaveis de Péguy adivinham o esplendor:

«Heureux ceux qui sont morts dans cet écrasement
Dans l'accomplissement de ce terrestre vœu».

Ele caiu, acreditando em nós, caiu dando o seu sangue por nós, junto de Deus. No premio augusto

---

impossivel dar-lhe as minhas noticias, tantas vezes prometidas, e de ha muito me vejo obrigado a prescindir do quotidiano prazer da leitura do nosso jornal. Foi assim que me passou despercebido o seu primeiro aniversario e o convite para a festa da sua comemoração. Lamento não ter recebido noticias dessa festa a tempo de lhe pedir para me representar nela e afirmar perante todos os nossos queridos amigos que tiveram a felicidade de a ela assistir, a certeza da minha cada vez mais ardente Fé Integralista e os protestos mais calorosos da minha admiração.

Li o seu discurso, meu querido amigo, entre todos os que foram brilhantemente proferidos nessa noite de gloria, e desvanecidamente vi o meu nome entre os dos meus valentes camaradas Integralistas que aqui, onde a cada momento se expõe a vida, não cessam de afirmar a todo o mundo o valor tradicional do soldado português, a sua bravura, a sua lealdade e o mais nobre patriotismo. Com um abraço, mais apertado de todos os que nos teem unido os corações, lhe agradeço, meu querido amigo, a maior honra que o meu orgulho podia ambicionar, a de me fazer infileirar

Digitized by Google

do seu sacrificio voluntario e consciente, ainda são para nós as suas orações. Ele cimentou com a sua puresa e com a sua bravura a aliança que a todos nos prende e liga para a grande finalidade que o encheu a ele de visões tranquilisadoras. Victima escolhida por Deus, Alexandre Cabeças, no simbolo tocante do seu fervor religioso e patriotico, é o alto exemplo que nos deve manter unidos.

Ele estará conosco onde nós estivermos. Nós mereceremos no mundo por tudo o que ele mere-

---

nessa pleiade brilhante de rapazes, que, sob as azas gloriosas do Pelicano, animados pela Fé em Deus e nos destinos da Patria, hão-de ser, quando um dia voltarmos para sob o ceu azul dos seus patrios lares nobilitados pelo sacrificio, os obreiros da Restauração de Portugal por uma Monarquia que lhe restitua [o logar glorioso onde a Historia o manteve até que o liberalismo do seculo passado o começou lançando para o demagogico cáos!

Avigoremos, desenvolvamos dentro de nós essa certeza mistica, e nada de desalentos! Çonfiemos! Sirva-nos de incentivo o admiravel esforço de que a jornada de 9 de Março foi o brilhante resultado, e com o esforço que nos dá a Fé havemos de vencer!

Portugal ha-de ser restituido ao brilho, á gloria, á honra de outras eras!

Creia-me meu querido amigo, nos protestos da mais leal e enternecida amizade do seu dedicado

Alexandre.

Em campanha, 19-III-1918.

Digitized by Google

ceu. Mais forte que a sua dedicação na terra, teremos a sua intercessão no Céu.

Por isso, ao evoca-lo na confusão da batalha, esvaido numa agonia sem nome, eu só sei dizer com a filha de Taine, de olhos pousados no seu livro de missa:—«*Louvado seja Aquele que faz nascer a esperança sobre os tumulos*!»

Maio, 1918.

Digitized by Google

A DEMOCRACIA NA AMERICA

Digitized by Google

Digitized by Google

A DEMOCRACIA NA AMERICA

No declinar desta idade do mundo, se a democracia é a grande responsavel, ela tambem será a grande vencida. Juntam-se os factos ás doutrinas; e quer seja em sua defesa, quer em sua condenação, tudo se conjuga para a julgar entrada de todo na sua total dissolução.

Não é outra a conclusão que se tira da leitura dum livro recentemente tradusido para francês pela esposa do filósofo Boutroux, que o prefacía em palavras dignas de se meditarem. E' seu auctor o diplomata norte-americano David Jayne Hill e, vertido para a nossa lingua, chamar-se-ia *A crise da democracia nos Estados-Unidos.*

Duas questões palpitantes nos apresenta a pêna de David Hill:—o conceito que a America possue de democracia e a tendencia que lá se define e engrossa contra o imperialismo, naturalmente incarnado na excessiva ação intervencionista de Woodrow Wilson. Este problema da democracia na America, num momento em que o pretexto da sua salvaguarda trás os soldados do Novo-Mundo ás

Digitized by Google

nossas linhas de batalha, importa que o encaremos no seu sentido imediato e positivo. Terra do mais desaforado feudalismo financeiro, será a America, na sua estrutura politica e social, uma democracia? Não o é, certamente. E não o é pelas razões que David Hill claramente equaciona:—«A doutrina de Rousseau,»—escreve ele—«segundo a qual a vontade do povo seria absoluta, e respeitavel toda a lei votada pela maioria, difere dos principios da revolução americana, não tendo encontrado nunca nos Estados-Unidos um numero apreciavel de aderentes refletidos e convictos.»

E Jayme Hill acrescenta:—«Pelo contrario, o principio da Constituição americana consiste em que o individuo possue certos direitos inerentes á natureza do homem, por exemplo, o direito á vida e á liberdade, o de poder adquirir, possuir e desfrutar os seus bens; e que nenhum governo, mesmo constituido, se acha autorisado, nem para violar esses direitos, nem para fazer leis injustas e iniquas, que não se aplicariam igualmente a todos os cidadãos, sem distinção de raça, de classes ou de residencia.»

Mas o diplomata americano torna-se mais incisivo quando a seguir se condensa e resuma:—«O traço distintivo da concepção americana da autoridade publica está em que ela não concede o poder ilimitado a nenhuma forma de governo, fosse mesmo uma maioria democratica. Foi precisamente da tirania da democracia que os fundadores da nossa re-

Digitized by Google

publica se receiaram, sendo os direitos naturais do individuo que tiveram em vista proteger. Eles não se esforçaríam por escapar ao jugo do Parlamento britanico, para verem depois a sua liberdade ameaçada por uma autoridade arbitraria.»

As passagens transcritas levam-nos a pensar um pouco sobre as origens da grande republica americana. «Os Estados-Unidos» — pondera Boutroux no prefacio do livro em exame, — «constituiram-se em condições excepcionais. Enquanto que as nações da Europa, desde largos tempos, são obrigadas a viver em ambitos restritos e dalguma maneira fechados, rodeadas de nações rivais ou inimigas, sonhando cada uma engrandecer-se á custa das outras, os colonos dos Estados-Unidos acharam-se no começo em espaços sem fim, sem ter que receiar a concorrencia de outra nação estrangeira. O Oceano, então imenso, separava-os do mundo das conquistas e das guerras interminaveis. Em tais condições, o individuo foi naturalmente o fim e o principio da organisação politica.»

«Assim, se compreende a formação *constitucional* da America. Em igualdade de circunstancias, emigrados todos, sem antecedentes historicos a imprimir ao agregado uma hierarquia e uma direção diversa da sua vontade, a democracia, pode bem dizer-se, como sucede sempre na infancia das sociedades, presidiu ao nascimento politico do Novo-Mundo. Quando os colonos da America inglêsa, revoltados contra a mãe patria, fundaram os

Digitized by Google

Estados-Unidos, quando os da America espanhola acompanharam o seu exemplo, eles não precisavam de grande trabalho para encontrarem constituições e leis que lhes conviessem:—podiam talhar á vontade, dirigirem-se por teorias absolutas.

Eram todos iguais, não somente de direito, mas de *facto;* todos emigrados, acorridos a terras moças para tentarem a sorte, sem fortuna original nem territorial por consequencia.»

Eis como nos fala um republicano, Jules d'Aurriac, no seu interessante volume *La France d'aujourd'hui et la France de demain.*

O testemunho de d'Aurriac recorda-nos Renan da *Reforme intelectuelle et morale.* «As teorias republicanas do seculo XVIII poderam triunfar na America, porque a America»—escreve ele,—«era uma colonia formada pelo concurso voluntario de emigrantes procurando a liberdade; não podiam triunfar em França porque a França, tinha sido construida por virtude dum principio diferente.» Entende-se já desta maneira que, sem se refugiar em ideologias quiméricas, a democracia marcava, efétivamente, na America um *ponto de partida* em harmonia com a realidade, nunca uma rutura frenética com todos os factores vitais do agregado, como aconteceria em 1789 na Europa. E' a democracia dos povos em formação, de que nos fala Vacher de Lapouge, ao distinguir entre ela e a que incisivamente capitúla de «democracia senil». «Uma representa uma especie de estado cosmico em que

Digitized by Google

a diferenciação se não fez ainda... Este fenomeno é normal nos países de emigração, onde o arranjo dos seus elementos se não obteve ainda. E' a via em que marcham os Estados-Unidos, seguidos do resto da America. A democracia senil é, ao contrario, o resultado do proprio esgotamento do capital eugenico dum povo. Esse povo começa então a morrer e os politicos desempenham aí o papel dissolvente de microbios pútridos. Eu não descubro na historia o exemplo dum povo que haja escapado na sua velhice á democracia senil, cujas aparencias e rapidês de ação podem variar ao infinito, desde a demagogia de Atenas até ao cesarismo do imperio romano.»

Afastando de nós os presagios trágicos de Vacher de Lapouge, é a altura de verificarmos que a revolução nas Americas não foi uma revolução, no sentido que estas coisas assumem na Europa, mas a simples declaração de independencia da colonia.

Reconheçamos o espirito de verdade com que David Hill assevera que um dos maiores cuidados dos fundadores da Federação foi evitar o perigo da democracia atomica e individualista que já se desenhava no horisonte. O Estado constituia-se, não para ser a presa do *individuo*, mas o seu orgão natural de proteção. Criados fóra do constitucionalismo historico da Europa, os Estados-Unidos pretendiam atingir a coexistencia desejada da autoridade com a liberdade nos mesmos termos em que as sociedades do velho continente a haviam alcan-

Digitized by Google

çado por meio de virtudes coordenadoras da Monarquia.

Oiçamos a critica que Boutmy nos dá da constituição americana, para mais nos confirmarmos no nosso modo de vêr. «A julgar-se pela primeira impressão, a constituição federal poderá ser definida como a organisação menos democratica possivel duma democracia. Recordemo-nos de que o seu texto foi redigido no meio das desordens e das violencias que puseram em perigo os resultados da guerra da independencia. O pessimismo dominara em mais dum apologista do regime popular. Dir-se-ia que os constituintes americanos tomaram o menos que puderam a semelhante regime, admitindo apenas o que lhes impunha o estado duma nação onde faltavam os elementos historicos, economicos e sociais, que formam a substancia da aristocracia e da monarquia.

A democracia foi aí tomada, mais ou menos, como o que havia de pior. Ela encontra-se á base da constituição, porque, neste nivel, não existia outro terreno mais solido para assentar o edificio. Mas toda a super-estrutura, se assim é lícito exprimir-nos, mostra-nos o sêlo da tendencia mais estranhamente anti-democratica que jámais inspirou uma assembleia constituinte».

E Boutmy insiste:—«A *união* não deixou nunca de ser concebida pela imensa maioria de convenção mais como um povo de *Estados* do que como um povo de *individuos*. O *individuo* estava, por assim

Digitized by Google

dizer, fóra da questão. Os direitos do homem e de cidadão, fundamento do regime democratico, não entravam na equação que a Convenção se propunha resolver. As duas unicas *incognitas* que ele procurou destrinçar referiam-se á parte que caberia ás autoridades municipais dos Estados e á parte que caberia propriamente á autoridade federal». O problema reduzia-se, pois, a uma formula equilibrada de *autoridade*. E o Supremo Tribunal Federal, caracteristica da constituição americana, surge-nos aqui, superior ao partido e aos litigios constitucionais, numa independencia e numa continuidade que diremos quasi monarquica. «Eu não conheço autonomia politica mais impressionante»— continua Boutmy,—«que essa supremacia duma autoridade que não é eleita, no seio duma democracia tida como do tipo mais extremo; duma autoridade que se não renova senão de geração em geração, num meio instavel em que tudo muda de ano para ano... Sabe-se que o quarto presidente do Supremo Tribunal Federal, John Marshall, exerceu durante trinta e cinco anos a sua actividade».

O que é então a democracia nos Estados Unidos, país dos *trustes*, dos *bosses,* da *Maquina*, do presidente Wilson e de uma e tantas realesas do *dollar ?* Responde-nos Bourget no seu *Outre-Mer:* —«Concebida e praticada deste modo, a democracia consegue produzir, não como entre nós um universal nivelamento, mas bem ao contrario de-

Digitized by Google

sigualdades espantosas entre os individuos que forçosamente se devoram uns aos outros. A lei da concorrencia vital opera-se lá como na natureza, a um tal ponto, que, por momentos, esta democracia dá a impressão duma aristocracia,—ia a dizer dum feudalismo. O presidente dum grande caminho de ferro, o proprietario dum grande jornal, o patrão duma grande oficina de New-York, de Chicago ou de S. Paulo, teem mais poder real que não tem um principe. Sómente, são principes que se fizeram a si mesmos, e semelhante conquista está ao alcance de todos, *desde que se possúa força para isso*. Uma *igual possibilidade social* é a formula da democracia na America. Uma *igual realidade social* tal é a sua formula na Europa, em França particularmente depois de 1789. Não sei de nada mais contraditorio».

Não destoa das considerações esboçadas o livro que serve de tema ás presentes reflexões.

A noção que David Jayne Hill nos oferece de democracia é a do sacrificio do individuo á colétividade mediante uma *igual possibilidade* de ascenção. São conceitos torcidos, são palavras trocadas para a mentalidade dos nossos jacobinos. Quando Wilson alude á democracia, ou se engana, ou nos engana. Fremem de lá os apetites anti-sociais que floriram na Russia numa paisagem de ruinas. E não é senão á maior autoridade que, do outro lado do mar, com a sua *verbiage* equivoca, o homem de Casa-Branca se encaminha. Precisamente, o livro do di-

Digitized by Google

plomata Hill, aferrado ao preconceito constitucionalista, é no fundo um ataque á politica do seu Presidente. A crise que ele assinala para a democracia é o despreso da antiga formula legislativa na sobreposição permanente da vontade de um só. Interessante, senão paradoxal, é vermos este defensor duma democracia, que não o é em nada na essencia, condenar o cesarismo pela sua baixa origem plebiscitaria e popular. «Mas se a soberania»—comenta Hill,—«é considerada como um direito de tal forma transcendente que possa suplantar todos os outros, então torna-se-nos dificil estabelecer a sua existencia. Ela é, por conteudo, absorvente e limitada, e capaz de destruir radicalmente tudo o que se lhe opõe. Tal é, em suma, a pretensão da democracia absoluta e eis porque ela não difere do imperialismo senão em que o direito de impôr regras abitrarias pertence a todos que sejam capazes de o fazer, em logar de pertencer a um só individuo que se arrogue a autoridade absoluta». E Hill explica-se:—«E o imperio é, de resto, o desfecho em que a democracia absoluta conclue».

Alarma-se o nosso diplomata com as tendencias personalistas da politica americana. Vê em crise o pensamento inspirador da constituição. E' a isso que ele chama a *crise da democracia nos Estados Unidos.* Já Boutmy nos disse qual era a democracia em que se fundamentava a obra constitucional da independencia. Verificamos por mais dum depoimento que «democracia» e «Estados Unidos» são

Digitized by Google

ideias que se excluem. Donde, inferir-se logicamente que detrás da democracia, invocada por Wilson, não está senão a revoada imperialista dum povo adolescente, de que Mahan e Roosevelt são os doutores mais cotados. Entre o *germanismo* e o *americanismo,* ai de nós! que perdemos a integridade das nossas virtudes nativas. Se a Alemanha avança e nos quere esmagar por duras leis de expansão economica, as mesmas leis começam já a actuar na America. Daí vem a nova fase da sua existencia —fase balbuciante, sem duvida, mas precursora de importantes acontecimentos.

*

A leitura do livro de Hill deixou-me entrever, no entanto, os germes de divisão que lentamente crescem contra a actividade de Wilson e de que é sinal evidente a *Associação nacional para a proteção da Constituição.* Hill inquieta-se com o futuro e a si mesmo pregunta se o caminho por onde a America envereda não representa a negação do principio em que se originou e desenvolveu. Mais uma prova de que nesta hora tragica do mundo é uma pura querela de palavras que ateia ainda mais a labareda que nos devora. Democracia,—e na America? Ah, meus senhores, ou Wilson se engana, ou nós é que somos os enganados! Não me parece ser outra a moral do livro de Hill, que é mais uma

Digitized by Google

peça a instruir o processo já volumoso da democracia. Como tal o apresento e deponho nas mãos de algum cantor atrasado das varias bondades dos imortais principios.

Maio, 1918

Digitized by Google

Digitized by Google

QUATRO ANOS DEPOIS

Digitized by Google

Digitized by Google

QUATRO ANOS DEPOIS

Quatro anos depois de declarada a guerra,—é justo que a nós mesmos perguntemos se do tremendo conflito, sempre suspenso nos campos de batalhas, alguma conclusão já haverá a tirar. Dia a dia, hora a hora, a face da Europa tem-se modificado. E, quasi insensivelmente, essa modificação não abrange já só as suas linhas fisionomicas. Desce mais fundo, ao ponto de alterar e transformar por completo as bases sociais em que durante um seculo tranquilamente nos repousámos, preparando de longe, no ilusionismo das abstrações anarquisadoras, o crepusculo de sangue e de fogo em que parece subverter-se quasi uma civilisação inteira.

E' a guerra um laboratorio e uma purgação. Dela costuma sair sempre renascida a alma eterna dos povos, acordada para o exercicio das suas antigas virtudes. Quando a prosperidade das nações se traduz apenas no bem estar material, a guerra surge inevitavelmente para restituir ao predominio aquele espirito de sacrificio e aquela aceitação corajosa da

Digitized by Google

disciplina em que a sociedade encontra os seus mais fortes motivos de viver.

Conhece-se a apologia que a Proudhon mereceu a guerra como força purificadora dos individuos e das colectividades. Toma a guerra nestes termos um sentido místico,—o sentido oculto da tragedia grega, com a Fatalidade apertando no seu anel durissimo a curva larga do Universo. Dobremo-nos ao vento da desgraça em que a Europa se desfaz na mais impetuosa de todas as insanias! A ultima palavra,—a palavra definitiva, não pertencerá nem ás razões do acaso nem ás razões do comando. Arrastamo-nos num mundo de dissolução,—num mundo que a si próprio se condenou. A guerra não é mais que a lei natural da harmonia impondo-se a uma civilisação já caduca, embora brilhante.

Enquanto não restaurarmos as condições normais da vida, a guerra não deixará de pesar sobre as nossas cabeças como a intervenção de Deus que castiga, mas que redime.

Se nós pensamos em retomar o curso ordinario da existencia no mesmo pé em que ela se desenrolava antes de declarada a guerra, enganamo-nos, —e enganam-se profundamente os que supõem na paz a conquista dum regresso a esse passado de ha quatro anos, de que nos separa um abismo e que nunca mais voltará.

Consequencia duma falsa organisação economica e politica, a guerra veio precisamente denunciar-nos as causas da perturbação constante em que

Digitized by Google

a Europa, debaixo duma aparencia de riquesa e ventura, ia engendrando a catástrofe que lhe apressaria a ruina e talvês o fim da sua preponderancia. Abusámos do amor do lucro e do esplendor do oiro. Civilisação materialista, a nossa civilisação, na sua febre a cem graus, levou-nos quasi a um epilogo identico ao do Imperio-Romano. Desassistidos inteiramente dum robusto e coesivo principio moral, nós morremos vitimas da cupidês e do luxo, da paixão exaustiva do ganho e da insensibilidade manifesta do coração.

Os excessos do individualismo acarretaram consigo a organisação da sociedade que nós expiamos tão duramente na carne da nossa carne, no sangue do nosso sangue. Insuspeito pela sua formação intelectual, Guglielmo Ferrero compara o progresso do mundo moderno á corrupção da Roma clássica. E a proposito recorda a passagem celebre de Tito Livio. Quando era pobre e pequena, Roma fôra na sua origem um exemplo unico de todas as virtudes; corrompeu-se depois, degenerando e apodrecendo no meio de todos os vicios; e a pouco e pouco chegámos ao estado actual em que nós não podemos suportar nem os males de que sofremos, nem os remedios que precisamos para nos curar. «Nec vitia nostra, nec remedia parti possumus.» Singular definição a do historiador latino, em que a nossa sociedade se contempla e reproduz no mais fiel dos retratos! Diagnosticamos igualmente, como o romano da decadencia, o cancro que nos roe, mas não

Digitized by Google

nos atevemos a extirpa-lo, repartidos entre o duplo terror da agonia que nos aguarda e da provação que seria imperioso afrontar se nos quiséssemos resgatar ainda a tempo. E assim, no mais dramático dos conflitos, abandonamo-nos á marcha cega dos acontecimentos, como Édipo caminhando debaixo da dureza inflexivel do Destino.

Ha a verificar, na verdade, que a Europa atingiu no giro da historia um periodo extremo de crise, de que só uma devolução sensivel ás regras coordenadoras da tradição a conseguirá, por ventura, arrancar. Proclamam-no de todos os lados as inteligencias avisadas, a quem não escapa o drama oculto do terrivel duelo colectivo em que nos debatemos.

A hipertrofia do Estado que conduz a Alemanha á aspiração da Monarquia universal, o que é senão o mesmo sonho vesanico que da parte de cá das trincheiras ilude o alcance da guerra, fazendo-o servir a victoria mais que hipotetica duma hipotetica democracia para uso de toda a humanidade? A' raiz, descobre-se, bem caracterisada, duma banda e doutra, essa noção pagã do Numero e da Força, alheia ás realidades mais imediatas, cuidando sómente em se dilatar e afirmar, na violação de quantas normas e de quantos limites a verdadeira felicidade dos povos exige para sua garantia legitima. Na falencia estrondosa das mil e uma ideologias apregoadas ao longo do seculo que findou,—a ideologia da Sciencia, a ideologia do Progresso, a ideologia da Liberdade, é ainda Ferrero quem se interroga num so-

Digitized by Google

bresaltado inquerito ás circunstancias presentes, ao vêr pelo chão, escavacada, a torre de Orgulho com que a vaidade dos homens julgou, por uns breves instantes, repetir a scena mitologica dos titans escalando as alturas interditas do Misterio.

«Mas quem sabe? Talvês que êsse feliz momento não durasse sempre, porque a hora viria naturalmente em que os homens haviam de experimentar de novo a necessidade da antiga sabedoria, da antiga prudencia. Seja ao menos permitido a um filosofo e a um historiador perguntar se esta soberba, mas desvairada liberdade, que nós disfrutamos, convem a todos os tempos, ou unicamente áqueles em que as nações, nascendo, podem achar no seu berço, como a America o achou no dela, um pequeno dote de nove milhões de quilometros quadrados ainda por explorar». Eis, como em meia duzia de palavras, Ferrero coloca angustiosamente o problema, não escondendo a desilusão amarga em que abala, sorrindo, mais duma ficção generosa da sua mentalidade de liberalista ardente e sincero. A civilisação, — a verdadeira, a salutar, aparece-nos, assim, na razão inversa do individualismo e em proporção directa com a disciplina, se, de causa fecunda do desenvolvimento social, a não desejamos tornada numa fonte de desordem permanente e irreparavel.

Fonte de desordem, na sua feição acentuadamente materialista, o que é a civilisação contemporanea, cujos beneficios, pela ambição desenfreada

Digitized by Google

e pelos interesses mais espessos e mais grosseiros, a guerra actual aí nos está acusando? Ninguem melhor a simbolisou de que o Renan do *L'avenir de la science,* ao exprimir o monstruoso voto de que num futuro bem proximo os sabios viessem a dominar olimpicamente as multidões pelo terror dos seus infinitos recursos scientificos.

A sciencia empregada, fria e sistematicamente, como meio de destruição, se em Renan não passou duma cinica abstracção de sofista, é hoje, deante dos nossos olhos e nos espectaculos quotidianos da guerra, o desfecho sem nome duma civilisação que, pela embriaguês da sua loucura se esqueceu de todo da triste instabilidade das coisas humanas. Julgando-nos vencedores da Materia, sômos pelo contrario os seus escravos miseraveis. Levantámos aranhiços de aço, — no silencio dos gabinetes descobriram-se as fórmulas mais inesperadas, as mais inesperadas combinações. Pois bem! Quando o homem não tardaria a proclamar-se o imperador do Mundo, o dominador da Natureza, o aço que ele domára, os elementos que a sua mão fechava e conduzia no espaço estricto duma retorta, revoltam-se de subito, ao som da gargalhada sinistra de Mefistofeles, e despedaçam, esfacelam, pulverisam o inebriado triunfador da vespera.

Sciencia sem consciencia é a mais execravel de todas as tiranias. Nós lhe padecemos o jugo de ferro, porque não quisémos ouvir o conselho prudente do Eclesiastes, que foi Rei em Jerusalem.

Digitized by Google

Atrás das promessas mentirosas dum estreito ideal ótimista só cuidamos do praser e da riquesa, na persuação ingenua de que era a marcha do Progresso que nós acompanhavamos. Mas nunca os instintos bateram mais fortes, dentro de nós, nunca na escuridão das criptas ancestrais o gorila aguçou com mais apetite os dentes anciosos de carnagem! Olvidamos as verdades eternas. E, na infantil libertação dos nossos espiritos, mandaram em nós os mitos mais abominantes, as mais despresiveis superstições. Como em Roma antigamente, os barbaros não demorariam a ensombrar, com as suas figuras de pesadelo, a elegancia rara de Petronio abrindo as veias desdenhosamente, emquanto devagar floriam as verbenas...

Concordemos que Ferrero tinha razão, recordando a velha passagem de Tito Livio: — «*Nec vitia nostra, nec remedia parti possumus!*» O paralelo é perfeito entre as duas epocas da historia. Deixou lembrança de si uma certa Sollia Paolina só porque, segundo o classico, em joias e outros objectos de adorno possuia mais dum milhão. Quantas Sollias Paolinas não enxameiam a carcassa perfumada da nossa sociedade, que se abrasa num diluvio de chamas, sem que na carreira doida da perdição o luxo se sacrifique á fome e o oiro encontre na caridade os seus direitos de soberania?! E Ferrero repara que o desenvolvimento da riquesa acarreta invariavelmente um acréscimo proporcional de exigencias e de insatisfações.

Digitized by Google

Ao desiquilibrio que resulta deste fenómeno de ordem social e moral chamavam os doutro tempo *corrupção, degradação dos costumes.* Opostamente, nós, os de hoje, chamamos-lhes *prosperidade, civilisação, progresso.* Na luta brava da concorrencia e do ganho, surge, com a diminuição assustadora do caracter o esgotamento, a neurastenia, o suicidio, denunciando o cansaço da vontade e a impossibilidade crescente do espirito em se sobrepôr ao frenesim que nos arrasta e envolve nas suas espiras fatais. Horacio fala de semelhante estado de alma, especie de nervosismo exasperado que nada contem nem nada apasigua. «*Strenua inertia*», inercia agitada, ou agitação baldada, é como o poeta o designa, na concisão admiravel da sua lingua materna. A mesma «*strenua inertia*», — mal do seculo, dôr de viver, nos toca de perto a todos, oferecendo-nos em holocausto á Nemesis tremenda da Fabula, agora resurgida no romance de Paul Bourget, como a parte que em reparação cada um de nós deve á harmonia sagrada do universo.

Ateiada pela nossa insensatês, eis como a guerra nasceu. Nasceu da vaidade e da cubiça dos homens, é certo. Mas muito mais do que a vaidade e a cubiça, desencadeiou-a a ausencia absoluta da lei moral. A aproximação que Ferrero, — o historiador insigne de Roma, estabeleceu entre o agonisar do Imperio e a agonia lenta duma civilisação que imaginavamos imorredoira, é o unico e definivo co-

Digitized by Google

mentario a acrescentar a quatro anos de convulsões fratricidas, com a Europa lavrada de alto a baixo pela charrua infatigavel da Morte. Não nos cansemos a formular nem outra resposta nem outra conclusão a quantos, desvairados pela disparidade aparente dos factos, persistem ainda em considerar a guerra como longe de atingir o seu verdadeiro e rigoroso significado.

Interpretam-na como o desflagrar encarniçado de simples imperialismos economicos. Entendem-na muitos como o embate de culturas hostis ou de raças secularmente antagonicas. Talvês juisos êsses em que o aspecto apaixonado da questão prevalece pretenciosamente sobre a sua unidade profunda!

Como Proudhon a viu e compreendeu, a guerra é sempre a justiça violada que intervem quando menos se espera. A guerra actual, descendo da concepção proudoniana, representa a victoria do *Sublime* numa sociedade que se abastardára nas baixesas do ótimismo mais baixo e mais degradante. Perdido o equilibrio do mundo, é um mundo novo que dolorosamente se gera. Gera-se na dôr, porque o outro, — êste a que pertencemos, se suicidou no praser. O espectro de Roma adeja na noite imensa. E na noite imensa a lei moral desperta, personificada na Cruz.

Só o Cristianismo está de pé no desabar total da catastrofe. Na queda do Imperio a Cruz lhe recebeu o testamento e lhe santificou a herança. As duas épocas abraçam-se, quasi se confundem. E

Digitized by Google

como ha mil e tantos anos a semente do resgate saía das catacumbas, tambem ela hoje parece sair dessas novas catacumbas, — as trincheiras. Tal é o sentido da guerra, na sua essencia transcendente e profunda. São os direitos da alma que se recuperam da idolatria abominavel do Bezerro-de-oiro. Possa a civilisação restaurar-se nos seus fundamentos e o reino de Deus de boa vontade se dará a conhecer aos homens sobre a terra!

Agosto, 1918

Digitized by Google

OS SAPOS DE CLOVIS

Digitized by Google

Digitized by Google

OS SAPOS DE CLOVIS

A grande novidade da semana não foram as festas da Paz em Brook, na ilha de Wight, onde, numa carreira pedestre, com um *handicap* de cerca de 100 metros, correram ao desafio o general Selly, o ministro da Aviação e o bispo protestante de Peterborough, ficando desclassificado o general e sendo o ministro humilhantemente vencido pelo prelado. Nem tampouco me parece que fôsse aquele rumor, — chamemos-lhe assim —, transmitido pela diplomacia italiana de que se está preparando em segredo a união da Hungria com a Austria e com a Baviera, para que a *Mittel-Europe* se reconstitua e volte a prevalecer nos antigos Imperios-Centrais a hegemonia germanica. Engana-se tambem quem suponha que seja a atitude do Senado norte-americano, declarando anti-constitucional, pela comissão respectiva, o convenio de aliança defensiva dos Estados-Unidos com a França. E muito menos se me afigura de que seria a noticia espalhada pela imprensa europeia, de que o arquiduque José se en-

Digitized by Google

contra disposto a retirar-se e a aguardar «como simples particular» o resultado das eleições.

Mais do que a corrida pitoresca de Brook, com um bispo dando á veneranda perna e um ministro caindo aqui, além me levanto, para no fim deixar tão mal parada a supremacia do Poder-Civil perante os manejos da Reacção; mais, muito mais do que o misterioso enigma que é hoje, para quem não saiba advinhar nas entrelinhas, o destino da terra de Santo-Estevão e de que a diplomacia italiana, devolvendo-se à politica de Crispi, procura tirar um pesadelo com que perturbe a debil e assustadiça vitoria dos Aliados; mais ainda do que esse estrondoso sucesso de Wilson, — o «dos 14 pontos e dos 36 dentes», no frase grafica de Gabriel d'Annunzio, seu compadre nos bons combates pelo Direito, pela Liberdade e pela Justiça; e não falando no resultado que o arquiduque José aguardará das eleições hungaras, retirando-se ao simples estado de particular; — mais do que tudo isso, mesmo muito mais do que se disse e não se disse, a grande novidade da semana, quanto a mim e salvo melhor parecer, foi o discurso pronunciado por Briand em Saint-Chamont no passado dia 20 de Agosto.

Apresentou-se Briand como o homem do «justo-meio» entre os direitistas que conspiram pelo regresso do Rei, — nas suas proprias palavras, e os inflamados que, na esteira de Louguet e Mayrás, se atiram para a quimera sangrenta do bolchevismo. Porta-voz da concordia na hora do perigo, como en-

Digitized by Google

faticamente se intitulou, é Briand quem se apressa a denunciar como extinta a «*união-sagrada*», que tornou viavel a resistencia da França. E sobre o corpo da patria desfeita e inerme, ei-lo que levanta de novo a bandeira fratricida do partidarismo. Não oculta Briand a sua preocupação pela sorte futura da republica, trabalhada por correntes diversas e irreconciliavelmente antagonicas. «Os exercitos da republica é que venceram e é impossivel separar a França da republica». E á roda dêste motivo, o discurso do tribuno se desenrolou, arrastado e odiento, não faltando à convocação de Briand nenhum dos logares-comuns do velho radicalismo burguês.

O que é certo é que nas reticencias de Briand transparece bem um manifesto receio pela efervescencia crescente do monarquismo em França. E, candido à força de cinico, ou cinico à força de candido, Briand não titubia em reconhecer que, se a «*união-sagrada*» salvou a França da derrota inevitavel, não pode de modo algum consentir-se que sirva agora de conduto para que voltem outra vez ao decapitado trono de S. Luís os lises augustissimos de Santa Clotilde e de Santa Joana d'Arc. Nós concluimos, com o experimentalismo das nossas doutrinas, que sempre unidade nacional é sinonimo de Monarquia. O proprio Briand se encarrega de o demonstrar, convencendo-nos eloquentemente, se de mais elementos a nossa convicção necessitasse, que a republica, se vive nos países de robusta estrutura historica, só vive pelo vilipendio e pela

Digitized by Google

degradação das energias ancestrais de que se alimenta a alma colectiva da patria.

Contrasta singularmente o discurso de Briand com a intenção altissima da festa que a França inteira dedicou, ha pouco mais de quinze dias, ao celebre apêlo aos mortos em Juilly. «*Les morts debout!*» — bradara entre os clamores desencontrados da batalha a voz desesperada dum oficial, ao achar-se sem ninguem, num arranco de desesperado heroismo.

Não sei, se, caidos, de pupila coalhada e vitrea, os mortos se ergueram de sobre o chão, gotejantes de sangue, com as feridas abrindo como grandes rosas carnudas. Não só em Juilly, mas ao longo de toda uma expiação dolorosissima, cujo sentido espiritual parece já esquecido, o que eu sei é que a França se viu assistida unicamente dos valores morais do passado.

Acudiu-lhe a sua dupla tradição catolica e monarquica, ressuscitada por um milagre subito ante a consciencia da catastrofe iminente. A integridade da Patria, ameaçada de perdição, assegurou-se pela presença eterna de quantos a haviam outrora cimentado e fortalecido. E, para exemplo duradoiro e profundo, tão desabituada já a França do amparo paternal dos seus Reis, é ainda á extraordinaria obra militar e diplomatica deles que recorre, como a um tesoiro despresado, se quer cingir-se dos loiros dificeis da victoria.

Assim, no espraiar da investida alemã, são as

Digitized by Google

defesas de Luiz XIV junto a Calais que detêm o passo do inimigo. A pertinacia encarniçada que, desde os mais recuados tempos, a monarquia francesa empregou na posse do bispado de Verdun é justificada pelo testemunho dos acontecimentos, marcando como nunca a importancia dessa guarda avançada dos caminhos de Paris. Embora sem a continuidade e sem a inteligencia duma larga preparação dinastica, que politica procura seguir Clemenceau, esforçando-se pela pulverisação da Alemanha e pelo predominio da França nas margens do Reno, senão a politica secular duma serie ilustre de reis, que do seu país fizeram uma obra de genio governativo? E se os Estados Unidos interveem na altura em que a França ia fraquejar sem remedio, deve-se à memoria caluniada de Luiz XVI, protector da independencia da Norte-America, o entusiasmo que facilitou a rapida organisação de tão decisivo socorro. Pela unidade do principio que encarnaram, mesmo das cinzas do tumulo, os herdeiros de S. Luís preveniam das incertesas do futuro os destinos gloriosos do seu antigo reino.

E não insisto eu, entrando no campo das insondaveis imolações individuais, no procedimento sem par da mocidade catolica e realista que, entrevendo já a guerra nas páginas do inquérito memorando de Agathon, selou, pelo holocausto ardente da sua vida, a esperança com que olhava a face radiosa da França-Madre. Basta que recorde, contra a literatura embusteira da ocasião, — torpemente simbolisada

Digitized by Google

no *Feu,* de Barbusse,—*Le Sacrifice*, de Henri Massis, e *Le Reveil de l'esprit,* de Vallery-Radot, ambos soldados na primeira linha das trincheiras, talvês vitimas ambos da sua desvelada obrigação de patriotas, que do amor a Cristo e ás verdades da Igreja tiraram o melhor alento com que, «Homens da Dôr»,—na imagem expressiva de Valléry-Radot, ofereciam a Deus as suas existencias pelo pecado comum da França revolucionária. Por uma das apoteoses que se esvaem depressa na poeira doirada das coisas inuteis, ninguem olvidará mais a magnifica exaltação mística de Charles Péguy, entoando um novo *De profundis,* já cheio do estremecimento sacro da libertação, aos quatro ventos da França devastada:

«Heureux ceux qui sont morts pour la Terre charnelle,
Mais pourvu que ce fût dans une juste guerre !
.....
Heureux ceux qui sont morts dans les grandes batailles,
Couchés dessus le sol á la face de Dieu !»

E se a inspiração raciniana se acendesse novamente para levantar uma segunda galeria de figuras imortais, nós veriamos desfilar a coragem desmedida e grave de Léon de Montesquiou, de quem alguem disse que na sua campa se deveria inscrever, não o «*ci-git*» de todos os epitáfios, mas um vigoroso «*Ici commande Léon de Montesquiou.*» Ao seu lado, como um inextinguivel sinal da Cruz,

Digitized by Google

pairaria, coado e imerso, o gesto ultimo do neto de Renan, apertando o rosario e a espada á hora extrema, no mesmo anceio sublime de redenção. Rostos calmos de mulheres adoçariam com frequencia essa formidavel ressureição dos Mortos. E seria a filha de Taine, levando aos hospitais o carinho tutelar da sua crença religiosa. Seria a angustia nobilissima da senhora de Castelnau, com o marido e os três filhos em campanha, perguntando serenamente ao confessor que hesitava em lhe comunicar a morte de um deles:—«Sossegue, meu Padre! Eu só desejo saber qual é que foi!»

Tal é a França da *União-sagrada*, escarnecida e cuspida pela França oficial, que, ás vesperas da guerra, afirmava pela boca de Viviani, no congresso radical de Pau, querer apagar as estrelas no ceu. E' a França religiosa dos grandes bispos admiraveis, a França das irmãsinhas condecoradas, a França do clero rural, morrendo bem e ajudando a bem morrer. E' a França realista de Maurras e Daudet, denunciando a cumplicidade dos poderes publicos com os planos do inimigo e pondo diariamente em relevo o crime do estrangeiro de dentro aliado ao estrangeiro de fóra. E' ainda a França de Maurice Barrès, carne e verbo das aspirações de tanta aspiração anonima e confusa, que conseguiu durante quatro anos manter em elevação perpetua a alma retalhada do seu país. Pois é essa França que Briand, no discurso de Saint-Chamont, acaba de denunciar como perigosa para o futuro

Digitized by Google

da patria vencedora, já que o não foi para sofrer e morrer por ela durante uma agonia sem igual na historia.

As considerações que naturalmente se nos suscitam díante duma impudencia tamanha não nos alarmam nem nos surpreendem. Aqui e alem, neste mundo e no outro, o espirito maçonico e democratico é, pela condição de estirpe, um espirito que divide e que esterilisa. Nós calculamos bem que, se para a França eterna, para a França que não se afundou nas vergonhas duma republica imoral e suicida, a *União-sagrada* significou um pacto sincero e alevantado, para aqueles que lho propuseram, receiando mais pela sorte das suas situações do que pela sobrevivencia da patria, não passou dum disfarce, duma mascara hipocrita, que antes do tempo arrancaram do rosto, não podendo suporta-la mais. E eu lembro-me, porque marca bem a vilesa da atitude de Briand e dos seus sequases, da lenda piedosa que nos conta a origem dos três lises imaculados da bandeira branca da França de S. Luís, de Henrique IV e do conde de Chambord.

«Lê-se nas historias francesas»—informa um classico—«que a Clodoveu, primeiro Rei Cristão da França, quando se batisou, lhe foram enviadas do ceu três flores de lis por armas, em logar dos três sapos abominaveis que usava antes de receber o batismo». Roubando á lenda o seu discreto perfume de agiologio, pretendem os heraldistas explicar que o lis não é mais que a estilisação lenta dos sapos

Digitized by Google

de Clovis. Seja, porém, como fôr, o lis desponta com a França cristã. E desde o acto solene de S. Remigio, impondo as mãos ungidas sobre a cabeça barbara dum chefe franco, o lis adeja, como um sorriso de graça, em tudo quanto a França missionaria realisa para bem da Cristandade e aumento da Civilisação. Mas logo que os lises se conspurcam e lhes falta a oculta seiva da fé em que se retemperam e remoçam, nós vemos imediatamente reaparecer os sapos hediondos de Clovis. Expulsou a Revolução das suas insignias os belos lises tradicionais. E o que foi o terror,—o que foi o sadismo louco dos falsos erros de 89, senão a volta dos sapos de Clovis á França desorganisada, fóra do cajado amoravel dos seus monarcas e dos seus sacerdotes?

Como os lises haviam florido no estandarte preso de pano de côr, afigurava-se-nos que floririam tabem por sobre a França redimida pelas orações dos seu santos e pelo sacrificio dos seus herois. O grito formidavel «*les morts debout!*», comemorado a 4 de agosto em todas as comunas francesas, é o apelo inconsciente dum povo ás antigas flores da Realesa, detentoras da energia ancestral que creou a patria e a manteve, segura e unida. Iam os lises apontar de novo, entre ruinas calcinadas e lastimosas, num chão ulcerado pelo furor de mais de cem batalhas. E logo os sapos de Clovis, renascendo da primitiva forma, lançaram sobre eles o seu halito envenenado e pestilento. E'

Digitized by Google

que a historia de França oscila entre dois extremos: —ou o lis ou o sapo, ou Psichari ou Briand.

Aqui está, leitor amigo,—á boa maneira de antanho,—porque no discurso de Briand consistiu a grande novidade da semana. Não me lograram impressionar tanto, nem as canelas venerandas dum bispo humilhando em publico e raso a supremacia do poder civil, nem os engasgados apertos de mestre Wilson,—«o dos 14 pontos e dos 36 dentes». Depois da guerra no exterior, a França vai regressar ao seu regime permanente de guerra no interior. Assim nas democracias consolida a paz quem não soube preparar a guerra. A oratoria impudica de Briand é como o ladrido dum cão atirado contra uma sepultura. Tem a palavra agora a outra França, —a verdadeira França. Chegou deveras o momento de todos gritarem:—«*les morts debout!*» E os mortos, como em Juilly, não faltarão certamente á chamada.

Agosto, 1919.

Digitized by Google

A QUESTÃO DE MARROCOS

Digitized by Google

Digitized by Google

A QUESTÃO DE MARROCOS

Conversemos hoje de Marrocos. Para os portugueses nada ha como o mês de Agosto para se falar de Marrocos. Agosto é o mês de Ceuta e o mês de Alcacer-Kibir,—o mês que encerra na marcha lenta dos seus dias como que o ciclo completo da nossa passagem pelo «Algarve de Alem-Mar».

Pois a qustão de Marrocos está no taboleiro da diplomacia e, especialmente, o problema intrincado da posse de Tanger. Se tivessemos ido para a guerra com objectivos claros, com clara finalidade patriotica, naturalmente Tanger seria um dos alvos a atingir. Mas nós nunca nos capacitámos da valia de Marrocos. Não só para nós, portugueses, como para os nossos irmãos espanhois. Ao contrario do ar depreciativo com que muito espirito progressivo costuma afirmar que a Africa começa nos Pireneus, as sciencias ensinam-nos que, realmente, a Europa onde acaba é no Atlas. A importancia politica e militar que para os dois povos peninsulares significa o retalhado sultanato, nosso visinho, encontra-se bem inscrita nas paginas patentes da historia.

Digitized by Google

Já em 1891, num admiravel estudo, publicado na *Revista de Portugal* sob o titulo «A situação geral da Europa e a politica exterior de Portugal», Moniz Barreto observa: — «Um ilustre historiador inglês pôde afirmar ser lei da historia que as populações da Peninsula dominem ou sejam dominadas pelas que estanceiam na região africana que lhes fica fronteira».

E logo a seguir o malogrado critico acrescenta, num rasgo de veemencia, como se advinhasse a triste realidade presente:—«Seria mais um capitulo a ajuntar á crónica lamentavel da decadencia peninsular, se essa região marroquina, aberta á acção dos dois povos cristãos pela espada de D. João I e dos conquistadores de Ceuta, ilustrada pela valentia dos fronteiros de Africa, dourada pela fama robusta de D. Afonso V e pela gloria nascente de D. João II, consagrada pelo apostolado de Raimundo Lullio, pelo martirio do Infante-Santo, pelo sangue de D. Sebastião, venha a cair, como Tunis, arrancada por nós aos barbaros, nas mãos daqueles que no seculo XVI se ligavam aos inimigos da cultura europeia em proveito das suas conveniencias politicas e dos seus interesses comerciais no Levante».

É sangrenta, mas verdadeira, a referencia de Moniz Barreto á França, que, desde os alvores da Renascença, se tornou, no coração da Europa, um elemento de perturbação e cubiça insaciavel. Nas mãos da França caiu o melhor bocado de Marrocos, adicionando-se assim mais esse capitulo á longa

Digitized by Google

cronica da decadencia peninsular. Sem natalidade e sem oiro, não sabemos como a França, falta de braços e de numerario, procurará resolver os instantes problemas que o seu imperialismo sofrego lhe acarreta de futuro. O que sabemos é que o regimen de internacionalisação, a que se sujeitou Tanger pelo artigo 7.º do tratado de 1912, se encontra em riscos de ser sofismado por parte da França, atacada agora do mal que tanto lhe doia nos alemães.

Não se deduz outra coisa do informe apresentado pelo deputado Maurice Long, relator da Comissão Parlamentar do Tratado de Paz, no capitulo referente aos assuntos de Marrocos. Sustenta Maurice Long que a internacionalisação de Tanger, pelo espirito do tratado de 1912, não importará em nada mais que uma representação dada ás diversas colonias estrangeiras no municipio a constituir-se em Tanger. Deste modo, Tanger e os seus arredores ficam debaixo da soberania nominal do sultão e da efectiva da França.

O informe de Maurice Long causou alarme nos meios espanhois mais esclarecidos. A distinta individualidade que, sob o pseudónimo de Pedro Tardo, envia de Paris para o diario madrileno *El Debate* interessantissimas notas de politica exterior, comentava, a propósito dos malabarismos interpretativos de Maurice Long, que «se o governo francês intentasse pôr em pratica o informe de M. Long, ninguem criaria um abismo como esse nas futuras

Digitized by Google

Digitized by Google

A QUESTÃO DE MARROCOS

Conversemos hoje de Marrocos. Para os portugueses nada ha como o mês de Agosto para se falar de Marrocos. Agosto é o mês de Ceuta e o mês de Alcacer-Kibir,—o mês que encerra na marcha lenta dos seus dias como que o ciclo completo da nossa passagem pelo «Algarve de Alem-Mar».

Pois a qustão de Marrocos está no taboleiro da diplomacia e, especialmente, o problema intrincado da posse de Tanger. Se tivessemos ido para a guerra com objectivos claros, com clara finalidade patriotica, naturalmente Tanger seria um dos alvos a atingir. Mas nós nunca nos capacitámos da valia de Marrocos. Não só para nós, portugueses, como para os nossos irmãos espanhois. Ao contrario do ar depreciativo com que muito espirito progressivo costuma afirmar que a Africa começa nos Pireneus, as sciencias ensinam-nos que, realmente, a Europa onde acaba é no Atlas. A importancia politica e militar que para os dois povos peninsulares significa o retalhado sultanato, nosso visinho, encontra-se bem inscrita nas paginas patentes da historia.

Digitized by Google

relações hispano-francesas». E Pedro Tardo, esquecendo-se evidentemente de Portugal, concluia que «aos irridentismos forjados pelo Tratado de Versailles se somaria mais um».

Não percebo bem como a anexação de Tanger pela França constituiria, em presença da Espanha, um irridentismo a resolver. Compreendo que a posse de Tanger seja para a Espanha um ponto primacial no seu programa expansivo,—uma condição de vida para o desenvolvimento da sua preponderancia em Marrocos. Agora o que me parece a mim é que se força bastante o aspecto da questão atribuindo-se-lhe um caracter irridentista que não lhe cabe absolutamente. Se ha irridentismo é em relação a Portugal, e não em relação á Espanha. Tanger, hoje internacionalisada, deveria pertencer-nos, exactamente porque já nos pertenceu e porque deixámos nela, tanto nos habitantes, como na propria fisionomia da cidade, os sinais inconfundiveis da nossa supremacia e da nossa penetração.

Eu não ignoro talvês o sentido em que Pedro Tardo empregou a palavra *irridentismo*. E não o ignoro, porque de ha muito sou da opinião de Edmundo Gonzalez Blanco no seu livro *España ante el conflicto europeo*, apontando como «um novo ideal reconstituinte e de saude para Espanha... a constituição duma grande nacionalidade libio-iberica conforme as leis da sua natureza historica e antropologica». Claro que por nacionalidade «libio-iberica» teremos que entender, não um Estado ape-

Digitized by Google

nas, não uma patria unica, mas uma comunhão de Estados e de Patrias, que, unidos pelo mesmo vinculo de origem e de cultura, espontaneamente se aliavam para manterem no mundo os direitos do seu sangue e da sua vocação social.

Ora, Portugal e Espanha, solicitados do outro lado do mar pela pressão cada vez mais forte das republicas da America indevidamente chamada «latina», precisam de reconhecer quanto antes que, se ao tipo anglo-saxão corresponde um modo especial de civilisação e de expansibilidade, ha um tipo iberico, peninsular, ou hispanico, como queiram, mais dotado do que aquele, porque se reproduz com mais fecundidade e deixou atrás de si uma sementeira infinita de nações.

Esse tipo é o tipo do *homo-mediterranensis,* em que indubitavelmente o berbere se filia. Nosso parente pelos mais apertados élos etnicos e institucionais, só o separa de nós o grau de sociabilidade atrasada em que o mussulmanismo o deixou. De resto, tanto na sua tendencia monogamica, como no sistema comunal das suas aldeias, o berbere, já hoje deslindado nos mais confusos dos seus ramos genealogicos, não pode subtrair-se ao direito que nos assiste de o trazermos até nós. Se a invasão mahometana na Peninsula se moderou ao contacto das populações vencidas, é que os exercitos conquistadores compunham-se sensivelmente duma maioria desproporcionada de berberes. Daí a expressão felicissima com que um insigne arabista

Digitized by Google

espanhol designou como «guerras civis», como puras «guerras de religião», o duelo secular da Reconquista.

E' com este criterio que eu me resigno a aceitar o «irridentismo» assinalado por Pedro Tardo, a proposito da disputa, que se me assegura iminente, em torno da soberania de Tanger. Irridentismo, relativamente, não á Espanha, mas á Peninsula, acrescendo circunstancias historicas de ocupação e senhorio em favor de Portugal. Titulos nominais que ninguem respeitará, que tristesa se não sente, ao vêrmos como o nosso sacrificio, dos maiores sem duvidas na grande guerra, não pesa na balança dos quatro burgueses de Versailles, para que, ao menos, devolvendo-se-nos um torrão que já foi nosso, se nos rasgasse uma possibilidade de reparação para a nossa incalculavel ruina economica! E a tristesa é mais funda e mais dolorosa, se nos lembrarmos que nem uma boca se abriu reclamando Tanger,—para que diabo servirá isso?!:— entre as repimpadas serenidades que nos representaram no Congresso da Paz!

Impossibilitados assim de ficarmos com Tanger, não nos é licito, em todo o caso, permanecermos indiferentes perante a sua sorte. Ou a internacionalisação se mantem,—ou que Tanger não seja alienada, em beneficio da França, ás legitimas pretensões peninsulares. Não é o que a França deseja e quer. Mas será o que a Espanha se ha-de empenhar, decerto, em obter. A questão assume, no

Digitized by Google

entanto, o seu periodo agudo. Depois do informe de Maurice Long, segue-se com mais larga significação o do antigo ministro Barthou. Coincidem as vistas de ambos. E a imprensa espanhola, nos seus variados sectores, surge-nos fundamente preocupada. «O regimen dum Tanger francês»—afirma *El Debate*,—«resultaria imcompativel com a presença da Espanha no Noroeste africano, presença que é necessaria para a sua vida autonoma.» E o jornalista remata o seu pensamento:—«Eis porque os olhos dos espanhois patriotas se não devem apartar de Tanger, como se não devem apartar do estreito calpense, nem de Portugal, nem das nações da America que falam o idioma castelhano.»

O relatorio de Barthou é todo um hino entusiastico aos tesoiros inesgotaveis de Marrocos. Sem me abandonar a lamentações doentias, como eu meço bem que erro mortal não tem sido para as duas patrias o facto de sempre a politica peninsular se haver dirigido, não pela ideia duma aliança forte e amiga, mas pela ideia negativa da conquista e de absorção! Mais uma vez as suas consequencias se acham a descoberto! Na partilha de Marrocos, naturalmente, caber-nos-ia a região atlantica, como a região levantina caberia á Espanha. Conseguiriamos agora o que o imperio do Mar não nos deixou conseguir em outros tempos, embora D. Sebastião, desacreditado e incompreendido, tentasse, ainda que tarde, imprimir emenda ao rumo que Portugal levava, exaurido na moleza e nas sangrias do

Digitized by Google

Oriente. Mas tudo se desfez na poeira dum sonho que se tocou de perto e esteve quasi a fixar-se em realidade! Só nos resta a interrogação da atitude da Espanha, quando terminantemente o problema se ponha.

Porque, repito, não sendo nossa, não nos é indiferente que Tanger seja da Espanha ou da França. Tanger, em poder da França, é evidentemente a Peninsula terra de passagem,—zona aberta a penetrações desnacionalisadoras e perigosas. E eu penso como, já em 1891, Moniz Barreto pensava: —«A unidade moral da Peninsula significa a segurança das nações que a constituem, e mais uma garantia para a causa da paz e da cultura europeia.» A França em Tanger é o desafio, a expoliação, a ameaça permanente, como que um outro Gibraltar a prender-nos os movimentos. Que visão de profeta não iluminava Moniz Barreto ao caracterisar o conflito, positivamente nos termos em que ele se desenha!

«Quem tiver estudado a historia da Europa nos ultimos trinta anos, sabe que, ao mesmo tempo que as condições do equilibrio aumentavam, os problemas constitucionais da diplomacia europeia se teem definido e encaminhado para uma solução que ninguem pode garantir que seja pacifica,»—ponderava Monis Barreto. «Entre esses problemas constitucionais conta-se aquilo a que se póde chamar desde já a Questão do Ocidente. A incapacidade a um tempo social e étnica dos musulmanos do Maghreb

Digitized by Google

para se constituirem num grande Estado viável e progressivo, envolve na extremidade ocidental do Mediterraneo consequencias análogas ás que condições analogas determinam na extremidade oriental. A questão dos estreitos reproduz-se na ponta oposta do mar em que se elaborou a velha cultura europeia e atrai a atenção de todos os que teem interesses presos á situação das passagens maritimas. E entre esses, a Espanha, para quem a questão do Estreito é não só de liberdade comercial, mas de segurança nacional, não pode ser a ultima a precaver-se.»

Eis o que está para nós, Portugal e Espanha, em risco de suceder. Desarmados, inermes, nem temos voz para o nosso protesto, nem força com que o hajamos de sustentar. Mas, discursando num cemiterio belga, o pitoresco Wilson já anunciou que esta guerra fôra a penultima. Resta-nos a ultima. Ninguem dá mais de dez anos para que os fermentos de ódio, espalhados pelos quatro burgueses da Versailles, se desflagrem numa nova rajada de sangue e de destruição. O equilibrio, alvo sapiente das velhas monarquias europeias, desfeito pela violencia, só pela violencia se recuperará. Com a Córsega, Nice e a Saboia inscritas na bandeira do seu irridentismo, a Italia, potencia mediterranea a competir com a França, não irá mais no lôgro da guerra finda. Qual a atitude da Espanha? A da neutralidade,—impossivel. Pedro Tardo já o entrevê, aludindo de leve ás consequencias da cubiça gaulesa pelo que respeita a Tanger. Dez anos é pouco

Digitized by Google

tempo, mas em dez anos salva-se um país. Deus permitisse que Portugal, reorganisado pela acção vigorosa e consciente da sua Realesa tradicional, pudesse então restaurar-se das desgraças e das ignominias em que a vitória agora sordidamente o abandonou! Tanger seria decerto uma das recompensas. E com Tanger, um passo andado para que, cingido entre tantas nações de origem peninsular, o Atlantico se tornasse deveras, como já foi, e como o sonhou el-rei D. João IV, um verdadeiro lago português, um indisputado «*mare nostrum*».

Agosto, 1919

Digitized by Google

O CASO D. JAIME

Digitized by Google

Digitized by Google

O CASO D. JAIME

A recente nomeação do senhor Larramendi para secretario-geral em Espanha da politica do duque de Madrid, o extraordinario discurso de Vazquez de Mella na festa tradicionalista de Bilbau e a saida do «*Pensamiento español*», trouxeram novamente para as idas e vindas da imprensa a discussão do caso D. Jaime. Sabe-se que a melhor e a mais bela parte do antigo partido carlista se separou da pessoa do Pretendente em começos do presente ano. As razões para a scisão deu-lhas, e de sobra, D. Jaime com a sua dúplice atitude em face da guerra. Por intermedio dos periódicos que lhe eram afectos, e sobretudo pela eloquencia admiravel de Vazquez de Mella, o jaimismo sustentára sempre a defeza da neutralidade a todo o transe, em harmonia com a politica internacional que ainda ultimamente Carlos VII, ou apenas «Don Carlos», definira e confirmara no seu testamento.

Politica «*castizamente española*», imposta pela geografia e pela historia da Peninsula, é a politica dos «*trez dogmas*» de Espanha do não menos ce-

Digitized by Google

lebre discurso de Vazquez de Mella em 31 de Maio em 1915, no *Teatro da Zarzuela* em Madrid. Assenta essa politica na reivindicação do dominio do Estreito, na federação com Portugal e na união moral, economica e diplomatica com os Estados hispano-americanos. Não é para agora o seu exame e apreciação. Um ponto, porem, carece de imediato esclarecimento. A federação com Portugal, tanto para D. Carlos, como para Vazquez de Mella, seu testamenteiro espiritual, não representa sujeição, e muito menos absorção.

Dentro do respeito devido á ampla e plena soberania do nosso pais, entende-se apenas como a uniformidade da politica exterior em ambas as patrias, para garantia do qual reputa Vazquez de Mella necessaria a existencia dum conselho ou orgão permanente, composto de representantes das duas nacionalidades, a fim de que a acção externa da Peninsula se possa desenvolver com firmesa e continuidade, acima das contigencias intestinas do partidarismo. Quando nessa federação entrassem os estados hispano-americanos, seria assim uma especie de «sociedade das nações» de origem peninsular, mais positiva e mais natural do que a outra, gerada como um mito absurdo da cabeça de mestre Wilson.

Claro que semelhante politica é antagonica com a politica até á actualidade inspirada e mantida pela Inglaterra pelo que respeita á Peninsula. Entretanto, eu creio que na transformação sensivel dos

Digitized by Google

acontecimentos a Inglaterra transformará a sua hostilidade secular para com as relações reciprocas de Portugal e da Espanha. Se a posse da hegemonia do Oceano a levou a impedir cuidadosamente que na Peninsula se constituisse uma unidade forte que lha disputasse com probabilidades de vitória,—a Inglaterra nunca se esqueceu que a *Invencivel-Armada* podia ter sido a sua morte sem remedio,—perante o imperialismo já mais que evidenciado dos Estados Unidos, a Inglaterra é hoje a primeira empenhada na constituição rapida dessa força. As intenções dos Estados-Unidos para com a America hispano-portuguesa são bem conhecidas, por outro lado, pelo exemplo que nos oferece a sua influencia dissolvente no Mexico, fomentando a desordem e a ruina daquela republica.

A chamada *liga do A B C* (Argentina, Brasil e Chili) é presumivel que volte a ressurgir, suscitada pelo crescer da invasão *yankee*. Ora a Inglaterra, com a sua preponderancia no Oceano seriamente ameaçada, não tardará em aproveitar em seu favor as energias americanas, adversas aos Estados-Unidos, facilitando e promovendo, como condição essencial, a aproximação das duas patrias peninsulares.

Convicção esta minha, que não dificulta que eu reconheça os sobejados fundamentos da concepção politico-diplomatica do velho partido legitimista espanhol. Fiel á sua gloriosa tradição, Vazquez de Mella, no discurso do *Teatro da Zarzuela*, mais

Digitized by Google

uma vez se afirmou inteiramente contrario á Inglaterra:—«*Yo tengo simpatias por Francia e Italia y admiro a Inglaterra*»—exclamava o ilustre tribuno na festa de Bilbau;—«*pero, el recuerdo desta no pudo separarlo del de Gibraltar y el de nuestras colonias*». Compreende-se assim a neutralidade, com pronunciadas inclinações pela causa da Alemanha e da Austria, como sendo para o jaimismo e para a sua politica «*castizamente española*» o mais consequente de todos os corolarios. A Espanha não queria a guerra,—é certo. Mas não é menos certo que o jaimismo pesou deveras na opinião do país, dando-lhe consciencia e forma, para que a neutralidade se salvaguardasse a despeito dos esforços desesperados das «esquerdas», apostadas, tal como em Portugal, em atirarem a sua patria para um sorvedoiro de desgraças sem fim.

Com bem justa consolação interior poude Vazquez de Mella declarar, em Bilbau:—«*Cuando yó hablé en Santander estaba a punto de romperse la neutralidad española, pues Inglaterra nos oferecia el cambio de Tanger por Gibraltar, cession esta que el partido tradicionalista supo evitar. Y por prestar este servicio a la Patria, impidiendola de seguir el ejemplo de Portugal, los tradicionalistas solo han recebido ingratitudes e injurias!*» Segundo uma aspiração antiga do carlismo e verificada em tanta conjuntura, o tradicionalismo *governava* fóra do governo. Agradeceu-lho a Espanha a que eu costumo chamar a «outra Espanha.»

Digitized by Google

E a prova é que se pensa numa homenagem de reconhecimento a Vazquez de Mella, havendo partido a ideia do reputado economista Ramon de Olascoaga, professor da Universidade, que, embora um homem da «direita», não é, no entanto, um tradicionalista, pelo menos, filiado. Não perdoou, porêm, o radicalismo a Vazquez de Mella a sua intervenção decisiva. E com o radicalismo, — oh, paradoxo dos paradoxos! —, não lho perdoou igualmente D. Jaime.

Vencida a Alemanha, viu-se, com efeito, o filho de D. Carlos exautorar em publico a conduta de Vazquez de Mella e dos seus amigos mais significativos.

Houve a principio, de parte a parte, receio e hesitação em se estremarem os campos. Por fim, a tempestade rebentou. E D. Jaime, com perder os elementos mais valorisados do seu partido, deixou de si a impressão dum pretendente marca Alphonse Daudet no romance *Les rois en exil*. «*Cuando Alemania triunfaba*», — continua Mella falando, consoante o extracto do seu discurso em Bilbau —, «*Don Jaime animaba los sentimientos germanofilos del partido*; *cuando aquela és, por intervencion de Norte-America, derrotada, vino la desautorizacion, diciendose a la vez en España lo contrario do que se decia en Paris*». E a justificação de Mella foi, realmente, ruidosa. Na longa contestação ao *Manifesto* de D. Jaime, que Mella inseriu em *El Debate*, motivaram sensação profun-

Digitized by Google

dissima os *fac-similes* das cartas em que o Duque de Madrid aplaudia e encorajava Mella a prosseguir nas suas campanhas neutralistas.

•Em presença da documentação produsida, o caso *pessoal* ficava julgado, absolutamente julgado. Mas faltava ainda julgar o caso *politico*. Não se tratava apenas dum conflito com um homem. Tratava-se do desacordo com um rei. Convem-nos a nós encarar esse aspecto da questão, porque D. Jaime não é só D. Jaime, — D. Jaime é, presentemente, na falencia das casas reinantes da Europa, um tipo psicologico em demasia acentuado, como que uma especie dinastica bem caracterisada.

Para instruir o processo de rutura, Vazquez de Mella não precisava de mais nada senão de relembrar a essencia do proprio tradicionalismo.

O tradicionalismo espanhol, como o tradicionalismo português, tira dos concilios de Toledo a sua noção de Realeza. «*Faciendo derecho el Rey,*» — reza um texto medieval—, «*debe haver nombre de Rey, e faciendo tuerto pierde nombre de Rey. Rey serás si facieris derecho, si non facieres non serás Rey*». E' o conceito *(Rey eris si recte facias, si non facias, non eris)* que de Santo Isidoro, o insigne arcebispo de Sevilha, passou ás *Siete-Partidas* e mais corpos legais da epoca. Resulta de aqui, em directa genealogia, o principio tradicionalista pelo qual *a legitimidade da instituição é superior á legitimidade da dinastia*. Não é permitido, assim, ao monarca nem que promova a destruição do reino

Digitized by Google

nem que se sobreponha ás condições fundamentais em que se baseia o direito da sua dinastia. Da perfeita identificação dêsse direito com o direito nacional é que deriva a virtude da *legitimidade.*

Mas o rei deixa de ser *legitimo* quando se divorcia da natureza e estrutura da instituição monarquica. A instituição monarquica, tanto em Portugal como em Espanha, admite a deposição e, se reconhece o *poder-pessoal* não é, contudo, cesarista, como a instituição monarquica francesa. Com o seu inqualificavel procedimento, D. Jaime, não só rasgava o testamento paterno, como tornava num puro farrapo o programa da sua comunhão. Uma das bases da rutura com D. Jaime, á face do direito tradicionalista, foi haver ditado uma norma de politica externa, sem a audiencia e o conselho das forças representativas do seu partido. Donde se vê que um tradicionalista nunca é um absolutista. «*Me separo de Don Jaime porque este se ha separado de la doctrina tradicionalista*», — explica Vazquez de Mella na resposta ao aludido *Manifesto.* Na verdade, quando um bom monarquico se afasta do seu Monarca, é porque o seu Monarca se afastou da Monarquia.

Fragmentado irreparavelmente o jaimismo, o grupo que acompanhou a Mella, — o mais numeroso e mais significativo, inscreve-se hoje unicamente «tradicionalista». Ao lado de Mella figuram o general D. Cesareo Sanz Scartin, actual senador pela Navarra, e o marquês de Cerrallo. O marquês

Digitized by Google

de Cerrallo é em Espanha, além dum grande aristocráta, um grande sábio. Arqueólogo ilustre, o estudo das civilisações propriamente ibéricas deve á sua inteligencia e á sua fortuna, um impulso devéras formidável. Foi o marquês de Cerrallo quem descobriu a estuação pre-histórica de Torralba, uma das mais antigas, senão a mais antiga estação humana conhecida na Europa. Pois com tão valiosos recursos, a que não falta o apoio do Infante D. Afonso de Bourbon e Este, tio de D. Jaime, e uma massa eleitoral que lhe permitiu levar ao Congresso tres ou quatro deputados, o *Tradicionalismo* é em Espanha mais um pontuário de acção social e nacional do que uma questão dinástica em aberto. Não é que os tradicionalistas se fusionem no regimen vigente ou abdiquem de no futuro procurarem um novo caudilho. Ao desligar-se de D. Jaime, terminantemente o dizia Vazquez de Mella: — «Mantenha-se unida e sem mutilações a Bandeira,—e o *abanderado* aparecerá». Mas, atendendo á gravidade da hora, o Tradicionalismo pretende ser, sobretudo, «*el centro de convergencia de las más sanas fuerzas sociales*».

Muito ha, efectivamente, a aprender neste desgraçado caso D. Jaime. «*Jaime é impossivel!*» — desabafava duma vez D. Carlos, em Lorédan, a Vazquez de Mella. — «*Quando eu morrer, pensai numa republica católica!*» Volveu-lhe Vazquez de Mella: — «*Senhor, eu não sou republicano... sou monarquico! E a um Rei pode faltar-lhe um trono,*

Digitized by Google

mas a um trono nunca lhe falta um Rei! » Não é outra a lição que, na realidade, se tira do estrondoso naufragio do jaimismo. Salvem-se os principios em toda a sua pureza, em toda a sua magnifica integridade, — e o Rei surgirá, suscitado pela lei imperiosa das circunstancias. Disso nos convence o exemplo do *Tradicionalismo* espanhol, como nos convence de que antes Monarquia sem monarca, do que Monarquia sem monarquicos. A pessoa passa, a instituição fica. E' esse o espirito da verdadeira Realesa!

E já agora não termino sem recordar uma frase de Nocedal, evocada por Mella a propósito ainda de D. Jaime. «*O valor dos homens publicos não se mede tanto pelo aplauso, como pelo odio que despertam*», — observava em dada ocasião aquele politico e publicista. «*E a sua nulidade?*», — preguntaram-lhe do lado. — «*A sua nulidade? A sua nulidade, naturalmente, pelo desprezo que inspiram!*» Eis o que sucede, não só a D. Jaime, mas a todos os que com ele se pareçam!

Novembro, 1919.

Digitized by Google

Digitized by Google

NA SINAGOGA

Digitized by Google

Digitized by Google

NA SINAGOGA

Detenho-me um momento a pensar que no Palacio em que os Aliados se tratam agora por «tu» com os representantes da Republica dos Soviets, ha uma grande e bela apoteose de S. Jorge,—lança em riste, cavalo empinado, com o dragão vomitando fogo, mas já dominado pela serenidade heroica do antigo mártir cristão. Isso me satisfaz como um simbolo perfeito das intenções de Deus ácerca dos destinos ensombrados da nossa Europa, levada para a carreira solta do abismo por mão de quatro ou cinco burguses que são como arlequins de feira desempenhando momíces sobre um scenario de tragedia viva.

Nunca as inteligencias dos que governam os povos estiveram, como hoje estão, num plano tão inferior á lei das circunstancias! Consequencia evidente do rebaixamento mental que a Democracia importa consigo,—nós não esquecemos ainda a caricatura que Keyes nos traçou no Conselho dos Quatro durante os preparativos da Paz. Pois a Paz se formulou em condições que se tornaram depres-

Digitized by Google

sa em outros tantos motivos de guerra, com Clemenceau eternamente enterrado no seu *fauteiul,* rodando eternamente as suas luvas de *Suéde-gris,* e aquele pobre diabo de Wiison, de luneta e de expressão presbiterianas, ouvindo da boca dos interpretes o que á sua roda se conversaria em francês. O que se sucedeu depois sabemo-lo nós na via dolorosa em que a Europa se vê arrastada e crucificada por uma insensatez que lembra a loucura preliminar com que o Olimpo costumava brindar primeiro os que desejava perder.

Se na complicação cada vez maior dos problemas que entenebrecem o futuro do nosso continente o excessivo nacionalismo francês teve responsabilidade, que ninguem decerto lhe diminuirá, não resta duvida que em Genova o ponto de vista da França, anunciado na sua maxima extensão pelos realistas da *Action Française*, é o ponto de vista que corresponde verdadeiramente ao interesse e á tranquilidade da Europa. Folheio para me certificar o ultimo livro de Georges Valois,—*La reconstruction économique de l'Europe,* e não hesito em concluir com o seu autor que Genova será a continuação de Cannes e que é preciso salvar-nos da Horda que nos espreita e ameaça, restituindo aos povos «*les princes ou les Républiques qui écartent la Famine, le Choléra et la Peste, parce qu'ils protegent l'Esprit, la Paix et le Travail.*»

Tratar realmente com a Russia no momento em que a dictadura de Lenine se aproxima do seu ar-

Digitized by Google

ranco final, denunciaria um inqualificavel proposito criminoso, se não revelasse, sobretudo, um conceito insuficiente da sociedade e das relações morais que a devem reger. Perante os delegados do Rei-Negro, — como chama Valois a Lenine, senhor de vidas e fazendas, — nós sentimos bem como os enviados das patrias ocidentais não passam de tristes e miseros fantoches, refletindo na sua oratoria sem chama o vasio e a secura do mito, — dum mito individualista que nos atira para a ruina e anda já preparando a sepultura em que pretende enterrar-se connosco! Na verdade dir-se-ia, olhando o espectaculo que Genova nos oferece, que o mundo oscila, como prisioneiro da garra do Diabo, entre a Catastrofe e a Decadencia.

E' por isso com um estremecimento de pavor que se leem as palavras recentes de Daniel Halévy: — «*L'illuminisme matériel du communisme revolutionnaire brule d'une flamme sombre qui nous consumera dans les ténebres et confondra nos âmes mêmes.*» O iluminismo material! Nada mais exacto, nada mais arrepiantemente exacto! Ha, sem contestação, uma animalidade mística, sinal transparente da garra do Diabo, no frenesim vermelho que se desenrola sobre a terra extatica dos Czares. Basta passar as paginas do volume do catedratico e socialista espanhol Fernando de los Rios, — *Mi viaje à la Rusia sovietista,* para nos convencermos de que, pela extinção crescente dos grandes estimulos que enobrecem a vida e levantam a alma, se

Digitized by Google

caminha cegamente para o reinado da Besta, com o gorila espreitando já a sua violencia primitiva.

Mas oiçamos os comentarios de Georges Valois á profecia sinistra de Halévy,—e escutemo-los com o justo orgulho moral de quem se vê abrangido pela esperança ardente do ilustre publicista. «A Europa não escaparia á catastrofe, se ela não tivesse para a salvar senão os liberais ingleses que pensam apenas nos seus interesses, os liberais franceses, que apenas servem os interesses dos primeiros, os liberais russos que não servem os interesses de ninguem, ou ainda os conservadores de todos os países, que não sabem conservar senão o mal e que estão convencidos de que nada pode suspender a marcha do socialismo revolucionario. Mas todas essas energias jovens que se agrupam em França em torno de Maurras, na Belgica, na Suissa, em Espanha, em Portugal, em torno de homens moços, e em Italia ao apelo de Mussolini, todas essas energias retomaram e manteem alto o facho da civilisação. A Europa está cheia de incitações que encontram éco numa mocidade fremente. «*Giovanese! Giovanese!*»—é em Italia a primeira exortação dum canto que cadencía os passos da juventude sobre a terra latina. Nós não estamos em decadencia; estamos mas é ao começo dum renascimento.»

Participamos sem desfalecimento das crenças, fortemente couraçadas, do autor de *L'économie nouvelle!* A Europa não se salvaria, se não tivesse

Digitized by Google

outras possibilidades de defeza, se o seu destino se encontrasse fechado na pasta das repimpadas mediocridades que tratam agora de «tu» os delegados de Lenine, sem reparar que S. Jorge, ao alto, levanta, felismente, a sua lança, atirando-a direita contra o peito do dragão. O perigo que nos envolve é um duplo perigo:—é o perigo revolucionario e plutocratico.

Assim a reconstrução da Europa entende-se nas esferas financeiras, que são o *Deus ex-maquina* da pantomina de Genova, como a obra «duma vasta sociedade por ações de que os diversos governos europeus seriam, de algum modo, os gerentes»,—escreve ainda Georges Valois. A tanto,—ou a tão pouco!—conduz a concepção materialista da Historia!

Não dispõem de mais recursos, na indigencia da sua formação mental, os herdeiros dos dogmas da escola de Manchester! Supõem os burgueses, instalados em Génova, que a Russia se devolverá ao concerto das relações economicas desde que se lhe facilitem os materiais e os capitais de que precisa. Sorri-se Lenine com os seus olhos pequenos e obliquos, em que passa todo o apetite de presa da sua ascendencia mongol. Sorri-se Lenine, contente de que seja a imbecilidade burguesa quem lhe forneça as achas com que alimentará a fogueira em que a ha-de reduzir a cinzas.

Indubitavelmente, se por um lado o iluminismo de que nos fala Halévy, carregado de presagios

Digitized by Google

como uma Cassandra, é na imaginação simplista dos proletarios europeus o caminho sentimental da vesania bolchevista, dá-lhe mais incremento, empresta-lhe asas mais poderosas a cubiça desenfreada dos Banqueiros, vendo na Russia e no declive funesto em que ela lançou a economia europeia, um grande e rendoso negocio,—um negocio formidavel que é necessario explorar e aproveitar. E Lenine continua sorrindo, com os seus olhos obliquos, projectando na sombra um como que desenho macabro, o desenho da cavalgada biblica de Gog e Magog...

*

Mais de metade da Europa está destruida e nós marchamos para o precipicio,—nós, os detentores da Civilisação, porque uma raça, até agora sonambula, se apresenta na historia e vai enredar-nos na sua barbarie de exterminio.

«Sim, somos os Scitas,—somos os Asiaticos de pupilas rapaces. Os seculos pertenceram-vos, ó Europeus, mas a nossa hora, ei-la que chega. Hoje a Russia é a Esfinge! Sim, somos os Scitas,—somos os Asiaticos, de mãos e pupilás rapaces.»

Tal é o cantico da Horda,—escrito e ritmado na poesia estranha do russo Alexandre Bloch, morto na flor da idade e todo ele ardendo no messianismo de Lenine.

E, no entretanto, os de Genova, como perfeitos

Digitized by Google

parlamentares, comem, riem e falam a tantas libras por dia, em bom ouro cunhado, sem repararem na inscrição fatidica inscrita no salão do festim. O que vale é que S. Jorge lá está, de cavalo empinado e de lança em riste!

E contra o cantico:—«Sim, somos os Scitas, de pupilas rapaces...» rebôa por toda a terra latina o grito fremente «*Giovanesi! Giovanesi!*» das gerações do resgate!

Maio, 1922.

Digitized by Google

Digitized by Google

APÊNDICE

Digitized by Google

Digitized by Google

A SUA EMINENCIA REVERENDISSIMA O CARDEAL MERCIER, ARCEBISPO DE MALINES E PRIMAZ DA BELGICA (1)

EMINENTISSIMO SENHOR:

Sobem hoje junto de Vossa Eminencia Reverendissima as homenagens de admiração e de respeito dos Católicos Portuguêses. Não podia a terra cristã de Portugal ficar silenciosa diante da figura extraordinaria do glorioso arcebispo de Malines. Se a vossa palavra apostolica comoveu, Eminentissimo Senhor, a consciencia religiosa do mundo inteiro, teve um eco maior ainda nas pequenas nacionalidades que perante a imolação dessa pobre Belgica martir se sentiram ameaçadas de morte no seu proprio destino.

Tambem Portugal se vê envolvido na tragedia sem nome que abraça a Europa enlutada nas suas duplas tenazes de ferro. No tumulto de ruina e massacre que cresce de hora para hora avassalado-

---

(1) Mensagem redigida por António Sardinha e enviada ao Cardeal Mercier em nome dos Católicos Portugueses.

Digitized by Google

ramente, vós sois, Eminentissimo Senhor, a força desarmada do Espirito, prégando aos povos divididos o respeito inviolavel pela lei do Crucificado. Nunca a Fé nem o Patriotismo encontraram neste momento de amargura suprema quem mais erguidamente os incarnasse e servisse! Debruçado sobre os destroços palpitantes da vossa querida Lovaina, com a vossa catedral desmantelada e as vossas ovelhas padecendo as longas agonias de tristeza e da miseria, toda a existencia historica da Igreja ressurge e se condensa, Eminentissimo Senhor, no exemplo constante de virtude e heroismo, que é a vossa acção de Prelado e de Pai.

Como nos tempos primitivos da Cristandade, vós encheis, Eminencia Reverendissima, esse fundo sangrento de devastações e de batalhas, que é a vossa patria desfeita, pelo exercicio diario dos mais rudes mas tambem dos mais tocantes actos de misericordia. Por vós se enterram os mortos, se recolhem os orfãos, se auxiliam as viuvas, se hospitalisam os enfermos. Vós reconstruis os lares e restaurais os altares, anunciando já para o centenario da independencia da Belgica a victoria total dum país que, como nenhum outro mereceu, — *Per crucem ad lucem*, — as alegrias do resgate pela aceitação gostosa do sacrificio. E, mais alto que os imperios e que as chancelarias, a vossa voz, com a serenidade firme dos justos, não hesita em denunciar à face de Deus e dos homens o *pecado social* duma guerra violenta de conquista, em que de

Digitized by Google

todo se perdeu a noção duma mesma origem em Cristo, que é a estructura sempre moça e sempre fecunda da nossa civilisação católica e romana.

Dizemos «civilisação católica e romana», porque, sem o Cristianismo, a civilisação latina, ou teria desaparecido, ou não seria mais que a legitimação de quantas durezas e de quantas desigualdades constituiram a base da cidade-antiga. A cidade-antiga fundamentava-se na escravidão e no cesarismo, suprimindo assim a responsabilidade moral dos individuos porque lhes não reconhecia a sua autonomia interior. A liberdade, por isso, só nasceu durante essa caluniada Idade-Media, já filha dos seculos cristãos, quando a Igreja alevantou a sociedade dos escombros que a soterravam e lhe deu a Familia por alicerce invencivel.

E' da Familia que deriva mais tarde a Patria, pelo alargamento da comunidade domestica no Municipio e na Corporação. O Municipio consagra o amor da terra, a Corporação, o amor do trabalho.

A cidade-antiga não presava nem o trabalho nem a terra. O trabalho, como tarefa baixa, deixava-o aos escravos; a terra, como materia fiscal, entregava-a à voracidade insatisfeita do Estado. Pois a Igreja dignifica o trabalho e nas Catacumbas o maior elogio que se inscreve sobre a lousa funeraria dos humildes é um apenas: — o de *operarius*. Pois a Igreja abençôa e santifica a propriedade e tira dela a Europa moderna, povoando-a de paroquias como uma abelha povôa de favos a sua col-

Digitized by Google

meia. Lembremo-lo nós no instante que passa, para que não se sobreponham nunca á obra creadora do Catolicismo as falsas ideologias revolucionarias que afincadamente se pretendem substituir á nossa civilisação tradicional.

Vós, Eminentissimo Senhor, guardais como poucos a honra e a nobreza dessa civilisação. A vossa catedral de Lovaina foi sempre um reducto extremado do pensamento catolico contra as alterações depressivas da verdade religiosa e da verdade filosofica. A vós se deve poderosamente a renovação intelectual a que o Santo Padre Leão XIII presidiu com a sua imortal inciclica *Aeterni Patris* em que S. Tomás é invocado como o modelo eterno da eterna sabedoria. Tão depressa Roma indicou o regresso ao Tomismo como o caminho mais direito para se obter o acordo da Razão com a Fé, logo junto de Vós, Eminentissimo Senhor, se acendeu a candeia serena do estudo, a fim de se opôr á influencia perniciosa do naturalismo o verbo forte do Anjo das Escolas, do admiravel Doutor Angelico. Não percorremos agora, nem em rapido relance, o que foi, debaixo dos vossos auspicios, esse renascimento assombroso da Escolastica. Por S. Tomás, comentador de Aristoteles, a Igreja recebera da Antiguidade o que havia de humano e de saudavel nas bôas letras classicas. A continuidade da cultura a Igreja a salvou na crise das invasões barbaras, ao anoitecer da estrela pagã.

Tambem, pelo mesmo patrimonio invencivel, a

Digitized by Google

Igreja nos salva hoje nas melhores e mais belas conquistas do espirito ocidental, elevando com o Tomismo um baluarte inderrubavel contra os sistemas e contra as teorias que, hora a hora, dia a dia, nos chegavam do outro lado do Reno, desde que de lá se alevantára a grande pestilencia da Reforma.

Antes que o arcebispo de Malines se erguesse em padroeiro da sua patria perante o crescer dos exercitos germanicos, já o professor de Lovaina, catedratico insigne, ligado para sempre á mais nobre das reviviscencias da filosofia, se apresentava no combate não menos aguerrido das ideias, ordenando a nossa defeza mental de catolicos e de romanos em face das heresias sociais e morais geradas pelo individualismo protestante.

A guerra espantosa que nos quebra, como a vara de ferro simbolica da Biblia, arranca as suas raizes da divisão trazida á unidade da Europa pela palavra anárquica de Lutero. Acabou de se romper então o equilibrio de sentimentos e de interesses em que a noção superior de Cristandade mantivera unidos os povos e os reis debaixo do sinal pacificador da Cruz. Na falta dum poder que, pela sua divina fraquesa, em nada signifique as ambições da terra e em tudo nos fale a linguagem suprema da disciplina e do sacrificio, a sociedade internacional dissolveu-se, a sociedade internacional deixou de existir. O drama actual em que as nações se enclavinham umas nas outras, despedaçando-se dura-

Digitized by Google

mente como leôas enraivadas, é a consequencia tragica desse erro já secular.

Nós a expiamos com a maior das catastrofes que a historia assinala, não querendo ainda reconhecer que a tanto nos levou o individualismo sem freio da scisão de Lutero. Tal foi a primeira victoria do como que *avant-guerre* em que a Latinidade começou a sentir os impulsos demolidores que hoje a Alemanha traduz na rudesa dos factos, ao proclamar como nunca a sua aptidão ao dominio universal. Seguiram-se depois as inovações perniciosas do seculo XVIII, em que o filosofismo enfatico dos Enciclopedistas, amigos de Frederico II, antecedeu e preparou a Revolução que marca na Europa o principio da hegemonia da Prussia. Do alto da cadeira de S. Pedro já Leão XIII o recordava na sua enciclica *Diuturnum illud.*

«Já no passado,» — escreve o imortal Pontifice, — «o movimento que se chama a *Reforma* teve por auxiliares e por chefes homens que, pelas suas doutrinas, alteraram profundamente a essencia dos dois poderes, — espiritual e temporal; perturbações subitaneas, revoltas audaciosas, principalmente na Alemanha, formaram o sequito destas novidades, e a guerra civil e as perseguições exerceram-se com tanta violencia que não houve uma unica região que não se visse exposta ás agitações e aos morticinios. Dessa heresia nasceram no seculo ultimo a falsa filosofia, o que se intitula o direito moderno, a soberania do povo e a licença sem limites fóra

Digitized by Google

da qual se não sabe já encontrar a verdadeira liberdade».

Nos ensinamentos claros de Roma estão energicamente apontadas as causas dos males que nos afligem. O acto material da conquista não procurou senão consumar o resultado duma lenta e pertinás invasão da nossa consciencia e do nosso pensamento. E' aí, Eminentissimo Senhor, que a vossa acção admiravel se incita. «*Nihil innovetur nisi quod traditum est!*»—eis o lema da vossa vida de padre e de sabio.

Fiel á mais pura essencia da tradição catolica, os baixos subjectivismos da mentira racionalista são dominados por vós numa atitude magnifica de intransigencia e de doutrina. S. Tomás, renovado por Vossa Eminencia Reverendissima, volta a ser o gladio de dois gumes a que nenhuma perfidia mental resiste. Ninguem esqueceu ainda aquela hora de Malines, quando em 1891, numa memoravel assembleia geral de catolicos belgas, o Tomismo, rejuvenescido pelo «contacto das sciencias novas, estudadas segundo o seu proprio metodo», foi apresentado por vós como a sintese de todas as sciencias físicas, naturais e morais. Assim Santo Agostinho, colocado na transição de uma idade do mundo, recolhera a herança intelectual da Antiguidade para a transmitir aos vindouros, já depurada do seu desvairo filosofico. Predestinou-nos o Ceu para uma missão semelhante! Afirmando os direitos da *filosofia eterna*, por vossa mão ingressaram no seu

Digitized by Google

ambito sereno aquelas verificações experimentais, em cuja descoberta os ultimos cem anos foram notaveis.

Nós não conhecemos paralelo mais rigoroso nem mais impressionante! Com os olhos poisados nos espectaculos duma subversão terrivel, Agostinho preparava o renascimento futuro, imprimindo o prestigio salutar da Graça á graça prestigiosa das letras pagãs. Vós, Eminentissimo Senhor, incorporai no vasto morgadio da cultura humana, de que a Igreja é administradora e guardiã, baptisados e redimidos já dos seus defeitos originais, os frutos desse mesmo espirito de curiosidade naturalista, de que os incredulos quiseram fazer o desmentido das verdades absolutas que só vinham confirmar. Por isso na vossa voz, Eminentissimo Senhor, não é o *requiem* soluçante que nós ouvimos por sobre o desabamento abominavel de Lovaina. A belesa da sua alma universitaria não morreu. E parece que, entre tanta ruina e tanto sacrilegio, na vossa boca ressuscita a profecia admiravel de Agostinho, sossegando a turba espavorida dos fieis: —«*Quod Christus custodit, non tollit Gothus !*»

Mas o homem de estado vai completar-se pelo homem de acção. Elevado ao episcopado em 1916, e alguns mezes depois á purpura cardinalicia, Vossa Eminencia Reverendissima em breve revestiu esse supremo ministerio daquele caracter militante, que é a força fecunda das grandes almas eclesiasticas. A vossa linhagem espiritual, Eminentissimo Se-

Digitized by Google

nhor, é a linhagem espiritual dos primeiros padres da Igreja. A actividade e a piedade congregam-se nos mesmos intuitos de pensamento e de coração. Lembrando uma maxima celebre de Santo Inacio, vós resais sem contar convosco, e trabalhais sem contar com Deus. E ao lermos agora as vossas exortações em que o sublime do Cristianismo toma a forma simples duma verdade em que até o entendimento fragil das crianças pode comungar, nós não sabemos se é Pedro-Apostolo que fala das promessas infaliveis de Cristo aos martires que vão morrer confessando a fé, se Sua Eminencia Reverendissima o Cardeal Desiderio Mercier, Arcebispo Primaz da Belgica, que, ao mesmo tempo que proclama o patriotismo uma virtude cristã, abençoa os que, de armas na mão por uma causa justa, caem no bom combate, entregando a Deus a sua vida como o mais alto e o mais sentido de todos os sacrificios!

A pastoral de Dezembro de 1914, *Patriotisme et endurance*, assinala para a veneração do mundo inteiro esse extaordinario vigor moral que soergue já nos fundos severos da historia a vossa figura excepcional de Prelado e de Doutor. Com razão Mgr. Baudrillart a considera um acto tão belo como a atitude de S. João Batista na presença de Herodes, como a do papa Gregorio VII na de Henrique IV da Alemanha e a de Tomás Becket na de Henrique II de Inglaterra. Na total anulação de todos os elementos materiais da defeza só a energia de-

Digitized by Google

sarmada do Espirito ficou inflexa, como outrora em Roma, no Papa Leão, saindo ao encontro das furias assoladoras de Atíla. São de sacerdote as vossas palavras,—não esquecem jamais a brandura do perdão. Mas, porque elas se inspiram nos altos dictames da caridade cristã, é que vós, Eminentissimo Senhor, não deixais nunca de afirmar que «o direito violentado continua sendo o direito e que a injustiça apoiada na força é sempre da mesma forma a injustiça.» E com que sereno desassombro, Vossa Eminencia Reverendissima, d'olhos poisados na Cruz e as mãos santificadas de padre traçando um geste largo de reprovação, recorda á nação belga agrilhoada que o poder que o governa não é uma autoridade legitima, não se lhe devendo por isso nem a estima, nem a obediencia! Assim a Belgica vos quer e olha como a incarnação viva da sua formidavel resistencia religiosa e patriotica!

A «Tregua de Deus» viu-se outra vez prégada por Vossa Eminencia Reverendissima naquele apelo dirigido ao Episcopado da Austria e da Alemanha para a constituição dum tribunal de apreciação desapaixonada e calma, onde a verdade se restabelecesse contra os rancores e contra as confusões que a obscurecem. Foi mais uma nobre tentativa para a restauração da sociedade internacional, que só encontrará apoio e repouso na Igreja Pacificadora, a quem Jesus, seu Fundador, confiou a assistencia da Eternidade. Assim, a vossa atitude perante as deportações ordenadas por Von Bissing, coman-

Digitized by Google

dante militar de Bruxelas, não ha ninguem que a não tenha guardado no seu coração, porque é o maior legado moral da temerosa catastrofe que nos disima em carnagens que fariam empalidecer as da propria Antiguidade. Vós recuperais, Senhor, os direitos da Cruz sobre a Europa despedaçada. Por isso á Belgica em agonia concedeu a sua primeira benção o Supremo Pontifice no momento em que era elevado á cadeira de Pedro. E' simbolica essa benção, pois caindo na desgraça e na desolação, caiu sobre o calvario dum povo, a quem não falta a crença de seus Maiores para que lhe haja de faltar a fé na ressurreição futura. Já vós anunciais para daqui a treze anos, no centenario exacto da independencia do vosso país, o premio da sua constancia na angustia e da sua lealdade no martirio. «*Non tollit Gothus quod Christus custodit*». E a voz profética de Agostinho enche-vos a alma de certezas misticas, as mais fortes e as mais verdadeiras de todas as certezas!

Não podia a terra fidelissima de Portugal permanecer silenciosa diante do vosso fervor apostólico. Somos pequenos como a Belgica, a nossa historia, como a da Belgica, se escreveu á sombra da Cruz. Ainda agora, só na Cruz nós depomos a esperança no nosso resurgimento. A mesma remissão em Cristo, que une entre si os homens, une igualmente as nações. A Belgica cativa é amada e chorada em Portugal. Saudemo-la no seu Primaz, no seu Rei, nos seus Mortos, no seu Exercito, nos

Digitized by Google

seus Herois, nas suas Viuvas, nos seus Orfãos! A Vossa Eminencia Reverendissima entregamos os votos sentidos dos Católicos Portugueses. Não sejam os destinos da nossa Patria esquecidos por quem, como Vós, Eminentissimo Senhor, se encontra tão perto de Deus pela Virtude e pela Oração. Que o nome de Portugal mereça de Vossa Eminencia Reverendissima a lembrança duma prece diaria, enquanto nós, ajoelhados aos pés do grande arcebispo de Malines, lhe beijamos respeitosamente o sagrado anel.

Lisboa, 10 de Junho de 1917.

Digitized by Google

INDICE

	Pag.
A Democracia e a Guerra	1
Capital e Trabalho	9
O caso da Suiça	19
A soberania de Roma	31
Porque resiste a Alemanha ?	41
O Principe da Paz	53
Revolução em Espanha ?	63
A resposta de Wilson	73
A ordem burguesa	85
As Monarquias de ámanhã	95
A batalha do Bussaco	107
O nosso futuro	119
As duas raças	131
El-Rei D. Carlos	143
A transformação do Estado	157
Anibal de Azevedo	171
Alexandre Cabeças	181
A Democracia na America	195
Quatro anos depois	209
Os sapos de Clovis	221
A questão de Marrocos	233
O caso D. Jaime	245
Na Sinagoga	257

APENDICE

Mensagem ao Cardial Mercier	267

Digitized by Google

67 211 A A 30.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 03588 1965

Digitized by Google

Digitized by Google